



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Projeto de Pesquisa:

“A CIDADE IBEROAMERICANA: HISTÓRIA, CULTURA E URBANISMO.

PASSAGENS DO IDEÁRIO URBANÍSTICO ENTRE

BUENOS AIRES, RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO.”

RELATÓRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO

Apresentado ao Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa

Prof. Dr. Candido Malta Campos (líder do projeto)

São Paulo, SP

Outubro de 2011

Apresentação:

Este relatório se refere ao primeiro ano de desenvolvimento do projeto de pesquisa interinstitucional “A Cidade Iberoamericana: História, Cultura e Urbanismo - Passagens do Ideário Urbanístico entre Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo”, liderado pelo Prof. Dr. Candido Malta Campos, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil. Deriva de projetos anteriores sobre cidades iberoamericanas lançados desde 2002 no âmbito do grupo de pesquisa Urbanismo Brasileiro e Iberoamericano, liderado pelo Prof. José Geraldo Simões Junior, e foi pensado como uma etapa inicial a ser desenvolvida no sentido de gerar projetos subseqüentes enfocando outros conjuntos de cidades. Em grandes linhas, este projeto enfoca transferências e intercâmbios de elementos do ideário urbanístico entre esses grandes centros urbanos da América do Sul – São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires - desde o final do século XIX até o momento atual, destacando alguns momentos, episódios, debates, propostas e protagonistas que ilustram pautas comuns e cruzamentos de referências.

As atividades relatadas correspondem, em princípio, ao período financiado pelo Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa, a partir do projeto apresentado ao Edital Mackpesquisa / Subvenções a Projetos de Pesquisa de julho-agosto de 2009, e aprovado no final do mesmo ano; ou seja, cobre o período que vai de fevereiro de 2010 a janeiro de 2011.

Entretanto, é preciso salientar que a partir do segundo semestre de 2010 a pesquisa também passou a contar com financiamento do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, em função do mesmo projeto ter sido apresentado ao Edital Ciências Humanas e Sociais Aplicadas / 2010, no qual foi aprovado, abarcando o período que vai de outubro de 2010 a setembro de 2012. Em agosto de 2011 foi concedida ainda mais uma bolsa de Iniciação Científica para um integrante discente de Graduação para apoiar o desenvolvimento do projeto, estendendo-se até julho de 2012.

Assim, este primeiro ano de trabalhos envolve, conforme já se previa no início, apenas uma primeira etapa de investigação, a qual vem tendo continuidade ao longo do presente ano; a equipe de pesquisa continua em plena atividade, o grupo continua tendo reuniões regulares, programação de trabalhos, encontros de pesquisa e assim por diante. Conseqüentemente, a maioria das atividades encontra-se em andamento, e o presente relatório deve ser entendido como um balanço preliminar dos resultados obtidos até o momento; além disso, alguns desenvolvimentos ocorridos e/ou programados para o ano de 2011 também serão relatados.

INTRODUÇÃO

1. INSERÇÃO INSTITUCIONAL

O projeto em pauta, liderado pelo Prof. Dr. Candido Malta Campos, integra um grupo de pesquisa da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie denominado Urbanismo Brasileiro e Iberoamericano, liderado pelo Prof. Dr. José Geraldo Simões Junior; com atuação que vem sendo consolidada desde 2002, quando um primeiro projeto sobre as cidades iberoamericanas foi montado e desenvolvido em conjunto com o Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca, Nesse sentido, dá continuidade ao projeto de pesquisa de caráter interdisciplinar “A Cidade Iberoamericana: Estudo comparativo do desenvolvimento urbano entre Brasil, Espanha e países de língua espanhola da América Latina”, liderado pelo Prof. Dr. José Geraldo Simões Junior, realizado entre 2002 e 2005, com apoio do Programa CAPES/ MECD de cooperação internacional, convênio então existente entre o Ministério da Educação do Brasil e o Ministerio de Educación, Cultura y Deporte espanhol.

Empreendido em conjunto com pesquisadores do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca, coordenados pelo Prof. Dr. José Manuel Santos Pérez, deu origem à publicação de um CD-Rom com os resultados, intitulado “A cidade iberoamericana: O espaço urbano brasileiro e hispanoamericano em perspectiva comparada”.¹ Trata-se de uma investigação concebida em várias etapas, das quais a presente, enfocando os casos de Buenos Aires, Rio de Janeiro e os respectivos nexos com o caso de São Paulo, deverá ter continuidade em projetos subseqüentes enfocando, ora os casos de outras cidades do universo iberoamericano que se tornaram referenciais para o debate local, como o de Barcelona, ora o papel das consultorias internacionais (francesas, norte-americanas, catalãs) nas formulações do debate urbanístico nas cidades em questão.

¹ Além dos Profs. Drs. José Geraldo Simões Junior, Candido Malta Campos, Carlos Guilherme Mota, Fernanda Magalhães e Nadia Somekh, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, aquele projeto contou com a colaboração da Profa. Dra. Marlise Vaz Bridi, do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade; dos Profs. Drs. José Manuel Santos Pérez, Julio Sánchez Gómez e Izaskun Álvarez Cuartero, do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca; do Prof. Alberto Guillón, da Universidade de Cádiz; e dos professores doutores Nestor Goulart Reis e Beatriz Bueno, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

2. EQUIPE

O projeto atual, iniciado em 2010, focado nos casos de São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires, vem contando com uma ampla equipe de pesquisadores docentes e discentes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, campus de São Paulo, SP, Brasil. Entre os docentes inscritos desde o início no projeto temos:

o Prof. Dr. Candido Malta Campos (líder);

o Prof. Dr. Carlos Guilherme Mota;

a Profa. Dra. Eunice Helena Sguizzardi Abascal;

o Prof. Dr. José Geraldo Simões Junior; e

a Profa. Dra. Nadia Somekh;

todos membros do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU / Mackenzie; e:

o Prof. Dr. Ricardo Hernán Medrano,

do curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da mesma faculdade. Posteriormente agregou-se ao grupo a Profa. Ms. Roseli D'Elboux, também do curso de Graduação da FAU / Mackenzie. Entre os pesquisadores discentes inscritos tivemos, de início, duas alunas bolsistas do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo:

a mestranda Daniela Maria Eigenheer; e

a mestranda Laila Mackenzie Mendonça;

mais dois alunos de mestrado inscritos enquanto pesquisadores voluntários:

o mestrando Giulliano Pandori Giancoli; e

o mestrando Vinicius Luz de Lima;

mais dois alunos bolsistas do curso de Graduação da FAU / Mackenzie:

o graduando Breno Eitel Zylbersztajn; e

a graduanda Bruna Machado Hashimoto;

mais uma aluna do mesmo curso inscrita como pesquisadora voluntária:

a graduanda Lais Silva Amorim.

A eles se acrescentou mais um pesquisador discente voluntário oriundo do curso de mestrado, o mestrando Laccy Silva Junior, o qual, embora não inscrito formalmente no projeto, vem participando regularmente dos trabalhos e oferecendo importante contribuição.

3. FORMAÇÃO DE QUADROS

Como se mencionou acima, o projeto contou ao longo do primeiro ano com sete pesquisadores discentes inscritos, quatro deles como bolsistas e os demais como voluntários: três alunos do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU / Mackenzie (dois bolsistas e uma voluntária) e quatro alunos do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU / Mackenzie (duas bolsistas e dois voluntários). Contou ainda com mais um mestrando como pesquisador discente voluntário (Laccy Silva Junior) o qual, por ter se incorporado alguns meses depois do início da pesquisa, não pôde ser inscrito oficialmente no projeto.

Dentre os alunos de graduação, a aluna bolsista Bruna Machado Hashimoto dedicou-se ao tema dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos; o aluno bolsista Breno Eitel Zylbersztajn, ao estudo histórico do caso de Puerto Madero e ao levantamento de bibliografia e periódicos em Buenos Aires; e a aluna voluntária Laís Silva Amorim, ao levantamento dos periódicos de engenharia, arquitetura e urbanismo que, entre São Paulo e Rio de Janeiro, veiculavam o pensamento urbanístico no período estudado. Este trabalho iniciou-se com uma consulta exaustiva ao sistema Dedalus da USP, e prosseguiu por meio de um levantamento fotográfico dos índices das revistas selecionadas por sua relevância para a temática enfocada. Este levantamento ganhou corpo e foi transformado em projeto de Iniciação Científica submetido ao programa PIBIC do Mackenzie, apoiado pelo CNPq, sob orientação do Prof. Dr. José Geraldo Simões Junior, e aprovado em agosto de 2011. Por motivos pessoais, a aluna Laís Silva Amorim não pôde assumir esse encargo e a bolsa foi então transferida para o aluno Breno Eitel Zylbersztajn, o qual já havia encerrado seu ano como bolsista Mackpesquisa desde fevereiro de 2011.

Atualmente em pleno curso, em co-orientação entre os Profs. Drs. José Geraldo Simões Junior e Candido Malta Campos, esse projeto de Iniciação Científica pretende completar substancialmente o levantamento do material em periódicos; e já cobriu, no que se refere aos periódicos argentinos, o mais importante deles, a revista da Sociedade Central de Arquitectos (que teve vários nomes ao longo de seu século e tanto de existência, como *Revista de Arquitectura*, *Arquitectura*, etc.), tendo sido selecionados, a partir dos índices remissivos existentes, e reproduzidos em cópias xerográficas aproximadamente 1.700 páginas com centenas de artigos e notas referentes ao

debate urbanístico em Buenos Aires, cobrindo o período que se estende desde o início do século XX até 1948, aproximadamente. No que se refere ao levantamento em periódicos do Rio de Janeiro e São Paulo, foram selecionados as revistas principais para as quais será feita a seleção e cópia de artigos nos mesmos moldes: em São Paulo, a breve, porém importante *Revista de Engenharia* de 1911-1913; o *Boletim do Instituto de Engenharia* (1917-1941), depois apenas *Engenharia* (1942-), a *Revista Politécnica* (1905-), a *Revista de Engenharia Mackenzie* (1916-), a *Architectura e Construções* (1929-1932), a *Acrópole* (1938-1965), e a revista *Engenharia Municipal* (1955-1965); no Rio de Janeiro, a revista, depois *Boletim do Club de Engenharia* (desde 1887), a *Arquitetura e Urbanismo* (1936-1940), a *Urbanismo e Viação* (1938-1943) e a *Revista da Diretoria de Engenharia (PDF)* (1932-).

Em nível de mestrado, os alunos bolsistas Daniela Maria Eigenheer e Vinicius Luz de Lima elaboraram, concluíram e defenderam suas dissertações de mestrado ao longo do ano de 2010 e do primeiro semestre de 2011, sobre a urbanização no eixo Anhanguera-Bandeirantes, e sobre a trajetória dos planos, do planejamento urbano e das leis de uso e ocupação do solo em Goiânia, respectivamente; mesmo não tendo conexão direta com a temática do projeto, os aportes teóricos e as discussões ocorridas no âmbito do mesmo serviram para subsidiar decisivamente essas pesquisas paralelas no campo da história do urbanismo e da análise crítica do planejamento urbano contemporâneo.

Praticamente todos os alunos envolvidos concorreram com trabalhos apresentados e publicados resultantes de sua participação na pesquisa; seja na Sessão Livre realizada por ocasião do XIV Encontro Nacional da ANPUR, ocorrido no Rio de Janeiro de 23 a 27 de maio de 2011 (Laís Silva Amorim e Daniela Maria Eigenheer); seja por ocasião do I Congresso Latinoamericano de Estudios Urbanos realizado em Buenos Aires, de 24 a 26 de agosto de 2011 (Breno Eitel Zylbersztajn e Daniela Maria Eigenheer); seja no 7º Fórum de Pesquisa FAU / Mackenzie a realizar-se de 17 a 20 de outubro de 2011 (Laila Mackenzie Mendonça, Lacy Silva Junior, Vinicius Luz de Lima, Daniela Maria Eigenheer e Breno Eitel Zylbersztajn).

4. COLABORADORES EXTERNOS

Além da equipe de docentes e discentes do Mackenzie, o projeto vem contando com um seleto elenco de colaboradores externos, os quais, nos cinco encontros de pesquisa promovidos no âmbito do projeto ao longo do segundo semestre de 2010, e em outros eventos científicos, ocorridos já em 2011, funcionaram como “keynote lecturers”; contribuindo para balizar

teoricamente a pesquisa, sugerir temas, períodos e episódios a serem detalhados, e aprimorar o levantamento bibliográfico e a coleta de informações em geral.

Destacaram-se por sua participação:

a Profa. Dra. Maria Cristina da Silva Leme, da FAU / USP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo;

a Profa. Dra. Margareth da Silva Pereira e

o Prof. Dr. Roberto Segre, ambos do Prourb / UFRJ – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Univ. Federal do Rio de Janeiro; e

a Profa. Dra. Alicia Novick; da FADU / UBA – Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo de la Universidad de Buenos Aires.

Também participaram, em determinadas ocasiões, com contribuições importantes:

O Prof. Dr. Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro e

a Profa. Dra. Tamara Tania Egler; ambos do IPPUR – UFRJ – Instituto de Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro;

o Prof. Dr. Cristóvão Duarte; do Prourb / UFRJ – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro;

o Prof. Dr. Jorge Ramos;

Profa. Dra. Graciela Faveluckes; e

Prof. Dr. Mario Sabugo; todos da FADU / UBA – Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo de la Universidad de Buenos Aires;

o Prof. Dr. Adrián Gorelik, da Universidad Nacional de Quilmes e da Universidad Torcuato di Tella em Buenos Aires;

o arquiteto Luciano Pugliese, da Autoridade Metropolitana da Grande Buenos Aires;

o arquiteto Alfredo Garay, ex-presidente da Corporación Autónoma Antiguo Puerto Madero; e

o arquiteto e professor da FAU /UFRJ Sergio Magalhães, ex-Secretário de Habitação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, atualmente presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, seção Rio de Janeiro.

(O Prof. Dr. Nestor Goulart Reis, da FAU / USP. embora convidado, não pôde participar dos encontros de pesquisa por problemas de agenda.)

O projeto também contou com o importante apoio institucional do Prof. Dr. Valter Caldana, Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie; da Profa. Dra. Angélica Aparecida Tanus Benatti Alvim, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da mesma faculdade; da Profa. Julieta Perrutti, por parte do IAA – Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas “Mario J. Buschiazzo” da FADU / UBA – Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo de la Universidad de Buenos Aires; e da arquiteta Maria Helena Salomon, por parte do CAURJ – Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, da Secretaria de Urbanismo da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

5. MACKENZIE / MACKPESQUISA

O apoio financeiro e operacional da Universidade Presbiteriana Mackenzie, por meio do Fundo Mackenzie de Pesquisa - Mackpesquisa foi, evidentemente, crucial para a viabilização do projeto, e para tanto devemos agradecer a oportuna intervenção do então Vice-Reitor da Universidade, Prof. Pedro Ronzelli; a compreensão do Presidente do Fundo Mackenzie de Pesquisa, Prof. Josimar Henrique da Silva, por sua visão abrangente das necessidades desta pesquisa em particular; e a colaboração constante da equipe Mackpesquisa – Verônica de Farias, Marly R. Tonin, Cristiane Alves Macedo, Aline Galvão Moraes e Edivaldo Ferreira Cavalcante.

Devemos salientar, enquanto fator crucial para a viabilização do projeto, a exceção que foi aberta pelo Mackpesquisa, graças à intermediação do então Vice-Reitor, Prof. Pedro Ronzelli, e à atitude decisiva do Prof. Josimar Henrique da Silva, presidente do Fundo Mackenzie de Pesquisa; no sentido de permitir a reinclusão, ainda que parcial, da verba referente a viagens (passagens e diárias), inicialmente cortada, no orçamento da pesquisa. Embora a verba destinada a esses quesitos, aprovada após a citada negociação, tenha sido bastante inferior àquela prevista inicialmente, representou o mínimo indispensável à consecução de um projeto de pesquisa fortemente dependente de intercâmbios com professores visitantes, contatos com outras instituições dentro e fora do país e levantamentos de material em outras cidades.

6. FINANCIAMENTO CNPQ

Como se mencionou acima, é preciso salientar que a partir do segundo semestre de 2010 a pesquisa também passou a contar com duplo financiamento, além da SPP - Subvenção a Projetos

de Pesquisa concedida pelo Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa, para o período de fevereiro de 2010 a janeiro de 2011, o mesmo projeto foi apresentado ao Edital Ciências Humanas e Sociais Aplicadas / 2010 do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o qual foi aprovado e passou a cobrir o período de outubro de 2010 a setembro de 2012. Além disso, como se mencionou acima, obtivemos mais uma bolsa de Iniciação Científica em agosto de 2011, válida até julho de 2012, para apoiar o levantamento em periódicos especializados a cargo de pesquisador discente do curso de Graduação da FAU / Mackenzie.

Eventualmente, a aprovação do pedido de financiamento suplementar junto ao CNPq em setembro de 2010; de pedidos individuais de subvenção de viagens junto à unidade universitária (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo); e a verba aprovada, também pelo Mackpesquisa, para financiamento do 7º Fórum de Pesquisa FAU / Mackenzie, em outubro de 2011, permitiu acrescentar outras viagens de pesquisadores e mais duas visitas de colaboradores externos. Embora a verba para viagens permaneça bastante limitada, o preço relativamente acessível das passagens nos trajetos São Paulo - Rio de Janeiro e São Paulo – Buenos Aires contribui para maximizar os recursos disponíveis; funcionando no sentido de apoiar a participação em eventos científicos que, além de servir para divulgar os resultados do projeto por meio de apresentações, debates e publicações, passaram a assumir o papel dos encontros de pesquisa bancados pelo Mackpesquisa em 2010. Contribuíram também para fazer avançar os levantamentos de material, mormente em periódicos argentinos; e propiciam ocasiões para nos reunirmos novamente com alguns dos principais “keynote lecturers” do projeto.

ATIVIDADES REALIZADAS

1. SEMINÁRIOS INTERNOS DE EMBASAMENTO TEÓRICO

Em virtude da deficiência apontada por um dos pareceristas do projeto, em termos da complementação de um referencial teórico adequado aos objetivos da pesquisa, e das necessidades identificadas no âmbito do próprio grupo de pesquisa, em termos da uniformização mínima de referências e da construção de uma bibliografia básica; o primeiro semestre de 2010 foi dedicado a uma série de seminários internos sobre textos e autores considerados indispensáveis para balizar a compreensão da temática a ser abordada.

O primeiro deles, ocorrido em 6 de maio de 2010, concentrou-se nos textos de Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro “Transferências, empréstimos e traduções na formação do urbanismo no Brasil”, apresentado pelo Prof. Dr. Candido Malta Campos; e de Arturo Almandoz, “Modernización urbanística en América Latina. Luminarias extranjeras y cambios disciplinares, 1900-1960”, apresentado pelo Prof. Dr. José Geraldo Simões Junior. O segundo, em 20 de maio do mesmo ano, enfocou o artigo de Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro e Adauto Lucio Cardoso “Planejamento urbano no Brasil: Paradigmas e experiências”, apresentado pela Profa. Dra Nadia Somekh; e dois textos da coletânea **Urbanismo na América do Sul: Circulação de idéias e formação do campo, 1920-1960.**, organizada por Marco Aurelio Filgueiras Gomes (a apresentação do organizador e o capítulo de Heloísa Petti Pinheiro, “Circulação de idéias e academicismo: Os projetos urbanos para as capitais do Cone Sul, 1920-1940.”), a cargo do Prof. Dr. Ricardo Hernán Medrano. O terceiro, em 3 de junho de 2010, abordou o terceiro capítulos do livro de Jordi Borja **La ciudad conquistada**, apresentado pela Profa. Dra. Eunice Helena Sguizzardi Abascal. Além disso foram trazidos para a discussão conceitos oriundos das obras de Christian Topalov, Pierre Bourdieu, Antonio Gramsci, Roberto Schwarz e Raymundo Faoro, entre outros. Os conteúdos apresentados, as discussões resultantes, os contrapontos com outros autores e os resultados desse esforço de balizamento teórico serão detalhados mais adiante, no item RESULTADOS / DISCUSSÃO.

2. LEVANTAMENTO PRELIMINAR DE SUB-TEMAS A SEREM ABORDADOS

2.2 Atribuição das esferas de pesquisa por período e cidade

Preliminarmente, em abril de 2010, foi proposta uma divisão do extenso universo temporal e espacial abarcado pelo projeto em alguns sub-períodos e contatos entre determinadas cidades, cada um a cargo, em princípio, de uma dupla de pesquisadores, um docente e um discente.

A conexão Buenos Aires/São Paulo, do final do século XIX até 1930, estaria a cargo do Prof. Dr. Ricardo Hernán Medrano e da aluna bolsista do curso de Graduação da FAU / Mackenzie Bruna Machado Hashimoto; a conexão Rio de Janeiro/São Paulo, do final do século XIX até 1930 estaria a cargo do Prof. Dr. José Geraldo Simões Junior e da aluna bolsista do curso de Mestrado do PPGAU / Mackenzie Laila Mackenzie Mendonça; a conexão Buenos Aires/São Paulo, dos anos 1930 aos anos 1960 estaria a cargo do Prof. Dr. Candido Malta Campos e do pesquisador voluntário do curso de Mestrado do PPGAU / Mackenzie Giulliano Pandori Giancoli; a conexão Rio de Janeiro/São Paulo, dos anos 1930 aos anos 1960 estaria a cargo do Prof. Dr. Candido Malta Campos e do pesquisador voluntário do curso de Mestrado do PPGAU / Mackenzie Vinicius Luz de Lima; a conexão Buenos Aires/São Paulo, dos anos 1980 ao momento atual estaria a cargo da Profa. Dra. Eunice Helena Sguizzardi Abascal e do pesquisador bolsista do curso de Graduação da FAU / Mackenzie Breno Eitel Zylbersztajn; e a conexão Rio de Janeiro/São Paulo, dos anos 1980 ao momento atual estaria a cargo da Profa. Dra. Nadia Somekh e da pesquisadora bolsista do curso de Mestrado do PPGAU / Mackenzie Daniela Maria Eigenheer; finalmente, as interfaces do debate cultural e nacional localizando autores argentinos e brasileiros, estariam a cargo do Prof. Carlos Guilherme Mota, sem colaboração de pesquisador discente.

2.2 Seleção e definição revista dos sub-temas

Aprimorando essa divisão inicial, ao longo do segundo semestre de 2010 foram elencados, dentro do imenso repertório envolvido nos debates e realizações do urbanismo portenho, carioca e paulistano ao longo dos últimos cento e poucos anos, alguns sub-temas que mereceriam ser melhor explorados, visando uma seleção representativa das interfaces e cruzamentos mais marcantes nas passagens do ideário urbanístico entre as três cidades.

Essa seleção foi posteriormente refinada e reduzida para nove sub-temas, seguindo as sugestões oriundas dos encontros de pesquisa e dos consultores externos, mas mantendo o princípio de sua atribuição a duplas de pesquisadores, um docente e um discente. Seriam eles, a princípio:

A reforma Passos e o exemplo da Avenida Central;

Bouvard entre Buenos Aires e São Paulo;

Congressos Pan-Americanos de Arquitetos (Montevideu 1921, Santiago 1923, BA 1927, RJ 1930, Montevideu 1940, Lima 1947, Havana 1951);

As revistas de engenharia e arquitetura;

Os planos dos anos 1920: Comisión de Estética Edilicia, Plano Agache, Plano de Avenidas;

As viagens de Le Corbusier;

O intercâmbio e as viagens dos engenheiros municipais nos anos 1930, 1940 e 1950;

O papel de liderança continental de Carlos Maria della Paolera;

As viagens e os cursos de Gaston Bardet;

Padre Le Bret e o Movimento Economia e Humanismo: Rio, São Paulo, Argentina;

Os planos integrados dos anos 1960: Doxiadis, PUB, Plan Conade, etc.;

Novos paradigmas contemporâneos do planejamento estratégico e dos projetos urbanos: dos Favela-Bairro, Rio Cidade e Puerto Madero à nova etapa de Puerto Madero, Palermo e Rio Olímpico/2016.

Em seguida os sub-temas foram reduzidos para nove (o número de pesquisadores discentes então envolvidos no projeto) e melhor enunciados, da seguinte maneira:

1) A reforma Passos, o exemplo da Avenida Central e as proposições congêneres em São Paulo: Cristóvão Colombo, Libero Badaró, Samuel das Neves/Anhangabaú, Avenida São João;

2) Bouvard entre Buenos Aires e São Paulo: propostas e realizações;

3) O panamericanismo e os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos (Montevideu 1921, Santiago 1923, Buenos Aires 1927, Rio de Janeiro 1930, Montevideu 1940, Lima 1947, Havana 1951);

4) Revistas de engenharia e arquitetura; circulação de livros, manuais e tratados de urbanismo. As bibliotecas pessoais de Anhaia Mello e Prestes Maia;

5) Estudo comparativo dos grandes planos dos anos 1920: Comisión de Estética Edilicia (Buenos Aires), Plano Agache (Rio de Janeiro), Plano de Avenidas (São Paulo);

6) O papel de liderança continental de Carlos Maria della Paolera, sua atuação dentro e fora da Argentina e os contatos com o Departamento de Urbanismo paulistano;

7) Estudos sobre a urbanização latino-americana nos anos 1950, 1960 e 1970: Morse, Hardoy, Nestor, Stanley Stein, etc.;

8) O Rio de Janeiro como campo de provas para os novos paradigmas contemporâneos do planejamento estratégico e dos projetos urbanos: Favela-Bairro / Rio Cidade / Rio Olímpico/2016;

9) Puerto Madero: Três décadas do projeto urbano mais emblemático da América Latina - discussões, repercussões, relocalizações.

A proposta envolvia levar essa seleção para os encontros de pesquisa e discuti-la com os consultores externos, para chegarmos a uma seleção final. Esta será apresentada mais adiante, no item 5.

3. LEVANTAMENTO E COMPLEMENTAÇÃO DE MATERIAL BIBLIOGRÁFICO

O processo de pesquisa propriamente dito, essencialmente realizado no vasto universo da produção bibliográfica suscitada pelo tema, não apenas exigiu a presença de pesquisadores docentes e discentes da Universidade Presbiteriana Mackenzie juntos aos principais acervos bibliográficos e arquivos de documentos existentes nas cidades em questão, mas também envolveu algumas entrevistas e levantamentos de campo. Em São Paulo, além das bibliotecas da FAU / Mackenzie e a da FAU / USP, em suas duas sedes, ganhou importância o acervo da Biblioteca Central da Escola Politécnica e seu riquíssimo acervo de periódicos – com vasto material a respeito de questões de relevância urbanística.

Assim, a partir de um levantamento completo dos periódicos de engenharia, arquitetura, urbanismo e outros que abordam eventualmente esta temática, realizado pela pesquisadora voluntária discente, aluna do curso de Graduação da FAU / Mackenzie, Laís Silva Amorim. A partir da base de dados Dedalus, do SIBI / USP, foram selecionados entre dez e quinze revistas mais relevantes, tanto paulistas como cariocas, a serem esquadrihadas em busca de artigos de interesse; incluindo títulos como o *Boletim do Instituto de Engenharia*, depois *Engenharia*, a *Revista Politécnica*, *Engenharia Municipal*, *Acrópole*, *Urbanismo e Viação*, *Arquitetura e Urbanismo*, a *Revista da Diretoria de Obras / PDF*; entre outras.

Este levantamento encontra-se ainda em curso, tendo sido objeto de um projeto de pesquisa específico em nível de Iniciação Científica, orientado pelo Prof. Dr. José Geraldo Simões Junior; projeto este que, por motivos pessoais, não pôde ser assumido pela aluna Laís Silva Amorim, tendo sido repassado ao aluno do curso de Graduação da FAU / Mackenzie Breno Eitel

Zylberzstajn, bolsista Mackpesquisa até março de 2011, e bolsista PIBIC / CNPq a partir de agosto de 2011.

No Rio de Janeiro, além da presença sempre importante da Biblioteca Nacional, e da biblioteca da FAU / UFRJ, temos o acervo do Instituto Pereira Passos e a preciosa Biblioteca Paulo Santos, hoje no Paço Imperial. Uma bibliografia fundamental foi adquirida para complementar os itens já presentes para subsidiar a pesquisa, inclusive um exemplar original do Plano Agache.

Em Buenos Aires a Facultad de Arquitectura da Universidad de Buenos Aires mantém sua tradicional biblioteca; mas destacou-se para efeitos desta etapa da pesquisa, por indicação da Profa. Dra. Alicia Novick, a excelente Biblioteca da Sociedad Central de Arquitectos, cuja revista, editada continuamente há mais de um século, e carinhosamente preservada, resume os grandes temas do debate arquitetônico e urbanístico, particularmente no que se refere a Buenos Aires, embora abranja a situação argentina como um todo.²

A maior parte do material obtido na forma de cópias xerográficas, portanto, refere-se a esse periódico, denominado ora *Arquitectura* ora *Revista de Arquitectura*, em cuja coleção foram selecionados, a partir dos exaustivos índices remissivos existentes, centenas de artigos traçando o panorama do debate urbanístico local desde o início do século XX até meados do mesmo século, (aproximadamente de 1900 a 1948) resultando em quase 2.000 páginas de material. Este levantamento, orientado pelo Prof. Dr. Candido Malta Campos, foi realizado pelo pesquisador discente do curso de Graduação da FAU / Mackenzie Breno Eitel Zylberzstajn, em duas levadas (outubro de 2010 e agosto de 2011) por ocasião de encontros de pesquisa ou seminários ocorridos em Buenos Aires.

Apenas a título de amostra, a seguir serão reproduzidos alguns dentre as centenas de itens reproduzidos (xerocados) na íntegra, selecionando autores entre os mais importantes urbanistas argentinos da época, como Víctor Jaeschke, Enrique Chanourdie e Carlos Maria della Paolera.

JAESCHKE, Víctor Julio. “Ensanche económico de calles centrales.” *Arquitectura* n° 29 (vol. XI), Buenos Aires, agosto de 1905, pp. 57-61.

CANTON, Eliseo & LURO, Pedro O. “(Opiniones de los Diputados Dres.). Cincuenta millones en nuevas obras públicas.” *Arquitectura* n° 29 (vol. XI), Buenos Aires, agosto de 1905, pp. 80-82.

CHANOURDIE, Enrique. “Avenidas diagonales o paralelas?” *Arquitectura* n° 29 (vol. XI), Buenos Aires, agosto de 1905, pp. 98-99.

JAESCHKE, Víctor Julio. “Avenidas diagonales o paralelas?” *Arquitectura* n° 29, Buenos Aires, septiembre de 1905, pp. 77-80.

² A extensa atuação da Sociedad Central de Arquitectos há quase 130 anos pode ser aferida em SOCIEDAD CENTRAL DE ARQUITECTOS. **Cien años de compromiso con el país: 1886-1986**. Buenos Aires: SCA, 1986.

CHRISTOPHERSEN, Alejandro. "Conmemoración del Gran Centenario." *Arquitectura* n° 39 (vol. XII), Buenos Aires, julio-agosto de 1906, pp. 87-90.

CHANOURDIE, Enrique. "La transformación edilicia de Buenos Aires." *Arquitectura* n° 39 (vol. XII), Buenos Aires, julio-agosto de 1906, pp. 57-87; n° 40 (vol. XII), Buenos Aires, septiembre-octubre de 1906, pp.95-103; n° 43 (vol. XIII), Buenos Aires, febrero-marzo de 1907, pp. 186-188; e n° 44 (vol. XIII), Buenos Aires, abril-mayo de 1907, pp. 27-30.

CHANOURDIE, Enrique. "Las avenidas." *Revista de Arquitectura* n° 77 (vol. XVIII), Buenos Aires, junio de 1912, pp. 137-142.

JAESCHKE, Victor Julio. "Para un futuro Intendente Municipal: Transformación de Buenos Aires." *Revista de Arquitectura* n° (vol. VIII), Buenos Aires, marzo de 1922, pp. 36-39.

JAESCHKE, Victor Julio. "Problemas de urbanismo: Inútil ensanche de la ciudad de Buenos Aires." *Revista de Arquitectura* n° (vol. X)0, Buenos Aires, agosto de 1924, pp. 269-271.

JAESCHKE, Victor Julio. "Camilo Sitte, arquitecto: Un reformador y propulsor del urbanismo." *Revista de Arquitectura* n° (vol. XII), Buenos Aires, agosto de 1926, s.n.p.

COPPOLA, Alfredo E. "Urbanismo: Síntesis de nueve magistrales conferencias." (Conferências de Léon Jaussely.) *Revista de Arquitectura* n° (vol. XII), Buenos Aires, octubre de 1926, pp. 414-415.

JAESCHKE, Victor Julio. "Urbanismo: Edificación de la Diagonal Pte. R. Sáenz Peña - Con desprecio de la higiene y de la estética." *Revista de Arquitectura* n° (vol. XIII), Buenos Aires, diciembre de 1926, pp. 21-24.

"Número especial referente al IV Congreso Panamericano de Arquitectos y Exposición de Arquitectura realizado en Rio de Janeiro, Brasil." *Revista de Arquitectura* n° 116 (vol. XVI), Buenos Aires, agosto de 1930, pp. 468-535.

s.n.a. "Las conferencias del Arquitecto Dr. Werner Hegemann." *Revista de Arquitectura* n° 131 (vol. XVII), Buenos Aires, noviembre de 1931, p. 533.

BARDI, Pietro Maria. "Urbanismo italiano: El nacimiento de Sabaudia." *Revista de Arquitectura* n° (vol. XX), marzo de 1934, pp. 111-113.

s.n.a. "Ante-proyecto de reconstrucción de la Plaza de Mayo." *Revista de Arquitectura* n° (vol. XX), Buenos Aires, noviembre de 1934, pp. 486-494.

PAOLERA, Carlos M. della. "La Avenida 9 de Julio: Características de la gran obra edilicia en vías de realización." *Revista de Arquitectura* n° (vol. XXIII), Buenos Aires, agosto de 1937, pp. 345-350.

s.n.a. "Plano de ubicación general: Rio de Janeiro." (Projeto de Evaristo de Sá para a Cidade Universitária.) *Revista de Arquitectura* n° (vol. XXIV), Buenos Aires, septiembre de 1938, p. 422.

Etc., etc...

Em termos das revistas brasileiras há já também inúmeros artigos reproduzidos. Citando apenas alguns:

SILVA, Raul: "O pavilhão de São Paulo na Exposição Nacional de 1908." *Revista Polytechnica* n° 19-20 (vol. IV) dezembro de 1907 a Março de 1908, p. 39-44.

s.n.a.: "O caes do porto do Rio." *Revista de Engenharia* n° 1 (vol. I) Junho de 1911, p. 6.

s.n.a.: "Notas pessoais." (esteve em S. Paulo o Sr. Joseph Antoine Bouvard) *Revista de Engenharia* n° 1 (vol. I) Junho de 1911, pp. 27-28.

s.n.a.: “Melhoramentos das cidades.” (plano geral de melhoramentos da Capital da Republica apresentado pelo engenheiro J.F. de Alencar Lima) *Revista de Engenharia* nº 7 (vol. I) dezembro de 1911, pp. 212-214.

s.n.a.: “Dr. Francisco Pereira Passos.” *Revista Polytechnica* nº 41 (vol. VII) março de 1913, pp. 211-215.

s.n.a.: “Congresso Pan-Americano de Architectos.” (representação official de S. Paulo confiada a Alexandre de Albuquerque, Oscar Machado de Almeida, Amador Cintra do Prado e Carlos Alberto Gomes Cardim Filho) *Revista Polytechnica* nº 84 (vol. XIV) dezembro de 1927-fevereiro de 1928, pp. 496-497.

MELLO, Luiz Ignacio Romeiro de Anhaia: “Um grande urbanista francez: Donat Alfred Agache.” *Revista Polytechnica* nº 85/86 (vol. XV) maio-julho de 1928, pp. 70-88.

s.n.a.: “IV Congresso Pan-Americano de Architectos.” (Professor Alexandre de Albuquerque, representante da Escola Polytechnica no Congresso, cathedratico de Architectura Civil e Historia da Architectura, tambem delegado especial da Camara Municipal) *Revista Polytechnica* nº 99 (vol. XVII) maio-junho de 1930, p. 184.

AGACHE, Donat Alfred: “La remodelation d'une capitale.” *Revista Polytechnica* nº 106 (vol. XVIII) novembro-dezembro de 1932, pp. 313-320.

s.n.a.: “Relação geral dos excursionistas de Buenos Ayres.” (excursão ao Rio da Prata, de 4 a 21 de Abril de 1936, organizada por Alexandre de Albuquerque) *Boletim do Instituto de Engenharia* nº 122 (vol. XXIII) março-abril de 1936, pp. 110-112.

RIOS Fº, Adolpho Morales de los: “Passos, o Haussmann brasileiro.” (em comemoração do centenário de seu nascimento) *Boletim do Instituto de Engenharia* nº 126 (vol. XXIV) Outubro a Dezembro de 1936, páginas 93 a 99.

PAOLERA, Carlos M. Della: “Saudação – Dia do Urbanismo – 8 de Novembro de 1950.” *Acrópole* nº 151 (vol. XIII) novembro de 1950, p. 167.

s.n.a.: “Justa homenagem.” (Eng. Carlos Maria della Paolera) *Engenharia Municipal* nº 2 (vol. I) Março de 1956, s.n.p.

VÁZQUEZ, Francisco José Garcia: “O plano regulador de Buenos Aires.” *Engenharia Municipal* nº 16 (vol. V) janeiro-março de 1960, páginas 11-12.

GARCIA, Heitor Antonio Eiras: “Della Paolera.” *Engenharia Municipal* nº 20 (vol. VI) janeiro-março de 1961, pp. 13-14.

Pretende-se nas etapas seguintes avançar para a segunda metade do século XX, nos mesmos moldes. Além disso, foram adquiridos livros novos e antigos para complementar o material bibliográfico da pesquisa, incluindo obras de James Scobie, Margarita Gutman, Jorge Hardoy, Adrián Gorelik, Francisco Liernur, Ramón Gutiérrez, Jorge Solsona, Sonia Berjman, Beatriz Sarlo, José Luis Romero, Luis Alberto Romero, guias e dicionários de arquitetura e urbanismo, o *Atlas Histórico* de Horacio Difrieri, e ainda, em sebos e antiquários, livros de Enrique Chanourdie, Guillermo Madero, Luís Huergo, Martín Noel e um exemplar original do chamado “Plan Noel”, *Proyecto Orgánico para la Urbanización del Municipio*, de 1925, elaborado a cargo da Comisión de Estética Edilícia, com consultoria de Jean-Claude Nicolas Forestier.

4. ENCONTROS DE PESQUISA

As apresentações e discussões compartilhadas nos sucessivos encontros de pesquisa realizados ao longo do segundo semestre de 2010 foram, também, momentos cruciais do processo de investigação, não apenas pela oportunidade de confronto entre os resultados individuais e os debates coletivos entre os participantes, considerado como condição indispensável ao amadurecimento dos trabalhos e à sua adequação aos objetivos propostos; mas ainda pela presença, além dos membros docentes e discentes da equipe de pesquisadores do grupo de pesquisa propriamente dito, dos colaboradores especialistas convidados, que desempenharam o importante papel de “keynote lecturers” – ora apresentando em grandes linhas a temática referente a uma ou outra das cidades escolhidas, com um quadro abrangente do ideário e das realizações urbanísticas, que orientou a escolha de momentos, episódios e protagonistas ilustrativos da temática do projeto, delimitando sub-temas a serem investigados em detalhe, ora trazendo aportes teóricos fundamentais no sentido de amparar melhor a pesquisa no que diz respeito a seu quadro de referência teórico-conceitual e do instrumental mais adequado, em termos de conceitos, obras e autores, para esclarecer as questões levantadas.

Como se mencionou acima, a pesquisa já foi concebida prevendo-se importante participação de professores externos à instituição, convidados enquanto “keynote lecturers” do projeto, colaboradores voluntários que se integram ao grupo de pesquisa em momentos específicos, nos Encontros de Pesquisa promovidos pelo próprio projeto ou por ocasião de outros eventos científicos reunindo integrantes do grupo e alguns desses consultores. Nesse sentido, foram buscados desde o início, já na formulação do projeto, alguns dos maiores especialistas atuantes na temática envolvida - seja em São Paulo, no Rio de Janeiro ou em Buenos Aires. Para tanto, foi crucial estabelecer, renovar e estreitar contatos com algumas instituições de significativo peso acadêmico nessas cidades, como se verá a seguir.

Inicialmente, essa participação se deu nos cinco encontros de pesquisa promovidos ao longo do segundo semestre de 2010. Não cabe aqui inserir todas as transcrições das gravações que foram feitas registrando esses encontros, as quais somam muitas horas de gravação e muitas páginas de transcrições. Portanto, a seguir damos uma breve notícia do conteúdo das apresentações; e no item RESULTADOS teremos inserida, ao longo das discussões, uma série de aportes derivados das principais contribuições trazidas pelos encontros de pesquisa, todos extremamente proveitosos.

O 1º Encontro de Pesquisa “A Cidade Iberoamericana: História, Cultura e Urbanismo” foi promovido no Campus Mackenzie, no auditório da Faculdade de Comunicação, em 12 de agosto

de 2010, sob a forma de uma mesa-redonda intitulada “Urbanismo e Urbanistas entre Rio e São Paulo: Referências e Interfaces”. Sob a coordenação do Prof. Dr. Candido Malta Campos, do PPGAU / FAU / UPM - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (líder do projeto), contou com breve apresentação do mesmo, mostrando a proposta inicial do projeto, a equipe de pesquisadores, os colaboradores externos convidados, e os desenvolvimentos e atividades acumulados até aquele momento; e da Profa. Dra. Angélica Aparecida Benatti Tanus Alvim, coordenadora do PPGAU / FAU / UPM, expondo a inserção institucional do projeto nas políticas de pós-graduação e pesquisa da universidade.

Em seguida tivemos a exposição da Profa. Dra. Margareth da Silva Pereira, do Prourb / UFRJ – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que apresentou brilhante palestra, começando pela questão das disputas pela capitalidade entre as grandes cidades da América do Sul, como Salvador, Rio de Janeiro, Santos, São Paulo, Montevideu e Buenos Aires; da compreensão do urbanismo em função dos “quatro pilares” do pensamento urbanístico, o da forma ou embelezamento, o da salubridade ou sanitarismo, o da fluidez ou das redes e sistemas viários e de transporte, e finalmente o equidade ou justiça social; ilustrando com planos e intervenções desde o século XIX (Beaurepaire-Rohan), a grande reforma do início do século XX (que envolve não apenas Pereira Passos, mas também Paulo de Frontin e o Ministro da Viação Lauro Müller); a exposição do centenário da abertura dos portos em 1908; o papel da associação de higienistas franceses e sua revista *Technique*, na qual aparecem nomes como o de Silva Telles, Victor Freire, Saturnino de Brito e Agache, entre outros; o pan-americanismo, o neocolonial e a exposição de 1922; o papel do Rotary Club; e a experiência da universidade do Distrito Federal e do IPHAN nos anos 1930-1940 com o conseqüente trânsito de intelectuais, arquitetos e professores entre Rio de Janeiro e São Paulo.

A segunda apresentação esteve a cargo da Profa. Dra. Maria Cristina da Silva Leme, da FAU / USP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, que montou um importante percurso em torno do referencial teórico envolvido no projeto, concentrando-se sobre sua questão principal: a da circulação de idéias. Questionou a noção de influência, superada a partir do encontro de Itamonte, e mesmo os termos então lançados de transferências, empréstimos, traduções e ressonâncias; lembrando que tal circulação ocorre de maneira complexa e intrincada, a partir da construção de diálogos e debates alimentados pela circulação pessoal de urbanistas em congressos (nos quais apresentavam trabalhos apenas Victor Freire e Saturnino de Brito), cursos (com apenas Attílio Corrêa Lima estudando no *Institut d’Urbanisme* de Paris, orientado por Henri Prost), consultorias, etc. e de seu contato muito ativo com as publicações,

visível nos acervos de Anhaia Mello e Prestes Maia. Este último revelou excepcional capacidade de misturar e recombinar referências, muitas vezes díspares, na montagem de seu próprio modelo para São Paulo, obtendo um resultado bastante convincente. Destacou os episódios paulistanos da estadia de Barry Parker, da visita de Le Corbusier, das revoluções de 1930 e 1932, dos jovens professores e pesquisadores trazidos na fundação da USP, como Lévi-Strauss e Pierre Mombeig, do concurso para o Paço Municipal em 1938, do relatório Moses em 1950; e em âmbito nacional as intervenções urbanas do Estado Novo hoje sendo estudadas mais a fundo em seu conjunto. Pontuou a atualidade da concepção das “idéias fora do lugar” de Roberto Schwarz na compreensão desse deslocamento na passagem dos ideários, ilustrada por uma imagem de Debret citada na tese de Rodrigo Naves, mostrando o Brasil como um país ainda na infância, brincando com atitudes, roupagens e acessórios europeus, de maneira pitoresca, mas, em última instância, caricatural e risível. Discutiu a volta desse paradoxo com o planejamento estratégico, sua incorporação quase acrítica, seguida da crítica feroz de Otilia Arantes, Carlos Vainer etc.; e a necessidade de situarmos com cuidado a circulação de ideários por São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires, na medida em que as redes de relações, os meios políticos, a questão econômica e os sistemas urbanos são completamente diferentes. Finalmente, lembrou que tal circulação ocorre muitas vezes a partir dos interesses de seus próprios protagonistas, indivíduos ou instituições, e das redes sociais que os recebem.

O evento contou ainda, como debatedores, com o Prof. José Geraldo Simões Jr. e a Profa. Dra. Nadia Somekh, ambos do PPGAU / FAU / UPM. O primeiro lembrou como, dos quatro pilares do urbanismo citados por Margareth da Silva Pereira, justamente o quarto, o da justiça social, aparece tardiamente nos manuais e que somente estudos mais recentes têm destacado essa questão, e recuperado episódios como o do Museu Social na origem do urbanismo moderno. Salientou a importância de se estudarem as redes sociais nas quais se processa a circulação das idéias, para além dos manuais, congressos, periódicos e cursos. A segunda frisou a urgência de se estudarem os projetos contemporâneos, evitando as generalizações à la Paul Virilio ou Mike Davis, ou do próprio conceito de globalização, que não se restringe ao período recente; mas na linha de Bernardo Secchi que propõe um novo paradigma urbanístico embasado na justiça social e na sustentabilidade. Lembrou a carência de informações e debate público, a ignorância dos paulistas em relação ao que ocorre no Rio de Janeiro e vice-versa, e a possibilidade positiva de uma correspondência maior transpondo essa fratura; e o contraste entre a imagem mostrada por Margareth, do presidente Washington Luís estudando a maquete do Plano Agache, com a situação atual de desconhecimento da questão por parte das lideranças políticas. No fechamento do debate Cristina Leme destacou a politização do debate urbanístico em anos recentes e as

diferenças políticas e econômicas entre Rio de Janeiro e São Paulo, podendo partilhar elementos de projetos mas dificilmente suas realizações; Margareth retomou o mote das diferenças, da ignorância dos líderes políticos e a necessidade de se transpor o debate da esfera acadêmica para a esfera pública.

O 2º Encontro de Pesquisa “A Cidade Iberoamericana: História, Cultura e Urbanismo” foi realizado em Buenos Aires, em 12 de outubro de 2010, sendo promovido em conjunto com o IAA – Instituto de Arte Americano y Investigaciones Estéticas Mario J. Buschiazzi da FADU - Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo da UBA - Universidad de Buenos Aires; e com a presença, entre os integrantes do projeto, dos Profs. Drs. Candido Malta Campos e Nadia Somekh, ambos do PPGAU / FAU / UPM; e do Prof. Dr. Ricardo Medrano, da FAU / Mackenzie, como debatedor; e, enquanto convidados externos, dos expositores Profa. Dra. Alicia Novick, Prof. Dr. Jorge Ramos e Prof. Dr. Mario Sabugo, e como debatedores, das Profas Graciela Faveluckes e Julieta Perrutti, todos da FADU / UBA – Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo da Universidad de Buenos Aires; do expositor Arq. Luciano Pugliese, da Agencia Metropolitana de la Gran Buenos Aires, e do Prof. Dr. Adrián Gorelik, da Universidad Nacional de Quilmes e da Universidad Torcuato di Tella, como debatedor.

O Prof. Dr. Candido Malta Campos (líder do projeto) apresentou o andamento da pesquisa em grandes linhas e os nove sub-temas selecionados para serem investigados por duplas de pesquisadores, um docente e o outro discente. O Prof. Dr. Jorge Ramos expôs sua pesquisa sobre as formas de habitação popular em Buenos Aires, os *conventillos* ou cortiços, as *casas-chorizo*, as *casas de vecindad* e assim por diante, demonstrando a mudança dos setores privilegiados para o Barrio Norte após as epidemias de cólera, tifo e febre amarela que afetaram seus antigos bairros de San Telmo e Montserrat. A culpa foi jogada nos cortiços e a arquitetura espanhola foi substituída pelo modelo francês. A Profa. Dra. Alicia Novick apresentou uma primeira periodização das intervenções urbanísticas em Buenos Aires, com o primeiro período centrado em 1910 (centenário da Independência), com o plano de Bouvard e o foco no centro tradicional; o período seguinte focado em 1925 (Plan Noel) que levou o foco para a Costanera Norte; nos anos 1950, período desenvolvimentista, destaca o plano para Bajo Flores, imensos conjuntos habitacionais e bairros operários de vários padrões; finalmente identificou o período atual no qual avulta o caso de Puerto Madero. Em cada projeto, aponta diferentes momentos na concepção, divulgação, revisão, articulação política e concretização das intervenções. Após o ciclo de projetos do Plano de Mejoras (1898-1904), chamou-se Bouvard que juntou os muitos projetos então em pauta fixando em seu plano as propostas que estavam em circulação nos meios especializados; as leis de expropriação foram promulgadas após muitos debates no Congresso nacional, entre 1909

e 1911. Citou a divulgação crescente dos exemplos paradigmáticos internacionais nas revistas e nos manuais (como o de Karl Brunner). Propôs um quadro de processos e atores pelo qual cada proposta e intervenção se desdobra em quatro momentos: no primeiro trata-se de um problema de urbanismo cuja discussão fica limitada aos meios técnicos, acadêmicos e ao setor imobiliário. Num segundo momento o debate se amplia para uma esfera pública: jornais, Câmara, etc. Em terceiro lugar são elaboradas as leis (legislação) para finalmente chegarmos ao estágio das obras em si. Em cada uma dessas passagens as propostas são revistas e transformadas, ficando às vezes irreconhecíveis. Lembrou ainda o caso de Puerto Madero como exemplo do papel das consultorias internacionais: e um episódio pouco conhecido que foi a passagem de Geo B. Ford e John Nolen em 1925 para opinar sobre empreendimentos privados.

A Profa. Dra. Nadia Somekh apresentou um trabalho derivado do evento UrbanAge realizado em São Paulo em 2008, no qual discute a inserção, o alcance e as limitações dos projetos urbanos propostos para São Paulo, quase sempre frustrados num ambiente dominado pela visão mercadológica de curto prazo do setor imobiliário. O Prof. Dr. Mario Sabugo, ex-subsecretário de Planejamento municipal, que participou na redação do plano de 2007, aprovado entre 2008 e 2009, recordou a luta contra o liberalismo menemista nos anos 1990. O primeiro episódio foi a luta da Sociedad Central de Arquitectos contra o projeto inicial de Puerto Madero (consultoria catalã) e a resultante chamada de um concurso público. O segundo episódio foi a autonomia alcançada pela cidade de Buenos Aires (antes Distrito Federal) em 1994. Mas o prefeito Ibarra não conseguiu aprovar duas versões do plano elaboradas pelo setor técnico. O terceiro episódio foi a *batalla de las torres*, nos bairros de Caballito, Palermo e Villa Urquiza, quando moradores se insurgiram, se organizaram (como na procomuna de Caballito) propondo a cassação das licenças de obras de edifícios altos; obtendo um congelamento de 90 dias em 2006, com o compromisso de se conceder licenças apenas após a verificação da capacidade das infra-estruturas junto às concessionárias. Desde então a verticalização abusiva em Buenos Aires foi barrada em grande parte, mas agora se transferiu para os municípios vizinhos como Vicente López. Citou sua tese de doutoramento que abordou a imagem do centro e dos bairros nas letras de tango. Voltando a Puerto Madero, defendeu sua concepção de baixa densidade e seu padrão de ocupação, já que trouxe os moradores de alta renda de volta ao centro.

O 3º Encontro de Pesquisa “A Cidade Iberoamericana: História, Cultura e Urbanismo” foi promovido no Rio de Janeiro, nos dias 4 e 5 de novembro de 2010, no saguão do CAURJ (Rua São Clemente, 107), sendo organizado em conjunto com o CAURJ – Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, da Secretaria de Urbanismo da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, coordenado pela Arquiteta Maria Helena Salomon; e com a colaboração do Proureb /

UFRJ – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e do IPPUR / UFRJ - Instituto de Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, também da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Na primeira noite (4 de novembro), contou com a apresentação inicial do Prof. Dr. Candido Malta Campos, do PPGAU / FAU / UPM, líder do projeto, que expôs novamente a proposta global do projeto de pesquisa em pauta, seus objetivos, e os desenvolvimentos alcançados até então, inclusive a seleção dos sub-temas adotada. Enquanto convidados externos, tivemos em seguida a apresentação do Prof. Dr. Roberto Segre, do Prourb / UFRJ, que trouxe sua análise comparativa dos casos da Avenida de Mayo, em Buenos Aires, e da Avenida Central, hoje Rio Branco, no Rio de Janeiro; fartamente ilustrado com imagens das modelagens digitais realizadas, destacando a diferença nas temporalidades de execução e ocupação inicial de cada avenida, no caso portenho estendendo-se por várias décadas; e no caso carioca completando-se em poucos anos, com edificações mais precárias, preocupadas essencialmente com a ornamentação das fachadas, donde sua duração também efêmera – com exceção dos edifícios institucionais da Candelária e alguns outros.

A apresentação seguinte esteve a cargo da Profa. Dra. Margareth da Silva Pereira, também do Prourb / UFRJ, que salientou a quantidade de questões levantadas: dez temas em três cidades ao longo de um século. Lembrou que as globalizações têm uma história, com ritmos de inserção das cidades brasileiras no quadro internacional. Quando em 1880 Buenos Aires começou a crescer aceleradamente as grandes cidades do continente eram o Rio de Janeiro e o México; em quais momentos cada cidade assume o protagonismo? Afirmou que, no que se refere à conceituação sendo buscada, há três termos que não ajudam: influência, transferência e modelo. Circulação seria melhor. (Por exemplo, os locais por onde Saturnino de Brito circulou perfazem um objeto de estudo, também Glaziou e outros precusosres do *star system* de hoje.) São momentos de reinserção das cidades na demandas globais – ressignificação dos conteúdos transmitidos. Influência, transfer~encia e modelo são noções que implicam um conhecimento *a priori*. Levaram, nos anos 1980, a se pensar Pereira Passos como um “Hausmann tropical”, como um atranscrição literal, algo que esconderia todas as especificidades e vicissitudes das intervenções concretas de Passos.

Na segunda noite (5 de novembro), o encontro contou com a apresentação inicial da Profa. Dra. Nadia Somekh, do PPGAU / FAU / UPM, que expôs algumas questões contemporâneas envolvidas no projeto de pesquisa, assumindo como hipótese inicial que não há grande diálogo entre Rio de Janeiro e São Paulo a partir dos anos 1980, e até hoje. Detectou na fase inicial exploratória do projeto três eixos de trabalho: o primeiro referente aos Planos Diretores e Planos

Estratégicos, o segundo a planos e propostas habitacionais, particularmente o programa Favela-Bairro e o Programa Guarapiranga, e o terceiro envolvendo projetos urbanos contemporâneos nas duas cidades, colocando-se a questão das necessidades de reprodução do capital internacional, nacional e a necessidade de inclusão social. Reiterou que não se trata de comparar as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires, mas de verificar resultados diferenciados a partir de ideários urbanísticos semelhantes. Apontou ainda a ausência nas duas cidades, de planos metropolitanos, que existem em Buenos Aires.. Enquanto convidados externos, tivemos em seguida a apresentação do Prof. Dr. Luiz César de Queiroz Ribeiro, do IPPUR / UFRJ, que elogiou a perspectiva histórica do projeto de pesquisa, que permite pensar o momento atual. Lembrou que, embora existam muitos projetos urbanos em curso hoje, constituem-se em arenas paralelas, constatando-se a ausência de um projeto mais global que articule reforma urbana, Estatuto da Cidade (que, não obstante, podem ser considerados vitórias efetivas), e os Planos Estratégicos, vistos como antítese da reforma urbana. São dois grupos de projetos que não convergem, embora constituam-se como relevantes para a sociedade. Ressaltou que o urbanismo moderno surgiu como produto de dois processos que criaram novas formas de pensar a cidade: a formação do Estado Nacional e a grande indústria. A base para afirmação do urbanismo moderno teria sido, após a apropriação das cidades pelo mercado que marcou as políticas liberais do século XIX, a necessidade de uma desmercantilização parcial do espaço urbano, em setores como transporte, habitação e outros, por meio da formulação de políticas públicas urbanas envolvendo a provisão de moradia, serviços e equipamentos, regulação do uso e ocupação do solo, e outras condições de reprodução do capital. Tratava-se ainda de impor o sistema de assalariamento, já que a cidade pré-industrial se dispunha de maneira a permitir aos trabalhadores evitarem o enquadramento disciplinar do trabalho industrial, como demonstrou Christian Topalov em seu estudo sobre os *chomeurs*. A afirmação da indústria dependeu, portanto, da desmontagem dessas cidades e da criação de outro espaço urbano, para o qual se fez indispensável um corpo de conhecimento específico – o pensamento urbanístico moderno. Lembrou que o urbanismo moderno e a reforma urbana do séc. XIX e começo do XX, visavam criar condições para a afirmação da ordem industrial, montando o Estado do Bem-Estar, planejador e regulador; e que na tradução dos modelos para o Brasil perdeu-se o compromisso reformador, já que aqui não houve a necessidade da reforma urbana para se implantar o modo de produção industrial, pois não foi necessário constituir o contingente assalariado. Não foi preciso reaproveitar a população urbana, apenas fazer uso da migração rural; não houve o predomínio do assalariamento nas relações de trabalho; e a indústria tendeu a criar seus próprios espaços, por vezes seus próprios municípios, como no ABC paulista; e, além disso, a industrialização

constituiu-se por saltos. A presença do capital externo desde o início do processo de industrialização gerou um conflito permanente resolvido por meio da reserva, garantida pelo Estado, de determinados mercados e atividades aos capitais locais, como o setor de obras públicas, a produção imobiliária, a construção civil, etc., a salvo da concorrência externa, e dependentes de uma ausência de regulação para se manter. No Brasil a reforma urbana iniciada nos anos 1960 e retomada com a redemocratização nos anos 1980 também prevê uma desmercantilização parcial da cidade, por meio da definição da função social da cidade, prevista na Constituição de 1988, a qual deveria ser concretizada pelo Estatuto da Cidade e pela implementação do Ministério das Cidades. Porém, em contraste, na cidade contemporânea impõe-se uma nova etapa de remercantilização dos espaços urbanos em escala global, puxada por forças interessadas em investir nas cidades, voltadas para o setor imobiliário internacional, o turismo global, os mega-investimentos. A renovação urbana se insere num circuito mundializado de revalorização de espaços esvaziados: de Puerto Madero ao Porto Maravilha; assim, impõe-se uma nova demanda por um planejamento urbano menos regulador, mais contingencial, com novos princípios focados nos projetos pontuais e nos mega-eventos em si, e requerendo políticas de segurança focalizadas em parceria com a iniciativa privada (a exemplo das UPPs). Na Prefeitura do Rio existem duas entidades desconectadas, a que elabora o Plano Diretor e outra responsável pelos projetos urbanos. Para finalizar colocou algumas questões importantes: que projeto de economia urbana podemos ter? Poderá não ser a reforma urbana a antítese do mercado? Como concilia-la com a necessidade de se ativar a economia urbana? A rede urbana no Brasil é complexa, portanto, como formular uma política urbana que ultrapasse a dimensão municipal, já que é nela que se concentram os instrumentos, inclusive os do Estatuto da Cidade?

Em seguida deu-se a exposição da Profa. Dra. Tamara Tania Egler, também do IPPUR /UFRJ, que começou salientando a importância, para se entender o momento contemporâneo, do aporte de conceitos e categorias que nos permitam pensar histórica e teoricamente a realidade. Identificou quatro processos atuante no espaço urbano: pensar as cidades; fazer as cidades; se apropriar das cidades; e transformar as cidades. O espaço assumiria três dimensões, a primeira de natureza material, uma segunda imaterial e uma terceira simbólica. Com isso condensamos processos históricos diferenciados, produzindo cidades diferenciadas. Destacou dois momentos históricos distintos: modernidade versus globalização, a primeira marcada por projetos de cidade, pela homogeneidade, pelo domínio do planejamento, e pela idéia de integração social; e a segunda pelas intervenções fragmentadas, pela heterogeneidade, pela fragmentação do território e pela ampliação das desigualdades. Para tratar, nesse contexto, da história da circulação das idéias, se faz necessário o estudo dos discursos e o entendimento das diferenças geográficas, econômicas,

políticas e culturais. São Paulo e Rio têm geografias diferenciadas e economias diferenciadas: uma é industrial, voltada para o capital, outra já foi capital política, cultural, hoje está voltada para o turismo e segue em busca de uma identidade que São Paulo já tem, como pólo multicultural de imigrantes; o Rio teve projetos de ser o centro financeiro do país, de ser um centro de produção cinematográfica e televisiva, e hoje busca a construção de uma identidade voltada para o turismo de grandes eventos, principalmente esportivos (Copa, Olimpíada).

No debate, o Prof. Cristóvão Duarte, do Prourb / UFRJ, lembrou que a compreensão teórica das proposições práticas do urbanismo passa por leituras de Henri Lefebvre e Pierre Bourdieu. Citou um levantamento realizado em trabalho de mestrado no Prourb apontando que apenas 5% ds propostas inseridas nos planos diretores aprovados à época do regime militar foram concretizadas; e que o planejamento estratégico teria se afirmado no vácuo deixado por esse planejamento moderno integrado, ambicioso, porém mistificador. Aventou a possibilidade de uma aproximação entre o planejamento estratégico e novas forças sociais como ocorreu no caso do programa Favela-Bairro. Entre as questões colocadas para a continuidade da pesquisa, foi reiterado que o projeto não pretende comparar São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires, nem intentar um balanço dos resultados concretos de diferentes ideários e modelos urbanísticos, mas estudar como tais modelos e ideários transitam entre cidades e se inserem em cada caso. Recordou-se que havia surgido do encontro anterior em Buenos Aires a possibilidade de estudar as consultorias catalãs de Jordi Borja e outros; em Buenos Aires, no Rio e em São Paulo, no caso do Projeto Eixo Tamanduateí. Além disso, já havia sido iniciada a análise das recomendações e traduções das agências de fomento internacional nos programas Favela-Bairro e Guarapiranga. Além disso, recomendou-se que nas pesquisas sobre projetos urbanos, seja priorizada a questão da inclusão social e a busca por uma nova economia urbana que permita a construção de um projeto de cidade com justiça social e equilíbrio ambiental.

O 4º Encontro de Pesquisa “A Cidade Iberoamericana: História, Cultura e Urbanismo” foi realizado em São Paulo, no Mackenzie, no edifício João Calvino, em 30 de novembro de 2010, sob a forma de mesa-redonda intitulada “Passagens do Ideário Urbanístico entre Buenos Aires e São Paulo: Paradigmas e Experiências.” A coordenação do evento ficou a cargo do Prof. Candido Malta Campos, do PPGAU / FAU / UPM (líder do projeto); o qual, após breve apresentação, passou a palavra às expositoras: Profa. Dra. Eunice Helena Sguizzardi Abascal, que apresentou os resultados de seu levantamento, realizado no início do mesmo mês em Buenos Aires, sobre o caso do projeto urbano Puerto Madero, no qual destacou algumas circunstâncias como a consultoria catalã e o projeto de Busquets, com a reação do meio técnico local demandando a realização de um concurso em 1986, a criação da Corporación Antiguo Puerto Madero em 1989,

o apoio da presidência na gestão Menem, a idéia de se articular as operações imobiliárias que viabilizaram o projeto com ações sociais, com a realização de 21 projetos de reabilitação de cortiços no bairro da Boca. Mostrou que a integração e a acessibilidade em relação ao centro continuam prejudicados; e chamou a atenção para o esvaziamento de Perto Madero em termos da visitação por portenhos e turistas, que segue decrescendo, em contraste com o uso popular da Costanera Sur.

A convidada externa, Profa. Dra. Alicia Novick, da FADU / UBA, apresentou momentos relevantes do debate urbanístico em Buenos Aires, distinguindo noções e conceitos: a noção de “influência” partiria de uma concepção estática que pressupõe um emissor ativo e um receptor passivo; a idéia de “transculturação” proposta pelo cubano Fernando Ortiz em 1947; a noção de dependência; as noções de importação e exportação, que devem ser misturadas revelando a complexidade dos intercâmbios e resgatando a capacidade de apropriação e resposta das “periferias”; a noção de “tradução” segundo a qual os textos viajam sem seus contextos e são lidos de acordo com as conformações encontradas no campo receptor (citando a conferência de Pierre Bourdieu na Alemanha sobre a circulação internacional de idéias, em 1989); a noção de “circulação” segundo a qual, de acordo com o que Heliana Angotti Salgueiro afirmou em seu trabalho sobre Camillo Sitte no seminário de Bauru, “as idéias e modelos viajam, circulam, são parcial e fragmentariamente apropriados, lidos, relidos, e não se pode pensar em cronologias, seqüências nem evolução”. Questionou o que podem nos dizer os projetos sobre a efetiva constituição dos territórios, e apresentou sua proposta de periodização, por meio de um quadro sinóptico que mostra como, em cada período (distinguindo o século XIX; o entreguerras; o período 1948-1968; o período 1968-1990; e o período atual, de 1991 em diante), entram em cena novos agentes, modelos, teorias, paradigmas, instrumentos, escalas e formas de intervenção urbanística, inclusive no que se refere ao papel do Estado, às parcerias com o setor privado, às consultorias, etc. Assim, no momento da intervenção podem ser melhor identificados os interesses envolvidos na produção do espaço; e a sucessão de planos e projetos pode ser vista como um palimpsesto de realizações parciais. Voltou ao caso de Puerto Madero lembrando como surgiu numa janela de oportunidade talvez irrepetível, pela conjunção entre os poderes federal, provincial e municipal, o apoio das diferentes entidades governamentais envolvidas, a participação dos meios técnicos locais a partir do concurso, da Corporación e do plan Maestro de 1992; e a visão atual do projeto que elogia seus espaços públicos e parques, mas denuncia o caráter neoliberal e excludente da ocupação. Assinalou que hoje se cogita de projeto semelhante para a área entre Retiro e Aeroparque.

Como debatedores tivemos os Profs. Drs. Carlos Guilherme Mota e Ricardo Hernán Medrano.

Finalmente, o 5º Encontro de Pesquisa “A Cidade Iberoamericana: História, Cultura e Urbanismo” ocorreu também em São Paulo, no Centro Histórico Mackenzie, em 9 de dezembro de 2010, na forma de uma palestra do convidado externo, Prof. Dr. Roberto Segre, do Prourb / UFRJ, com o tema “Urbanismo e urbanistas na América do Sul: de Buenos Aires ao Rio de Janeiro, na qual o Prof. Segre, após apresentar a sua própria formação entre Buenos Aires e Havana, além dos resultados das pesquisas que coordena no LAURD – Laboratório de Análise Urbana e Representação Digital da FAU / UFRJ, envolvendo recursos de modelagem eletrônica na reconstituição das proposições e transformações sofridas por edifícios e conjuntos urbanos importantes do Rio de Janeiro, desde o MES (incluindo os projetos do concurso e as versões iniciais da equipe Lucio Costa / Le Corbusier) até o Bairro do Castelo; trouxe rico material sobre a história das propostas e intervenções urbanísticas em Buenos Aires ao longo do século XX, desde a comparação entre a Avenida de Mayo e a Avenida Central, as consultorias de Bouvard e Forestier tentando criar uma estrutura viária de articulação e um sistema de espaços verdes sobre a grelha colonial de 120 por 120 metros que foi perpetuada no século XX; seguida de um debate com o auditório; os projetos de Benito Carrasco para a Costanera Sur (1912) e de Forestier para a Costanera Norte (1924); os projetos academicistas para a Plaza de Mayo da Comisión de Estética Edilícia (1923) e de Carlos Maria della Paolera (1937); a abertura das diagonais Norte e Sur nos anos 1920 e 1930; a Avenida 9 de Julio como conexão entre as estações ferroviárias Constitución e Retiro; a importante atuação de Le Corbusier e seu plano de 1938-1939 elaborado em conjunto com Jorge Ferrari Hardoy e Juan Kurchan na Rue de Sèvres, pretendendo criar uma cidade aberta nas áreas de expansão sobre o Rio da Prata, substituindo Puerto Madero por um complexo esportivo e propondo em frente uma ilha com arranha-céus como *cite des affaires*, o que reiterava a centralidade do eixo Congresso – Plaza de Mayo; o contraste entre seu projeto para a Plaza del Congreso com o de Carlos Maria della Paolera; a Avenida General Paz de della Paolera, Ernesto Vautier e Pascual Palazzo, como primeira *parkway* da América Latina; a afirmação do modernismo nos anos 1940 com o grupo Austral e Amancio Williams; e finalmente o Plano de Antonio Bonet para San Telmo, propondo demolir o tecido existente para criar uma *ville radiense* de *rédents* ou “gregas” corbusianas. Citou também as propostas dos anos 1970, do regime militar, para a região de Puerto Madero, que seria substituído por uma cidade fechada, empresarial e residencial, enquanto o aterro em frente, resultante da dragagem contínua do porto, seria transformado em reserva ecológica, como realmente ocorreu.

Os resumos inseridos neste relatório dão apenas uma breve notícia dos importantes conteúdos, referenciais e encaminhamentos apresentados e discutidos nos cinco encontros de pesquisa ocorridos em 2010, contribuições que prosseguem ao longo do ano de 2011, nos encontros

promovidos no ENANPUR e no Fórum de Pesquisa Mackenzie, como se verá no item 7 seguinte.

5. SEMINÁRIOS INTERNOS SOBRE OS SUB-TEMAS DE PESQUISA

Paralelamente a esses encontros, foram promovidos ao longo do segundo semestre de 2010 seminários internos com a apresentação dos resultados preliminares da pesquisa, focados nos nove sub-temas específicos relativos aos episódios considerados mais ilustrativos dos momentos de intercâmbio ou compartilhamento de pautas urbanísticas entre São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires; os quais foram selecionados, tanto a partir das discussões ocorridas no âmbito do grupo, como por ocasião dos encontros de pesquisa, com os aportes trazidos pelos colaboradores externos. A investigação a respeito de cada um desses temas foi atribuída a uma dupla formada na equipe, por um pesquisador docente do Mackenzie e um pesquisador discente. Para cada apresentação foi montado material preliminar, tendo em vista seu posterior aproveitamento no sentido de preparar textos compilando os resultados da pesquisa, que resultassem em publicações e/ou apresentações em eventos científicos.

A seqüência de seminários, com a seleção final e aprimoramento das descrições dos sub-temas, foi a seguinte:

- 1) a reforma Passos, o exemplo da Avenida Central e as proposições congêneres em São Paulo, a cargo do Prof. Dr. José Geraldo Simões Junior e da aluna do curso de mestrado do PPGAU / Mackenzie e pesquisadora bolsista Laila Mackenzie Mendonça (realizado em 10 de agosto de 2010);
- 2) Bouvard entre Buenos Aires e São Paulo: projetos e realizações, a cargo do Prof. Dr. Ricardo Medrano e do aluno do curso de mestrado do PPGAU / Mackenzie e pesquisador voluntário Lacey Silva Junior (realizado em 26 de agosto de 2010);
- 3) o pan-americanismo e os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos (Montevideu, 1921, Santiago, 1923, Buenos Aires, 1927, Rio de Janeiro, 1930, Montevideu, 1940, Lima, 1947 e Havana, 1951), a cargo do Prof. Dr. Ricardo Hernán Medrano e da aluna do curso de Graduação da FAU / Mackenzie e pesquisadora bolsista Bruna Machado Hashimoto (realizado em 9 de setembro de 2010 – a ordem das apresentações foi trocada em virtude de problemas pessoais da aluna);
- 4) as revistas de engenharia, arquitetura e urbanismo (o levantamento das bibliotecas pessoais de Anhaia Mello e Prestes Maia ficou para etapa posterior do levantamento), a cargo do Prof. Dr.

José Geraldo Simões Junior e da aluna do curso de Graduação da FAU / Mackenzie e pesquisadora voluntária Laís Silva Amorim (realizado em 26 de agosto de 2010);

5) os grandes “planos gerais” elaborados ao longo dos anos 1920: o plano da Comisión de Estética Edilícia ou Plan Noel em Buenos Aires (publicado em 1925), o Plano Agache para o Rio de Janeiro (publicado em 1930), e o Plano de Avenidas de Prestes Maia em São Paulo (também publicado em 1930); a cargo do Prof. Dr. Candido Malta Campos e do aluno do curso de mestrado do PPGAU / Mackenzie e pesquisador voluntário Vinicius Luz de Lima (realizado em 9 de setembro de 2010);

6) o papel de liderança continental de Carlos Maria della Paolera, sua atuação dentro e fora da Argentina e os contatos com o Departamento de Urbanismo paulistano, a cargo do Prof. Dr. Candido Malta Campos e do aluno do curso de mestrado do PPGAU / Mackenzie e pesquisador voluntário Giulliano Pandori Giancoli (realizado em 23 de setembro de 2010);

7) os estudos sobre a urbanização latino-americana nos anos 1950, 1960 e 1970 – Jorge Hardoy, Richard Morse, Nestor Goulart e outros, a cargo do Prof. Dr. Carlos Guilherme Mota e da aluna do curso de mestrado do PPGAU / Mackenzie e pesquisadora voluntária Lia Silva (realizado em 23 de setembro de 2010 – infelizmente a aluna que em seguida desistiu e deixou de integrar o grupo de pesquisa);

8) Puerto Madero: três décadas do projeto urbano mais emblemático da América Latina – discussões, repercussões, relocalizações, a cargo da Profa. Dra. Eunice Helena Sguizzardi Abascal e do aluno do curso de Graduação da FAU / Mackenzie e pesquisador bolsista Breno Eitel Zylbersztajn – este sub-tema foi dividido em dois trabalhos: um levantamento histórico dos debates em torno da localização, conformação, financiamento e construção do porto de Buenos Aires no século XIX, que resultou na configuração original de Puerto Madero, com os diques, aramzéns e guindastes (apresentado por Breno Eitel Zylbersztajn em 14 de dezembro de 2010); e uma pesquisa sobre o projeto urbano realizado na área de Puerto Madero, das concepções e polêmicas iniciais às fases posteriores sendo atualmente completadas, montagem, concurso e alterações dos projetos arquitetônicos e urbanísticos; usos iniciais e novos ocupantes; formas de financiamento e destinação de recursos; etc. (este último trabalho foi apresentado pela Profa. Dra. Eunice Helena Sguizzardi Abascal por ocasião do 4º Encontro de Pesquisa em 30 de novembro de 2010);

9) o Rio de Janeiro como porta de entrada e campo de provas para os paradigmas contemporâneos do planejamento estratégico e dos projetos urbanos: do Favela-Bairro, Rio Cidade ao Rio Olímpico/2016, a cargo da Profa. Dra. Nadia Somekh e da aluna do curso de

mestrado do PPGAU / Mackenzie e pesquisadora bolsista Daniela Maria Eigenheer (realizado em 9 de novembro de 2010).

Foi contemplada, naquele momento, a possibilidade de inserir novos temas a partir das sugestões do 1º Encontro de Pesquisa, como, por exemplo, a parceria Victor Freire / Saturnino de Brito na década de 1910; mas isso acabou não ocorrendo, sendo tais novos temas reservados para etapa posterior do projeto. Também resolveu-se completar a bibliografia sobre o caso de Buenos Aires visando a aquisição de livros por ocasião das viagens previstas.

6. FINALIZAÇÃO DA PRIMEIRA ETAPA

A partir dos encontros de pesquisa os esforços localizados de investigação e levantamento foram retomados com base nos subsídios, debates e conclusões resultantes dos mesmos. Para um melhor aproveitamento dos recursos disponíveis, as pesquisas de campo e em acervos locais, além das entrevistas, se concentraram nas semanas coincidentes com os encontros, ou outros eventos científicos, tanto em Buenos Aires como no Rio de Janeiro; com exceção da viagem da Profa. Dra. Eunice Helena Sguizzardi Abascal a Buenos Aires, para estudar o caso de Puerto Madero, e sua entrevista com o arquiteto Alfredo Garay, realizada no mês seguinte ao encontro, em novembro de 2010. O período final, de novembro de 2010 a fevereiro de 2011, foi dedicado à preparação de textos, com vistas à montagem deste relatório e a publicações futuras. A publicação em forma de CD-Rom editorado com cem exemplares foi um item do orçamento cortado pelo Mackpesquisa, e portanto esse material só poderá se concretizar ao final da segunda etapa da pesquisa, em 2012, contando com o financiamento do CNPq.

O período final da etapa do projeto objeto do presente relatório, que se encerrou em 31 de janeiro de 2011, foi dedicado à elaboração dos trabalhos escritos derivados dos temas que ganharam maior destaque ao longo do processo de investigação; além da consolidação do referencial teórico e da complementação dos levantamentos indicados, por ocasião das discussões ocorridas no âmbito do grupo de pesquisa e nos encontros citados.

7. CONTINUIDADE DOS TRABALHOS EM 2011

7.1 Sessão Livre no XIV ENANPUR

Cabe destacar a organização e participação em eventos científicos com apresentação dos resultados da pesquisa – já ao longo do ano de 2011, uma vez que o projeto segue em andamento, em virtude do financiamento obtido junto ao CNPq se estender até setembro de 2012.

Como já se mencionou acima, ao longo do segundo semestre de 2010 haviam sido organizados cinco eventos científicos, denominados encontros de pesquisa, em torno deste projeto: três em São Paulo (agosto, novembro e dezembro), um em Buenos Aires (outubro) e um no Rio de Janeiro (novembro), todos extremamente proveitosos.

No primeiro semestre de 2011 procedeu-se à organização de uma Sessão Livre sobre o projeto por ocasião do XIV Encontro Nacional da ANPUR – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, realizado no Rio de Janeiro entre 23 e 27 de maio de 2011.

A sessão, coordenada pelo Prof. Dr. Candido Malta Campos (líder do projeto) teve lugar no dia 26 de maio e contou com a presença de três colaboradores externos: o Prof. Dr. Roberto Segre, como expositor, e a Profa. Dra. Margareth da Silva Pereira, como debatedora, ambos do Prourb - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da FAU / UFRJ - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e ainda a Profa. Dra. Maria Cristina da Silva Leme, da FAU / USP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, também enquanto debatedora.

Após uma introdução do coordenador, Prof. Dr. Candido Malta Campos, apresentando um balanço do andamento do projeto como um todo, foram apresentados os seguintes trabalhos:

1) “A persistência do CIAM em Buenos Aires: De Le Corbusier (1937) a Antonio Bonet (1957).”, pelo Prof. Dr. Roberto Segre, do Prourb / UFRJ (Resumo: *“A visita de Le Corbusier à América do Sul em 1929 entusiasmou jovens profissionais argentinos e brasileiros por suas idéias inovadoras na arquitetura e no urbanismo. Suas propostas para Buenos Aires, Montevideu, São Paulo e Rio de Janeiro, prenunciam os conceitos da Carta de Atenas – publicada pela primeira vez em espanhol em Buenos Aires; onde surgiu o interesse em detalhá-los num Plano Diretor elaborado com o mestre. Abria-se nova etapa no urbanismo latino-americano, rejeitando propostas acadêmicas como as dos planos Noel e Agache em prol das teses dos CIAM. Para detalhar as propostas de Le Corbusier, a Prefeitura portenha enviou a Paris em 1937 os arquitetos Jorge Ferrari Hardoy e Juan Kurchan. Com o início da Segunda Guerra e dificuldades políticas e econômicas, o plano não se concretizou.*

Jovens arquitetos – como os do Grupo Austral – seguiam pressionando e em 1948 foi criada a Oficina del Plan Regulador, responsável pela aplicação das idéias de Le Corbusier. Com a participação do arquiteto espanhol Antonio Bonet, que também havia trabalhado com o mestre, se elaborou o projeto chamado La ciudad frente al río. Com a volta á democracia, surge o último intento de aplicar os ideais dos CLAM. Em 1957, equipe dirigida por Bonet propõe derrubar o Bairro Sul (San Telmo) e criar, junto ao centro, blocos de apartamentos, escritórios, botéis, aos moldes da Ville Radiense. Mas a aplicação esquemática dos conceitos dos CLAM estava fadada ao fracasso.”)

2) “Projeto Urbano de Puerto Madero: Gênese e contemporaneidade” pela Profa. Dra. Eunice Helena Sguizzardi Abascal, do PPGAU / FAU / UPM (Resumo: “O projeto urbano de Puerto Madero, realizado para a reconversão da área portuária de Buenos Aires, pode ser considerado uma experiência consagrada e de sucesso por representar a possibilidade de um país latino-americano comportá-la e tê-la realizado, a par de sua complexidade e envergadura. Embora a recente literatura sobre a matéria não tenha deixado essa intervenção livre de críticas, é inegável que o interesse acadêmico despertado por esse objeto passa pela constatação da qualidade de seu desenho; e pelos impactos em termos da profunda transformação da área portuária e do centro de Buenos Aires, realizada por meio desse projeto urbano. Aos olhos do historiador, o reconhecimento do processo histórico que conformou as bases dessa intervenção contemporânea, ao revelar a gênese e as condições específicas à área e à questão do porto e sua remodelação; consistem em discurso de interesse para fundamentar a compreensão de uma das mais significativas realizações do urbanismo de nossos dias.”)

3) “O Rio de Janeiro como entrada para os paradigmas contemporâneos do planejamento estratégico e dos projetos urbanos”, pela mestrandia Daniela Maria Eigenheer, aluna do curso de mestrado do PPGAU / FAU / UPM. (Resumo: “No final da década de 1980 e início da década de 1990, Rio e São Paulo começam a desenvolver e implementar intervenções urbanísticas com o objetivo de recuperar seus centros tradicionais (como nas intervenções do Rio Cidade e do Programa Ação Centro em São Paulo) e requalificar áreas periféricas e favelas (como nos programas Favela Bairro, no Rio de Janeiro, e Guarapiranga, na RMSP), através de programas e conceitos informados pela agenda do planejamento estratégico, muitas vezes inaugurados por iniciativas cariocas. Porém, apesar de impactos positivos, tais intervenções ainda não induziram uma reestruturação urbana que impactasse o conjunto metropolitano. Atualmente grandes projetos de recuperação de áreas centrais e de infra-estruturas de transporte estão em andamento, como aqueles ligados aos Jogos Olímpicos de 2016. O que se espera desses novos planos são estratégias que promovam a integração social e a ordenação do território urbano. Diferenças morfológicas, políticas, econômicas e sociais entre Rio e São Paulo fazem com que planos urbanísticos assumam resultados muito distintos em cada uma dessas cidades, apesar de partirem de discursos e estratégias semelhantes. Analisá-los dentro desses contextos nos permite refletir e avançar no planejamento urbano de ambas.”)

4) “A circulação de revistas de engenharia, arquitetura e urbanismo entre São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires”, pelo Prof. Dr. José Geraldo Simões Junior, do PPGAU / FAU / UPM. (Resumo: “*Sob a orientação do Prof. Dr. José Geraldo Simões Jr., está sendo realizada abrangente levantamento de periódicos editados na primeira metade do século XX e divulgados entre engenheiros, arquitetos e urbanistas locais, particularmente dos títulos que circulavam entre as três capitais estudadas: São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires. O ponto de partida para este levantamento foi o banco de dados Dedalus, que inclui títulos constantes de todas as bibliotecas da USP. A seleção foi realizada a partir de palavras-chave constantes no título dos periódico, com relação com os assuntos tratados na pesquisa, como stadtebau, urbanisme, urbanistica, planejamento urbano, town planning, city planning, urbana, engenharia, engineering, génie, architecture, architectural, etc. Após o levantamento de todos os títulos correlatos com coleções abrangendo anos incluídos no período de 1890 a 1930, foram selecionados os dez títulos mais relevantes e iniciada documentação fotográfica das informações relativas a edição, ano e assunto (índices), começando pela biblioteca da FAU/USP e pela Biblioteca Central da Escola Politécnica. Depois dessa primeira seleção foi aprofundada a pesquisa nos periódicos cariocas e argentinos e ampliado o levantamento até 1950, separando revistas consideradas relevantes. Este trabalho ainda se encontra em andamento devido ao grande número de publicações.*”)

7.2. Nova rodada de seminários internos de embasamento teórico

Em 2011 voltamos a encarar ao desafio de encontrar um referencial teórico que dê conta da questão da circulação do ideário urbanístico entre cidades e países. Dessa feita, em virtude das recomendações derivadas dos encontros de pesquisa, o objetivo é buscar conceitos e modelos explicativos nos ramos da história e da sociologia da cultura. Para tanto foram selecionados os livros **Palavras-chave**, de Raymond Williams, apresentado pelo Prof. Dr. Carlos Guilherme Mota;³ **Uma história social do conhecimento**, de Peter Burke, apresentado pelo Prof. Dr. Candido Malta Campos;⁴ o artigo de Arjun Appadurai “Disjunção e diferença na economia cultural global”, da coletânea organizada por Mike Featherstone **Cultura global**,⁵ apresentado pela Profa. Dra. Eunice Helena Sguizzardi Abascal; e o capítulo de Stephen Ward “Re-examining the international diffusion of planning”⁶ em coletânea organizada por Robert Freestone, a cargo

³ WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**. São Paulo: Boitempo, 2007.

⁴ BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

⁵ APPADURAI, Arjun. “Disjunção e diferença na economia cultural global.” In: FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura global: Nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis: Vozes, s.d.p.

⁶ WARD, Stephen. “Re-examining the international diffusion of planning.” In: FREESTONE, Robert (org.). **Urban planning in a changing world. The twentieth century experience**. London: E & FN Spon, 2000, pp. 40-60.

do Prof. Dr. José Geraldo Simões Junior. Em seguida teremos textos de Alicia Novick, a cargo do Prof. Dr. Ricardo Medrano, e Bruno Latour, a cargo da Profa. Dra. Nadia Somekh.

7.3. Congresso de Estudos Urbanos

Outro momento importante foi a participação do Prof. Dr. Candido Malta Campos, da Profa. Dra. Nadia Somekh e do aluno de graduação e bolsista PIBIC Breno Eitel Zylbersztajn, com financiamento do CNPq e do Lincoln Institute, além da colaboradora externa Profa. Dra. Alicia Novick, da FADU / UBA - Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo da Universidad de Buenos Aires, no Iº Congresso Latino-Americano de Estudos Urbanos, realizado na Universidad Nacional General Sarmiento, em Los Polvorines, região metropolitana de Buenos Aires, onde os pesquisadores do Mackenzie apresentaram um trabalho conjunto, coordenado pelo Prof. Candido Malta Campos, sobre projetos urbanos nas três metrópoles sul-americanas enfocadas pela pesquisa.⁷

A viagem serviu também para completar o levantamento de material em Buenos Aires, tanto em termos de livros como das cópias de artigos selecionados sobre urbanismo na *Revista de Arquitectura*, abrangendo o período até 1948, resultando na seleção e reprodução de aproximadamente 1.500 páginas, que se somaram às mais de 200 páginas xerocadas na viagem anterior.

7.4 Mesas-redondas no Fórum de Pesquisa

Para o segundo semestre de 2011 ainda se prevê a realização de duas mesas-redondas em torno do projeto, organizadas como parte do 7º Fórum de Pesquisa FAU / Mackenzie; abordando projetos urbanos em metrópoles sul-americanas – aproximações históricas e temas contemporâneos - nos dias 18/10 (Projetos Urbanos em Metrópoles Sul-Americanas - Aproximações Históricas) e 19/10 (Projetos Urbanos em Metrópoles Sul-Americanas - Temas

⁷ CAMPOS, Candido Malta; ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi; EIGENHEER, Daniela Maria; SOMEKH, Nadia & ZYLBERSZTAJN, Breno Eitel. “Projetos urbanos nas grandes metrópoles sul-americanas: Visões do reaproveitamento de áreas subutilizadas em Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo.” Anais do I Congresso Latinoamericano de Estudios Urbanos, Buenos Aires, 24 a 26 de agosto de 2011. Buenos Aires: Instituto del Conurbano – Universidad Nacional General Sarmiento / Instituto de Investigaciones Sociales – Universidad Nacional Autónoma de México / Universidad Nacional de Quilmas / Lincoln Institute of Land Policy, pp. 1-25.

Contemporâneos), com a participação de integrantes docentes e discentes da equipe de pesquisa, mais os colaboradores externos Prof. Dr. Roberto Segre e Profa. Dra. Alicia Novick.

As mesas visam discutir o trânsito do ideário e dos paradigmas urbanísticos nos períodos moderno e contemporâneo a partir de aproximações com referenciais historicamente localizados e de cruzamentos entre os casos emblemáticos das três maiores metrópoles sul-americanas – São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires. Partindo do pressuposto de que o campo do urbanismo se define como produção de conhecimento caracterizável por meio do campo dos estudos culturais, relaciona-se de maneira indissociável com a produção ideológica; compreendida não apenas como discurso superestrutural que mascara interesses expressos, mas também enquanto campo de embates e disputas pela hegemonia, em que se produz conhecimento passível de legitimação enquanto prática social. O urbanismo moderno e contemporâneo experimenta tal dualidade enquanto instância produtora de conhecimento, presente na mediação do plano e do projeto urbano como instrumentos, ao mesmo tempo expressando a sedimentação de modelos como paradigmas referenciais e articulando intervenções transformadoras.

A primeira sessão, “Projetos urbanos em metrópoles sul-americanas: Aproximações históricas” sob coordenação do Prof. Dr. Candido Malta Campos (líder do projeto) contará com os seguintes trabalhos:

1) “Os planos urbanísticos do Rio de Janeiro e São Paulo na primeira década do século XX e suas referências ao ideário internacional.”, por Laila Mackenzie Mendonça, aluna do curso de mestrado do PPGAU / FAU / UPM, e pelo Prof. Dr. José Geraldo Simões Junior, do PPGAU / FAU / UPM. (Resumo: *“A apresentação procurará analisar comparativamente as reformas urbanas realizadas no Rio de Janeiro e São Paulo, no começo do século XX, ligadas à reestruturação espacial de seus espaços centrais. No Rio de Janeiro, as intervenções estarão focalizadas na Avenida Central e em São Paulo, na transformação da área do vale do Anhangabaú. Além das particularidades de cada plano em sua ambiência política e econômica, serão enfatizados os aspectos relacionados as referências ao ideário urbanístico internacional, um novo campo de conhecimento, fundamentado em bases científicas, que naquele período estava sendo consolidado na Europa e nos Estados Unidos.”*)

2) “Bouvard entre Buenos Aires e São Paulo: Propostas e realizações.”, pelo Prof. Dr. Ricardo Hernán Medrano, da FAU / UPM; pela Profa. Ms. Roseli D’Elboux, da FAU / UPM, e por Lacey Silva Junior, aluno do curso de mestrado do PPGAU / FAU / UPM. (Resumo: *“Este artigo apresenta um estudo sobre a passagem do arquiteto francês Joseph Bouvard por Buenos Aires e por São Paulo, no início do século passado. Trata-se de entender a relação entre sua passagem e os processos em curso, procurando*

articular as diferentes escalas envolvidas; desde as reformas realizadas em Paris até as propostas aqui feitas, bem como as diferentes dimensões necessárias à sua compreensão, das sociais até as espaciais.”)

3) “Matrizes de análise dos grandes planos dos anos 1920: Comisión de Estética Edilícia (Buenos Aires), Plano Agache (Rio de Janeiro), Plano de Avenidas (São Paulo).” Pelo Mestre em Arquitetura e Urbanismo. Vinícius Luz de Lima e pelo Prof. Dr. Candido Malta Campos, do PPGAU / FAU / UPM. (Resumo: “*O estudo dos planos urbanos elaborados para as cidades do Rio de Janeiro, Buenos Aires e São Paulo busca avaliar as formas de desenvolvimento e prática do urbanismo na América Latina, durante a década de 1920. A análise se baseia na comparação dos seguintes planos urbanos: Plan Noel de Buenos Aires, elaborado pela Comisión de Estética Edilícia (1925) para o Intendente Carlos Noel; o Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento para o Rio de Janeiro, coordenado pelo consultor francês Alfred Agache para o Prefeito Antonio Prado Junior; e o Plano de Avenidas de São Paulo, elaborado para o Prefeito Pires do Rio pelo engenheiro civil e arquiteto Francisco Prestes Maia, ambos finalizados em 1930; busca compreender como se deu a transferência e circulação de paradigmas urbanísticos a partir da compreensão das formas de difusão e incorporação dos princípios e conceitos de diferentes origens – europeus, norte-americanos, regionais e locais - que permearam a montagem dos três documentos, e dos diálogos e contrastes que podem ser traçados entre eles.*”)

4) “Os projetos para o Morro de Santo Antônio no Rio de Janeiro: Diálogo entre academia e modernidade.” pelo Prof. Dr. Roberto Segre, do Prourb / UFRJ. (Resumo: “*Contrariamente ao Morro do Castelo, que no processo da sua derrubada em 1922, foram elaborados projetos esquemáticos, não concretizados até a proposta de Agache; o Morro de Santo Antônio – eliminado em 1952 – constituiu um campo de experimentação das ideais urbanísticas, entre os anos trinta e cinquenta. As idéias elaboradas evidenciam o diálogo entre as concepções acadêmicas e a influência do Movimento Moderno através a influência de Le Corbusier. Donat Alfred Agache desenvolve a proposta acadêmica em que a Esplanada de Santo Antônio é concebida como uma imagem especular da solução elaborada para a Esplanada do Castelo. Mas posteriormente, na década dos anos quarenta, Paulo Camargo de Almeida (1906-1973) e José Otacilio Saboya Ribeiro (1899-1976), definem propostas intermediárias entre a academia e a modernidade. O ciclo conclui nos anos cinquenta com o projeto modernista canônico de Affonso Eduardo Reidy (1909-1964)*”).

5) “Puerto Madero, Buenos Aires: Formação e implantação do porto - Genealogia de um projeto insígnia.” pela Profa. Dra. Eunice Helena Sguizzardi Abascal, do PPGAU / FAU / UPM e por Breno Eitel Zylberstjain, aluno do curso de Graduação da FAU / UPM e bolsista de Iniciação Científica do projeto. (Resumo: “*O presente trabalho tem por objetivo historiar o processo de formação e implantação de Puerto Madero, no intuito de compreender as lógicas intrínsecas à sua realização, funcionamento e decadência, bem como as forças econômicas, políticas e sociais envolvidas nessa gênese. Embora se concentre no recorte de 1782 a 1939, o estudo histórico dos principais acontecimentos ocorridos no período deverá fornecer*

indícios para a compreensão dos processos e estruturas relativos a implantação de um porto em Buenos Aires, que permitem entender heranças e transformações perceptíveis na contemporaneidade. Trata-se de compreender ainda a formação do ideário gestado pelos principais atores do processo de concepção e implantação desse porto, os valores e princípios regentes desse processo, a fim de entender as motivações e contingências que levaram à proposição e implementação das atividades e instalações portuárias na cidade de Buenos Aires.”)

A segunda sessão, “Projetos urbanos em metrópoles sul-americanas: Temas contemporâneos”, sob a coordenação da Profa. Dra. Eunice Helena S. Abascal, contará com os seguintes trabalhos:

1) “O Rio de Janeiro como entrada para os paradigmas contemporâneos do planejamento estratégico e dos projetos urbanos.” pela Profa. Dra. Nadia Somekh, do PPGAU / FAU / UPM e pela Mestre em Arquitetura e Urbanismo Daniela Maria Eigenheer. (Resumo: “No final da década de 1980 e início da década de 1990, Rio e São Paulo começam a desenvolver e implementar intervenções urbanísticas com o objetivo de recuperar seus centros tradicionais (Rio Cidade e Programa Ação Centro em São Paulo) e requalificar áreas periféricas e favelas (Favela Bairro, no RJ, e Guarapiranga, na RMSP), através de programas e conceitos informados pela agenda do planejamento estratégico, muitas vezes inaugurados por iniciativas cariocas. Porém, apesar de impactos positivos, tais intervenções ainda não induziram uma reestruturação urbana que impactasse o conjunto metropolitano. Através de mecanismos de gestão pública, como as concessões urbanísticas, as operações urbanas e da articulação de interesses diversos entre atores públicos, privados, bem como da sociedade, os planos urbanos atuais se transformam em um importante elemento com forte impacto social e econômico sobre a cidade.”)

2) “Projeto Urbano Puerto Madero: Materialização de uma idéia em trânsito.” pela Profa. Dra. Eunice Helena Sguizzardi Abascal, do PPGAU / FAU / UPM e por Breno Eitel Zylberstjain, aluno do curso de Graduação da FAU / UPM e bolsista de Iniciação Científica do projeto. (Resumo: “A intervenção realizada na década de noventa em Puerto Madero, Buenos Aires, é um caso de interesse, pois exemplifica a aplicação de um ideário e paradigmas urbanísticos à realização de um Projeto Urbano alinhado às práticas urbanísticas internacionais vigentes no período de sua concepção e materialização. O exemplo possibilita compreender, a partir do exame do processo histórico que lhe é próprio, causas e singularidades da apropriação desses paradigmas, bem como os efeitos espaciais relativos à intervenção frente à cidade consolidada e preexistente. O caso permite ainda compreender a formulação real e específica de um espaço público gentrificador, cujo desenho é um agente dessa gentrificação e produção de segregação espacial e social, permitindo aprofundar a questão do projeto como mediador da ideologia e motor de transformação da realidade a partir dela.”)

3) “Dos projetos de embelezamento aos territoriais: Buenos Aires 1910-2010.” Pela Profa. Dra. Alicia Novick, da FADU / UBA. (Resumo: “Ao longo do último século as intervenções urbanísticas em nossas cidades transitaram por um longo e intrincado percurso marcado por projetos, planos e propostas de diversos

matizes, universo que pode ser melhor compreendido a partir de uma periodização e de um mapeamento preliminares. Nas passagens entre sucessivos períodos as permanências e inovações revelam embates paradigmáticos que contrapuseram, aos projetos de embelezamento do final do século XIX, os projetos modernos do urbanismo dito científico, afirmando-se na primeira metade do novecentos; e culminando no planejamento integrado de tom moderno, caráter multi-setorial e abrangente dos anos 1960 e 1970; o qual sofreu a crítica dos proponentes dos projetos urbanos estratégicos em décadas mais recentes; sendo estes, por sua vez, objeto de revisões críticas que hoje apontam para a oportunidade dos projetos ditos territoriais, de abrangência supra-municipal, mas também ultrapassando o planejamento regional convencional por seu reconhecimento de territórios demarcados por fatores como aqueles de relevância ambiental e cultural.”)

Esta última mesa deverá funcionar como uma oficina, buscando-se aproximações entre as matrizes de análise e as periodizações colocadas nos estudos sobre Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo, a partir dos quadros propostos pela Profa. Dra. Alicia Novick nos encontros de pesquisa precedentes.

PUBLICAÇÕES

- 1) CAMPOS, Candido Malta (coord.). “Sessão Livre: A cidade iberoamericana: História, cultura e urbanismo. Passagens do ideário urbanístico entre Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo.” Anais do XIV Encontro Nacional da ANPUR – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro, 23 a 27 de maio de 2011. Rio de Janeiro: Prourb / IPPUR, Programa das Sessões Livres, pp. 42-43. Apoio: Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa.
- 2) SEGRE, Roberto. “A persistência do CIAM em Buenos Aires: De Le Corbusier (1937) a Antonio Bonet (1957).” XIV Encontro Nacional da ANPUR – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro, 23 a 27 de maio de 2011, pp. 1-10.
- 3) ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi. “Projeto urbano de Puerto Madero: Gênese e contemporaneidade.” XIV Encontro Nacional da ANPUR – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro, 23 a 27 de maio de 2011, pp. 1-41. Apoio: Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa.
- 4) SOMEKH, Nadia & EIGENHEER, Daniela Maria. “O Rio como entrada para os paradigmas contemporâneos do planejamento estratégico e dos projetos urbanos.” XIV Encontro Nacional da ANPUR – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro, 23 a 27 de maio de 2011, pp. 1-23. Apoio: Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- 5) AMORIM, Laís da Silva & SIMÕES JR., José Geraldo. “A circulação de revistas de engenharia, arquitetura e urbanismo entre São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires.” XIV Encontro Nacional da ANPUR – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, Rio de Janeiro, 23 a 27 de maio de 2011, pp. 1-10. Apoio: Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa.
- 6) CAMPOS, Candido Malta; ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi; EIGENHEER, Daniela Maria; SOMEKH, Nadia & ZYLBERSZTAJN, Breno Eitel. “Projetos urbanos nas grandes metrópoles sul-americanas: Visões do reaproveitamento de áreas subutilizadas em Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo.” Anais do I Congreso Latinoamericano de Estudios Urbanos, Buenos Aires, 24 a 26 de agosto de 2011. Buenos Aires: Instituto del Conurbano – Universidad Nacional General Sarmiento / Instituto de Investigaciones Sociales – Universidad Nacional Autónoma de México / Universidad Nacional de Quilmas / Lincoln Institute of Land Policy, pp. 1-25. Apoio: Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- 5) CAMPOS, Candido Malta & ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi (coords.). “Mesa-Redonda: Projetos urbanos em grandes metrópoles sul-americanas: Aproximações históricas e temas contemporâneos.”

Anais do 7º Fórum de Pesquisa FAU / Mackenzie, São Paulo, 17 a 20 de outubro de 2011. São Paulo: Mackpesquisa – FAU / Mackenzie, pp. 1-7. Apoio: Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa.

6) MENDONÇA, Laila Mackenzie & SIMÕES JR., José Geraldo. “Os planos urbanísticos do Rio de Janeiro e São Paulo na primeira década do século XX e suas referências ao ideário internacional.” 7º Fórum de Pesquisa FAU / Mackenzie, São Paulo, 17 a 20 de outubro de 2011, pp. 1-18. Apoio: Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa.

7) MEDRANO, Ricardo; D’ELBOUX, Roseli & SILVA JR., Laccy. “Boulevard entre Buenos Aires e São Paulo: Propostas e realizações.” 7º Fórum de Pesquisa FAU / Mackenzie, São Paulo, 17 a 20 de outubro de 2011, pp. 1-19. Apoio: Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa.

8) ZYLBERSZTAJN, Breno Eitel & ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi. “Puerto Madero, Buenos Aires: Formação e implantação do porto - Genealogia de um projeto insígnia.” 7º Fórum de Pesquisa FAU / Mackenzie, São Paulo, 17 a 20 de outubro de 2011, pp. 1-33. Apoio: Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

9) LIMA, Vinicius Luz de & Campos, Candido Malta. “Matrizes de análise dos grandes planos dos anos 1920: Comisión de Estética Edilicia (Buenos Aires), Plano Agache (Rio de Janeiro), Plano de Avenidas (São Paulo).” 7º Fórum de Pesquisa FAU / Mackenzie, São Paulo, 17 a 20 de outubro de 2011, pp. 1-33. Apoio: Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa.

10) SEGRE, Roberto. “Os projetos para o Morro de Santo Antônio no Rio de Janeiro: Diálogo entre academia e modernidade.” 7º Fórum de Pesquisa FAU / Mackenzie, São Paulo, 17 a 20 de outubro de 2011, pp. 1-33. Apoio: Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa.

11) ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi & ZYLBERSZTAJN, Breno Eitel. “Projeto Urbano Puerto Madero: Materialização de uma idéia em trânsito..” 7º Fórum de Pesquisa FAU / Mackenzie, São Paulo, 17 a 20 de outubro de 2011, pp. 1-33. Apoio: Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

11) NOVICK, Alicia. “De los proyectos de embellecimiento a los proyectos territoriales: Buenos Aires 1910-2010.” 7º Fórum de Pesquisa FAU / Mackenzie, São Paulo, 17 a 20 de outubro de 2011, pp. 1-19. Apoio: Fundo Mackenzie de Pesquisa – Mackpesquisa.

RESULTADOS / DISCUSSÃO

1. AJUSTES NOS OBJETIVOS INICIAIS

São Paulo, Rio, Buenos Aires. Tão próximas, porém tão distantes. Muito diferenciadas em seus processos peculiares de formação histórica, em suas condicionantes geográficas e sítios urbanos, assim como em seus padrões de urbanização e de conformação morfológica,⁸ as três maiores metrópoles sul-americanas partilham momentos de aproximação no que se refere às temáticas urbanísticas; as quais, circulando em complexas redes de contatos, intercâmbios e cruzamentos de referências, estabelecem pontos para uma reflexão comum.

Não se trata aqui de propor um estudo comparativo, mas buscar identificar instâncias em que se processa tal compartilhamento de referências urbanísticas, no qual paralelismos, convergências e divergências podem lançar novas luzes sobre episódios já estudados individualmente pelos historiadores do urbanismo especializados em cada caso ou cidade. Mais especificamente, este projeto procura focar como temas lançados em cada momento pelo debate urbanístico em âmbito internacional, continental, nacional e local circulam entre esses três pólos regionais.

De acordo com o projeto de pesquisa original, os objetivos da investigação envolveriam destacar o papel de referência dos casos de Buenos Aires e do Rio de Janeiro na definição, alimentação e

⁸ São inúmeras as obras que tratam da formação histórica e do processo de urbanização dessas cidades. Superando o tom nostálgico dos memorialistas de meados do século passado – aliás excelentes, como BRUNO, Ernani da Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**. (3 vols.) São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954; e o delicioso COARACY, Vivaldo. **Memórias da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. Os portenhos contam com uma ótima coleção separada por bairro, os **Cuadernos de Buenos Aires** publicados nos anos 1960 sob os auspícios da municipalidade. Podemos cotejar esforços abrangentes envolvendo proezas de síntese como os de GUTIÉRREZ, Ramón. **Buenos Aires: Evolución histórica**. Buenos Aires: Escala, 1992; ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IplanRio / Zahar, 1997; TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: Três cidades em um século**. São Paulo: Duas Cidades, 1983 (com nova edição em 2007); e REIS, Nestor Goulart. **São Paulo: Vila, cidade, metrópole**. São Paulo: PMSP, 2004. Também contamos com notícias como a de SEGRE, Roberto. “Introduzione storica all’architettura di Buenos Aires.” *Casabella* n° 285, Milano, 1964; são mais raras as biografias de cidade como a de MORSE, Richard M. **Formação histórica de São Paulo**. São Paulo: Difel, 1970; há uma correspondente parcial em Buenos Aires, SCOBIE, James R. **Buenos Aires: Del centro a los barrios, 1870-1910**. Buenos Aires: Solar, 1977. Já existem coletâneas ambiciosas reunindo vários autores em histórias gerais de cidades cobrindo vários séculos, como os dois volumes organizados pelos historiadores argentinos pai e filho ROMERO, José Luís & ROMERO, Luís Alberto (orgs.). **Buenos Aires: Historia de cuatro siglos**. Buenos Aires, Altamira, 2000; ou os quatro volumes organizados por PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo**. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 2004. Interessante combinação entre história urbana e história do urbanismo foi lançada por GUTMAN, Margarita & HARDOY, Jorge Enrique. **Buenos Aires 1536- 2006: Historia urbana del Area Metropolitana**. Buenos Aires: Infinito, 2006.

balizamento do ideário urbanístico e do debate urbano em São Paulo. Para tanto, deveriam ser investigadas as conexões entre concepções, propostas e intervenções em pauta nos três centros metropolitanos em questão, desde os últimos anos do século XIX, passando por todo o século XX, acompanhando o desenvolvimento do urbanismo e do planejamento urbano e chegando aos paradigmas contemporâneos do planejamento estratégico e dos projetos urbanos.

A partir dos primeiros contatos com essa temática e seus casos de estudo, porém, verificou-se que a compreensão desses fluxos não poderia se ater a uma única direção: não apenas os esquemas convencionais de difusão das concepções urbanísticas no sentido centro-periferia deveriam ser ampliados no sentido de abarcar os contatos entre as cidades sul-americanas escolhidas; mas esses contatos também deveriam ser compreendidos de maneira mais abrangente, na medida em que não se podem tomar os exemplos de Buenos Aires e do Rio de Janeiro como meras contrapartidas locais numa cadeia geral de subordinação a idéias oriundas dos centros difusores do Hemisfério Norte, funcionando como pólos retransmissores do ideário urbanístico em âmbito local, nacional ou continental.

Ao contrário, contatos e referenciamentos podem ser traçados em todas as direções, e os diferentes componentes do ideário urbanístico, conquanto oriundos, em última instância, de fontes européias ou norte-americanas, são traduzidos, retraduzidos e repropostos constantemente pelos meios técnicos locais; e também pelos consultores europeus, norte-americanos ou nacionais chamados a colaborar em determinadas ocasiões, ora trazendo seus aportes de especialistas, ora legitimando soluções já em pauta. Como tal os elementos do pensamento urbanístico ricocheteiam continuamente entre as grandes metrópoles sul-americanas, assumindo em cada passagem novos significados e interpretações; resultando, quase sempre, num intrincado processo de apropriações, seleções e remanejamentos, ao sabor das circunstâncias e demandas específicas encontradas naquele momento em cada cidade.

A pesquisa envolveu, portanto, manifestações desse debate em periódicos especializados, propostas, planos, projetos e outros documentos urbanísticos, elaborados dentro e fora da administração estatal, a produção relacionada às entidades profissionais, às associações cívicas e às escolas de arquitetura e urbanismo, livros e outras publicações pertinentes.

Enquanto objetivo acessório, seriam ainda enfocados aspectos do debate arquitetônico, muitas vezes indissociável das elaborações urbanísticas; e, principalmente, questões presentes no assim chamado “debate nacional” que presidia às demais discussões envolvidas na transformação da cidade e do país, colocando em jogo propostas de construção da nacionalidade e das identidades nacional e local, em embates ideológicos que deixaram sua marca nas diferentes propostas de

modernização urbana. Tais considerações, ainda que presentes pontualmente ao longo destes primeiros resultados, deverão ter seu desenvolvimento em separado nas etapas seguintes da pesquisa.

2. POR QUE IBEROAMÉRICA?

Em primeiro lugar, foi preciso justificar a opção pelo recorte “iberoamericano” assumido pelo grupo de pesquisa desde 2002, e menos usual que as delimitações mais correntes dos universos “latino-americano” ou “sul-americano”.⁹ Sem dúvida, trata-se de evitar as cargas político-ideológicas acumuladas com a noção de “América Latina”, lembrando que esta surgiu no século XIX como opção ao pan-americanismo e à “doutrina Monroe” que nos atrelavam irremediavelmente aos Estados Unidos.¹⁰ Oferecia, em troca da subordinação política e econômica aos Estados Unidos, a alternativa aparentemente menos pesada da filiação a uma porção da Europa que teria conosco mais afinidades históricas e culturais - sem passar necessariamente pelas antigas metrópoles coloniais, cujo jugo nada leve acabávamos de sacudir.

Tratava-se de priorizar a conexão com a Europa meridional, e particularmente com a França – a qual, embora chamuscada pelo desastroso episódio mexicano de Maximiliano,¹¹ empenhou-se, a partir do Segundo Império e da Terceira República, em trazer “voluntariamente” todo o heterogêneo conjunto das repúblicas hispano-americanas ao rebanho do imperialismo cultural francês.¹² E o Brasil, mais disposto a se passar dos Estados Unidos e ávido, desde os Braganças,

⁹ Para não falarmos em terceiro-mundismo, economias emergentes, BRICs ou outras conjunções do momento, e sem esquecer da conexão luso-brasileira, do mundo luso-afro-brasileiro identificado por Gilberto Freyre, ou da lusofonia tão em voga nos últimos anos.

¹⁰ Vide ALMANDOZ, Arturo “El furor Monroe” e “Ariel versus Caliban” In: **Urbanismo europeo em Caracas (1870-1940)**. _Caracas: Equinoccio / Ediciones de la Universidad Simon Bolívar / Fundarte / Alcaldía de Caracas, 1998, pp. 135-141. O **Ariel** de José Henrique Rodó seria o espírito etéreo, intelectualizado e artístico da cultura latino-americana em contraste com o materialismo grosseiro dos norte-americanos.

¹¹ BAZANT, Jan. “O México da Independência a 1867.” In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina. Vol. III: Da Independência a 1870**. São Paulo: Edusp, 2009, pp. 459-463.

¹² A despeito da cunhagem do termo pelo intelectual e político francês Marcel Chevalier em 1836 e de sua retomada pelo colombiano Manuel Saicedo nos anos 1850 e pelo jurista Carlos Calvo na década seguinte, questiona-se em que medida a expressão América Latina foi incorporada ao debate intelectual no continente, dada sua ausência das obras de Domingo Sarmiento, Juan Bautista Alberdi, José Martí, José Enrique Rodó, José Vasconcelos e outros, que muitas vezes preferem as denominações Hispanoamérica ou Iberoamérica. Mesmo sua suposta instrumentalização para justificar a intervenção francesa no México não é confirmada nem pelas obras de Chevalier (importante ideólogo desse episódio) nem pela correspondência de Napoleão III. Seria apenas no segundo pós-guerra, com a CEPAL e a tradução de várias obras de historiadores norte-americanos sobre a América Latina, que o termo teria se disseminado. Vide BRUIT, Hector. “A invenção da América Latina.” Anais do V Encontro da ANPHLAC, Campinas,

por alianças gaulesas - mesmo que estas, após a *entente cordiale* esboçada desde meados do oitocentos, pouco valessem contra o virtual protetorado britânico estabelecido sobre a América do Sul, e particularmente a região do Prata; esticada, na prática, do Rio de Janeiro a Valparaíso...

Ao longo do século XX essa raiz francesa não traria grandes obstáculos, pelo contrário, à crescente apropriação da idéia de América Latina por correntes políticas mais à esquerda. Ao mesmo tempo, a partir de meados do século a idéia foi comprada pelos próprios norte-americanos, procurando se distanciar da porção “latina” que começava a se fazer presente na demografia estadunidense. Após a revolução cubana o latino-americanismo, associado ao terceiro-mundismo, ganhou tom mais revolucionário, agora nos distanciando tanto dos Estados Unidos como da Europa, “latina” ou não. Conseqüentemente, ao raiar do novo milênio o latino-americanismo remetia quase sempre a uma ideologização dos discursos e debates.

Naquele momento uma Europa unificada e enriquecida pretendia retomar a partilha do globo em porções reservadas aos diversos países-membros, segundo a lógica nada sutil das “heranças culturais comuns”, recorrendo aos argumentos tão atuais da identidade e da cultura para reatar os vínculos coloniais. Divisão na qual o lote então desvalorizado de uma América Latina em crise cabia perfeitamente como prêmio de consolação para os primos pobres da Península Ibérica.

Deriva daí um primeiro atributo interessante da idéia de Iberoamérica: ela nos remete à história; não à história de um continente “enfermo” que capotou na corrida planetária, mas à história vista como *longue durée*. A conexão iberoamericana nos liberta da extrema periferia e alarga os circuitos da circulação de pessoas, mercadorias e idéias, particularmente estas últimas, tão valorizadas na era da informação como mediadoras dos vínculos supra-nacionais, seja em termos neo-imperialistas, seja nas versões mais amenas dos acordos de cooperação cultural e acadêmica. Identidades legitimadoras, no sentido que lhes confere Manuel Castells,¹³ mas também uma abertura para posicionamentos e cruzamentos diversos daqueles que nos prendem à Latinoamérica. Como sugere Stuart Hall, “*estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que tiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas*”.¹⁴ A noção de Iberoamérica abre caminho para se identificarem outros cruzamentos para além da divisão anterior entre Primeiro e Terceiro Mundo, e sem o compromisso com uma identidade “latino-

2000, In: http://anphlac.org/periodicos/anais/encontro5/hector_bruit. Acesso em 10/10/2010. O autor menciona algumas exceções, mas omite o nome de Manuel Bonfim, cujo **América Latina: Males de origem**, de 1903, traz uma visão extremamente crítica do continente.

¹³ CASTELLS, Manuel. **A era da informação: Economia, sociedade e cultura. Vol. 2: O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 24.

¹⁴ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: D, P & A, 2006, p. 88.

americana” e suas implicações em termos de uma política de resistência comum que tende ver de maneira simplificada contatos e intercâmbios complexos, que por vezes transitam em direções inesperadas.

Para os propósitos do nosso projeto de pesquisa esse movimento de reinserção é importante. A partir dele podemos retrazar os trajetos da circulação internacional de idéias. Se a operação de recolonização, se não durou muito - e hoje assiste novamente à inversão de papéis entre um endividado Sul europeu e uma Sul-América mais próspera – teve a particularidade de nos trazer, além de Telefonicas e ideias sem acento, no bojo das privatizações e dos acordos de cooperação cultural; uma nova rodada de consultorias, modelos e exemplos no campo arquitetônico e urbanístico. Um dos maiores trunfos da Espanha contemporânea nos embates globais da era da informação, ecoado em menor grau por Portugal, é a qualidade de sua produção arquitetônica e de suas realizações urbanísticas.

Entretanto, foi por meio de um modelo de origem estadunidense, o planejamento estratégico, que se justificou o recurso às consultorias catalãs, amparadas no exemplo de sucesso de Barcelona, a partir dos preparativos e realização da Olimpíada de 1992 e dos projetos de reconversão urbana que os acompanharam. Sua passagem recorrente pelas principais cidades do continente ecoa as consultorias francesas do início do século XX, e por isso mesmo nos interessa manter a delimitação iberoamericana, mais reveladora do papel dessa intermediação catalã (e do consultor português Nuno Portas) para a divulgação, aceitação e apropriação dos novos paradigmas do planejamento estratégico e dos projetos urbanos entre nós. Na medida em que este projeto pretende abordar tanto episódios recuados no tempo como os contemporâneos, a capacidade que eles terão de se iluminar mutuamente torna-se uma chave essencial para a concepção desta pesquisa e a seleção dos sub-temas a serem investigados.

Partimos da hipótese de que, além das instâncias global e local ultimamente tão ressaltadas, a questão urbana contemporânea passa também por uma revitalização das conexões regionais, seja em âmbito intermunicipal, seja nas dimensões sul-americana ou iberoamericana. E nesse processo as interfaces com outras metrópoles nos remetem, no caso paulistano, às nossas vizinhas e concorrentes no páreo das “cidades globais”, Rio de Janeiro e Buenos Aires – que há mais de cem anos vêm disputando, juntamente com São Paulo, a primazia neste rincão do mundo. E, portanto, servindo como pontos de rebatimento, referenciamento e intercâmbio em termos do ideário urbanístico.

O passo seguinte envolvia uma melhor compreensão dos processos de circulação e difusão do pensamento urbanístico, para o que foi preciso retomar definições básicas sobre a formulação, a

divulgação e a afirmação do urbanismo enquanto disciplina e suas passagens rumo às cidades brasileiras e argentina. Para tanto retornamos às discussões ocorridas há mais de quinze anos que culminaram no encontro de Itamonte em 1994; cujas colocações nos parecem extremamente atuais, como se o planejamento estratégico globalizado do século XXI reproduzisse mecanismos de transmissão, apropriação e tradução/traição tirados diretamente dos episódios, projetos e consultorias de cem anos atrás. Conforme avançam as investigações e discussões, o paralelismo 1910/2010 emerge cada vez mais como um dos fios condutores do projeto.

3. INTERPRETANDO A FORMAÇÃO DO URBANISMO MODERNO

Curto, porém marcante, o texto de Luiz César de Queiroz Ribeiro que inaugurou nossa série de seminários de embasamento teórico no primeiro semestre de 2010 é um dos primeiros esforços de mapeamento, sistematização e interpretação da questão da difusão do pensamento urbanístico moderno no Brasil e na América Latina como um todo.¹⁵ Trata-se de um dos três capítulos introdutórios do livro resultante do encontro de Itamonte (agosto-setembro de 1994), promovido pelo IPPUR em conjunto com o *Centre de Sociologie Urbaine* de Paris; no qual culminou não apenas um projeto de pesquisa conjunto entre as duas instituições, mas toda uma primeira rodada de estudos inovadores no campo da história do urbanismo no Brasil, iniciada ainda nos anos 1980, e que já havia alimentado os primeiros Seminários de História da Cidade e do Urbanismo em Salvador (1990 e 1993) e logo o de São Carlos (1994), além das sessões especificamente voltadas para essa temática dentro dos Encontros Nacionais da ANPUR – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, desde o encontro de 1991, também realizado em Salvador. Essa produção já havia sido objeto de um balanço por parte de Ana Fernandes e Marco Aurélio Filgueiras Gomes, que destacaram a questão da modernização como problema recorrente nos trabalhos brasileiros de história urbana ou do urbanismo.¹⁶

¹⁵ RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. “Transferências, empréstimos e traduções na formação do urbanismo no Brasil.” In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & PECHMAN, Robert (orgs.). **Cidade, povo e nação. Gênese do urbanismo moderno.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, pp. 15-21.

¹⁶ FERNANDES, Ana & GOMES, Marco Aurélio Filgueiras. “A pesquisa recente em história urbana no Brasil: percursos e questões.” In: PADILHA, Nino (org.). **Cidade e urbanismo: História, teorias e práticas.** Salvador: MAU / FAUFBA, 1998, pp. 15-28, derivado do II Seminário de História da Cidade e do Urbanismo realizado em 1993. Um balanço posterior está em PINHEIRO, Eloísa Petti & GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. “Retraçando percursos: O papel dos Seminários de História da Cidade e do Urbanismo na constituição de um campo de estudos. In: PINHEIRO, Eloísa Petti & GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (orgs.). **A cidade como história: Os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo.** Salvador: EDUFBA / PPGAU / FAUFBA, 2005, pp. 19-42. Trata-se de volume derivado das discussões do VII SHCU - Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Salvador, 2002.

Ribeiro salienta como, em contraposição ao “modelo francês”, de raiz barroca ou haussmaniana, afirmou-se a emergência do urbanismo como ciência das cidades entre 1900 e 1910, a qual resultou na disseminação dos grandes planos urbanos na América Latina dos anos 1920 e 1930: Forestier (Buenos Aires e Havana), Agache (Rio de Janeiro), Prost, Lambert e Rotival (Caracas), Brunner (Bogotá), Prestes Maia (São Paulo), Saturnino de Brito (Santos, Recife), Atílio Corrêa Lima (Niterói, Goiânia), etc.; paralelamente à divulgação de livros, manuais e tratados de urbanismo (Geo B. Ford, Joyant, Gaston Bardet, Camillo Sitte, Raymond Unwin, Joseph Stübben, Eugène Hénard, Nelson Lewis, Werner Hegemann, Le Corbusier, Ludwig Hilberseimer, etc.); à militância dos engenheiros; a criação de instituições inspiradas no *Musée Social* e na sociedade *Amis de Paris* (sociedades “Amigos da Cidade”) além das importantes entidades de classe (Instituto de Engenharia e sua Divisão de Arquitetura, Club de Engenharia, Sociedade Central de Arquitetos, Instituto Brasileiro de Arquitetos, Sociedade Paulista de Arquitetos, IAB) e instituições de ensino (Escola Politécnica, Mackenzie, ENBA, etc.); com seus periódicos especializados (*Revista Politécnica*, *Revista de Engenharia Mackenzie*, *Boletim do Instituto de Engenharia*, *Arquitetura no Brasil*, *Arquitetura e Construções*, *Arquitetura e Urbanismo*, revista PDF, etc.).

O mapeamento do processo de afirmação do urbanismo e do planejamento urbano no Brasil teria continuidade no terceiro capítulo introdutório do mesmo volume, “Da cidade à nação: Gênese e evolução do urbanismo no Brasil”,¹⁷ no qual Ribeiro, em co-autoria com Adauto Lúcio Cardoso, retomam a temática do artigo apresentado anteriormente à revista *Espaço & Debates* e publicado no nº 37, dedicado à cidade brasileira no século XX, texto que foi objeto do terceiro seminário de embasamento teórico realizado no interior de nosso grupo de pesquisa, a cargo da Profa. Dra. Nadia Somekh.¹⁸

Em ambos os textos os autores estabelecem uma periodização geral, começando pela Primeira República, na qual identificam um panorama marcado pelo ruralismo e por concepções ideológicas anti-urbanas, no qual a questão urbana se insere por meio dos temas da filantropia, do higienismo e do objetivismo tecnocrático, destacando exemplos como a reforma Passos e os planos Agache e de Avenidas; prosseguem pelo período Vargas, delimitado de 1930 a 1950, no qual a visão filantrópica teria dado lugar a um fordismo de Estado ou “fordismo cívico”, e teria prevalecido um padrão de intervenção “higiênico-funcional”, principalmente nas grandes

¹⁷ RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & CARDOSO, Adauto Lucio. “Da cidade à nação: Gênese e evolução do urbanismo no Brasil.” In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & PECHMAN, Robert (orgs.). Op. cit., pp.53-78.

¹⁸ RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & CARDOSO, Adauto Lucio. “Planejamento urbano no Brasil: Paradigmas e experiências.” *Espaço & Debates* nº 37 (ano XIV), pp. 77-89.

intervenções ocorridas durante o Estado Novo (1938-1945); no período seguinte, do desenvolvimentismo pós-1950, a questão urbana teria sido incorporada ao debate do desenvolvimento nacional e as modalidades de intervenção passaram a se basear num “tecnoburocratismo desenvolvimentista”, gerando os ambiciosos planos diretores “integrados”, abrangentes e multisetoriais dos anos 1960, ao lado do qual alternativas como o humanismo lebreiano, a reforma urbana proposta antes de 1964, e o movimento pela reforma urbana derivado dos movimentos sociais urbanos dos anos 1970, culminando nos pontos discutidos e incluídos quando da Constituinte de 1988. Em anos mais recentes, identificam a emergência de um novo padrão de intervenção, amparado de um lado nas políticas neoliberais de redução do papel do Estado, abertura às parcerias e negociações com o setor privado, e de outro na questão ambiental sendo trazida ao cerne do debate urbanístico.¹⁹

Trata-se de uma periodização em grandes linhas, útil enquanto primeira aproximação a uma trajetória cuja complexidade vem, desde então, sendo destrinchada e dando origem a outras divisões temporais; ora partilhando alguns marcos históricos da história política nacional (1930, 1945, 1964, 1988), ora identificando outros pontos de inflexão mais relacionados a ciclos de planos e/ou intervenções ou a momentos na afirmação disciplinar e institucional do urbanismo.

Entretanto, o início do texto da *Espaço & Debates* ganha importância na medida em que reafirma, enquanto origem histórica e teórica do pensamento urbanístico, o reformismo social que mobilizou grupos dominantes, articulações da sociedade civil e lideranças trabalhistas nos países industrializados na virada do século XIX para o XX: “na fundação do planejamento urbano encontram-se presentes os elementos fundamentais de uma nova estratégia de reforma social”²⁰ superando a visão filantrópica pela incorporação da questão social às políticas estatais, no rumo da construção do Estado do Bem-Estar, como saída tanto para a luta de classes como para as crises de acumulação inerentes ao capitalismo liberal.

Voltando no capítulo de Luiz César de Queiroz Ribeiro citado acima, portanto, os temas lançados para resolução por meio do urbanismo moderno teriam sido, na origem, ligados ao reformismo europeu e norte-americano da virada do século XIX ao XX, em que reforma urbana, reforma social, modernização e construção da nacionalidade eram objetivos indissociáveis. Essa inserção do debate urbanístico no “debate nacional” derivava do meio social, político, cultural e profissional dos reformadores enquanto atores sociais, afirmando nesse movimento o urbanismo como disciplina com seus canais de transferência do ideário urbanístico e reformista.

¹⁹ Ibid., pp. 80-87.

²⁰ Ibid., p. 79.

No momento em que se procedem às “transferências, empréstimos e traduções” desse ideário para aplicação em nossas cidades sul-americanas, tal processo passa a depender das escolhas dos atores locais. O urbanismo como novo campo de saber e poder trazia propostas supostamente universais a serem testadas no Novo Mundo; contudo, mais que adaptações ou ajustes, as demandas locais exigiam programas transformadores essencialmente diferentes, alterando por vezes profundamente o sentido dos enunciados originais. *“Cada elemento emprestado muda de sentido quando atravessa o Atlântico, uma vez que entra como argumento e torna-se instrumento no debate e enfrentamento nacionais”*²¹

Questão crucial: a instrumentalização do ideário urbanístico pelos interesses locais impõe alterações essenciais no que se refere ao significado, objetivos e alcance dos elementos originais do urbanismo moderno. Inseridos num quadro social fundamentalmente diverso daquele que presidiu à sua formulação, esses elementos são selecionados, recombinaos, apropriados ou eliminados ao sabor das demandas e grupos dominantes no país periférico, dependente e desigual que os acolheu. Configura-se aí uma dupla temporalidade, na medida em que a cultura erudita se internacionaliza com mais facilidade que as relações sociais: *“Como intelectuais, nossos pensadores pertencem ao mesmo mundo que seus congêneres dos países que ocupam o epicentro (...) Ao mesmo tempo, como atores sociais (...) estão inexoravelmente constituídos por relações e disputas que são nacionais”*²²

4. BUSCANDO CONCEITUAR A DIFUSÃO DO URBANISMO

O raciocínio lançado pelo autor desautoriza, de certa maneira, expressões usadas no título do próprio capítulo. Nesse sentido a difusão do ideário urbanístico na América Latina, América do Sul ou Iberoamérica, não pode ser resumida a um processo de simples “transferência”, ainda que parcial, de modelos gerados no Hemisfério Norte; ou seja, transcrições literais reproduzindo na medida do possível, com o instrumental disponível, tais “modelos” entendidos enquanto formulações coesas e coerentes desde a origem, o que quase nunca ocorre. Tampouco poderíamos reduzir tais passagens a “empréstimos” pelos quais as idéias, uma vez fora de seu lugar original, despidas de seu aparato teórico, seriam aproveitadas empiricamente em situações mais ou menos descontextualizadas, e logo devolvidas ou descartadas em troca de figurinos mais atualizados.

²¹ RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. “Transferências, empréstimos e traduções na formação do urbanismo no Brasil.” In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & PECHMAN, Robert (orgs.). **Cidade, povo e nação. Gênese do urbanismo moderno.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 18.

²² Ibid., p. 20.

Traduções, termo que remete ora à crítica literária, ora às teorias do discurso, nos parece sugerir uma analogia mais adequada, na medida em que implica um novo enunciado e uma releitura do ideário original visando, primordialmente, sua apropriação por um outro conjunto de usuários. Ou seja, uma apropriação fortemente circunstanciada pelas demandas locais, que irão, conforme o caso, proceder a cortes, interpolações, reinterpretações e mesmo inversões desses enunciados propostos inicialmente para quadros sociais, econômicos e políticos fundamentalmente diversos daqueles vigentes em nossa condição periférica.

Trata-se de uma interpretação crítica contundente desse processo de difusão. Originou-se de uma ponte empreendida entre a história do urbanismo e a sociologia urbana (particularmente a da escola francesa à qual se referenciavam os trabalhos dos especialistas brasileiros do IPPUR, da FAU / USP e da UFBA ao longo dos anos 1970 e 1980), procurando uma fundamentação teórica e uma matriz explicativa para fenômenos até então estudados em termos bastante empíricos, dada a novidade do tema na esfera acadêmica e a riqueza de materiais que vinham à luz. Tal conexão deveu muito ao trabalho de Christian Topalov sobre os movimentos de reforma social na Europa e nos Estados Unidos entre os séculos XIX e XX, matéria do capítulo seguinte do volume derivado do encontro de Itamonte.²³

Tradicionalmente, a história do urbanismo moderno vinha sendo tratada, ora na esteira de compilações abrangentes no campo da história da cidade - as quais, abarcando desde as primeiras cidades na Antiguidade e passando pela Idade Média, Renascimento, Barroco, etc., poderiam trazer uma breve notícia ao final sobre as cidades industriais oitocentistas ou, mais raramente, sobre as grandes metrópoles atuais; ora como um apêndice à história da arquitetura moderna, de maneira necessariamente reducionista.²⁴ Entre os historiadores do Movimento Moderno, Leonardo Benevolo e Michel Ragon procuraram restabelecer um equilíbrio entre as duas disciplinas, mas ainda subordinado à grande narrativa de afirmação do modernismo.²⁵

Alternativamente, a constituição da história urbana como ramo da história social já havia sido empreendida desde os anos 1960, tanto na Inglaterra, onde surgiu o Grupo de Leicester, mais

²³ TOPALOV, Christian. “Da questão social aos problemas urbanos: Os reformadores e a população das metrópoles em princípios do século XX.” In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & PECHMAN, Robert (orgs.). Op. cit., pp. 23-51.

²⁴ Em perspectivas derivadas da História da Arte, o urbanismo vem sempre na rabeira da arquitetura, a qual já perdeu seu posto de arte maior, e é encaixada, quando muito, como trecho final dos capítulos, mesmo em autores do gabarito de Giulio Carlo Argan. Vide ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

²⁵ BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976; RAGON, Michel. **Histoire de l'architecture et de l'urbanisme modernes (3 vols.)**. Paris: Seuil, 1995.

ligado à história econômica,²⁶ e onde a obra de Anthony Sutcliffe (que fundou o *Planning History Group* em 1974) já começava a mapear o assunto em termos até hoje relevantes;²⁷ como nos Estados Unidos, onde a *New Urban History* estrelada, entre outros, por Richard Sennet,²⁸ iniciou uma profícua associação entre história urbana e história cultural, nexos já buscados, na outra ponta, pelo *Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham,²⁹ particularmente nas obras de Raymond Williams – o qual, no fim da vida, retomou a conexão cultura e cidade em seu estudo sobre as percepções metropolitanas e a emergência do modernismo.³⁰ Na França, a obra muito pessoal de Françoise Choay, com seus esquemas dicotômicos distinguindo “pré-urbanismo” de “urbanismo” e “progressistas” de “culturalistas” impregnou por muitos anos as interpretações e o ensino da história do urbanismo na América Latina. Excelente compiladora, teve o mérito de inscrever decisivamente a produção urbanística oitocentista e do início do século XX nos rumos da modernidade, evitando o tratamento condescendente até então concedido às manifestações desvinculadas do Movimento Moderno.³¹

5. HISTORIOGRAFIAS DA CIDADE IBERO- OU LATINO-AMERICANA

Um desenvolvimento paralelo a essas formulações ocorreu especificamente na América Latina, por conta da onda de estudos sobre o processo de urbanização nesses países, desde o período colonial, passando pelo século XIX e chegando ao século XX. Tratava-se de superar a visão empirista lançada pelos geógrafos que saíram à frente dos estudos sobre as novas realidades urbanas, a qual, mesmo que nas mãos de professores como Pierre Monbeig, Pierre Deffontaines, Aroldo de Azevedo e outros; não tinha como identificar o ideário urbanístico subjacente aos fenômenos urbanos enfocados.

²⁶ SILVA, Luís Octavio da. “Cidade e história: Um olhar epistemológico.” In: PINHEIRO, Eloísa Petti & GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (orgs.). **A cidade como história: Os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo**. Salvador: EDUFBA / PPGAU / FAUFBA, 2005, pp. 151-173.

²⁷ SUTCLIFFE, Anthony. **Towards the planned city: Germany, Britain, the United States and France, 1780-1914**. Oxford: Blackwell, 1981.

²⁸ SENNET, Richard & THERNSTROM, S. (orgs.). **The nineteenth-century city: Essays in new urban history**. New Haven / London: Yale University Press, 1969.

²⁹ MILNER, Andrew. “Estudos culturais.” In: WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**. São Paulo: Boitempo, 2007, pp. 420-427.

³⁰ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; WILLIAMS, Raymond. “Percepções metropolitanas e a emergência do modernismo.” In: **Política e modernismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011, pp. 9-25.

³¹ CHOAY, Françoise. **L’urbanisme, utopies et réalités: Une anthologie**. Paris: Seuil, 1965; CHOAY, Françoise. **The modern city: Planning in the 19th century**. New York: George Braziller, 1969..

Capitaneado por figuras seminais como a do arquiteto argentino Jorge Hardoy, o reconhecimento da urbanização enquanto processo, a partir dos aportes do materialismo histórico, abriu caminho a toda uma vertente de pesquisas inaugurais, voltadas à análise desse processo em escala nacional ou continental – como os inúmeros trabalhos de Hardoy sobre a urbanização latino-americana, alguns em conjunto com Richard M. Morse, ou o esforço empreendido por Nestor Goulart Reis para renovar os estudos sobre a urbanização no Brasil colonial.³²

Evidentemente, a história da cidade enquanto ocupação urbana e construção de arruamentos, tecidos, tipologias, elementos construtivos e demais componentes morfológicos sempre deveu muito à história da arquitetura, e os arquitetos no Brasil, desde Ricardo Severo e Lucio Costa, têm demonstrado nesse departamento o mesmo brilhantismo que caracteriza nossa melhor produção arquitetônica. Paulo Santos, Carlos Lemos, Benedito Lima de Toledo, Murillo Marx, o próprio Nestor Goulart Reis são exemplos de erudição, precisão e agudeza de análise, e a historiografia da cidade brasileira não carece, nesse sentido, nem de tradição, nem de perspectivas inovadoras.³³

Ao mesmo tempo, a investigação desse processo por parte de historiadores e sociólogos, muitas vezes independentes das escolas de investigação mais consagradas, deu origem a interessantes estudos de caso, resultando nas obras clássicas de Richard M. Morse sobre São Paulo,³⁴ de James

³² REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução urbana do Brasil 1500-1720**. São Paulo: Pini, 2001. (Reedição de **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil: 1500-1720**. São Paulo: Pioneira, 1968; derivado por sua vez da tese de livre-docência defendida na FAU / USP em 1964.)

³³ Vide SANTOS, Paulo. **Quatro séculos de arquitetura**. Rio de Janeiro: IAB, 1984; os capítulos de Carlos Lemos nas coletâneas de Paula Porta, já citada, e de CAMPOS, Candido Malta; SACCHETTA, Vladimir & GAMA, Lúcia Helena (orgs.). **São Paulo: Metrópole em trânsito. Percursos urbanos e culturais**. São Paulo: Senac, 2004; e ainda LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Alvenaria Burguesa**. São Paulo: Studio Nobel; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Casa Paulista**. São Paulo: Edusp; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo, Pini, 1993; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **São Paulo em três tempos**. São Paulo: s.c.p., 1980; MARX, Murillo. **Cidade no Brasil: Terra de quem?** São Paulo: Studio Nobel; MARX, Murillo. **Nosso chão: Do sagrado ao profano**. São Paulo: Edusp; TOLEDO, Benedito Lima de. **Anhangabahú**. São Paulo: FIESP, 1988; e TOLEDO, Benedito Lima de. **Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo**. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.

³⁴ MORSE, Richard. M. **De comunidade a metrópole**. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954; vertido para o inglês como **From community to metropolis**. Miami: University of Miami, 1958, e reeditado em português com alguns acréscimos: MORSE, Richard. M. **Formação histórica de São Paulo**. São Paulo: Difel, 1970.

R. Scobie sobre Buenos Aires,³⁵ de Stanley Stein sobre Vassouras, Warren Dean sobre Rio Claro, Donald Pierson sobre Cruz das Almas e assim por diante.³⁶

Prescindindo de uma teorização rígida, surgiram naquele momento de certa liberdade metodológica, entre as décadas de 1950 e 1970, as contribuições pioneiras de Richard M. Morse, de José Luís Romero, de Angel Rama; essencialmente multidisciplinares, unindo história cultural, história social e história urbana de maneiras inéditas, cujo pioneirismo e densidade de contribuições só recentemente começou a ser devidamente valorizado.

Desbravando um terreno riquíssimo ainda não mapeado, propõem tematizações, periodizações, tipologias. Rama procura pontuar as transformações sociais, culturais e políticas do continente a partir da identificação do papel dos “letrados”, intelectuais e escritores cuja obra está sempre imbricada com os jogos de poder e as comoções políticas da época, separando momentos sucessivos: as cidades ordenadas pelos conquistadores; as cidades letradas dos jesuítas e poetas coloniais; as cidades protocolares dos funcionários, notários, militares e advogados da Independência; as cidades modernizadas, palco dos modernismos e vanguardas oitocentistas; as cidades politizadas nos tumultuados ciclos de revoluções e golpes do século XX; culminando nas cidades revolucionadas pela intelectualidade de esquerda que se torna hegemônica após 1950. Sua “cidade letrada” é vista como uma cidadela de saberes, enunciados e ritos que se afirma no interior da cidade concreta.³⁷

Segundo Carlos Guilherme Mota, destaca-se o historiador argentino José Luís Romero, autor de **Latinoamerica: Las ciudades y las ideas**.³⁸ Nessa obra referencial, após localizar a América espanhola e portuguesa no quadro da expansão européia e o ciclo inicial das fundações urbanas, estabelece uma tipologia distinguindo as “cidades fidalgas de Índias” dos séculos XVI e XVII, postos avançados dos impérios coloniais; as “cidades criollas” reunindo o sentimento nativista às vésperas da Independência; as “cidades patricias” dominadas pelas oligarquias no século XIX; as “cidades burguesas” aspirando à europeização e modernização na virada do Oitocentos ao Novecentos; e as “cidades massificadas” atuais. O livro traz uma narrativa panorâmica e

³⁵ SCOBIE, James R. **Buenos Aires: Plaza to suburb, 1870-1910**. Oxford: Oxford University Press, 1974. Versão castellana publicada em seguida: SCOBIE, James R. **Buenos Aires: Del centro a los barrios, 1870-1910**. Buenos Aires: Solar, 1977.

³⁶ MOTA, Carlos Guilherme. “Historiografía de la ciudad iberoamericana.” In: GÓMEZ, Julio Sánchez & PÉREZ, José Manuel Santos (orgs.). **De urbe indiana: Ensayos sobre ciudades y urbanismo en Brasil y en la América hispana**. Salamanca: Ediciones de la Universidad, 2010, pp. 13-46.

³⁷ RAMA, Angel. **The lettered city**. Durham: Duke University Press, 1996.

³⁸ ROMERO, José Luís. **Latinoamerica: Las ciudades y las ideas**. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2001. (Prólogo de Luís Alberto Romero.)

detalhada da formação das sociedades urbanas no continente, reunindo um vasto cabedal de informações que permite ao autor enumerar na mesma análise Recife e Havana, Valparaíso e Rosario, Panamá e San Juan, Rio de Janeiro e Montevideu... Analisando suas transformações, com especial atenção para as culturas urbanas, diferentes em cada período e cidade, e diferentes ainda segundo os grupos sociais. Para Romero é no mundo urbano que as ideologias “*adquirem mais vigor e afrontam mais claramente seu enfrentamento - um jogo dialético - com as estruturas reais.*”³⁹

O tema da historiografia da cidade latino-americana foi também abordado por Arturo Almandoz em sua apresentação no VII SHCU em Salvador (2002).⁴⁰ Os melhores exemplos são os mesmos destacados por Carlos Guilherme Mota: José Luis Romero, Richard M. Morse, Angel Rama... Almandoz traça um interessante apanhado das referências usadas por Morse em seu textos de 1974 “Los intelectuales americanos y la ciudad (1860-1940).”: o colombiano José Samper, os peruanos Joaquín Capelo e Jorge Basadre, José Agustín García, o argentino Martínez Estrada e o brasileiro Gilberto Freyre. Lembra a compilação de Hardoy e Morse *Repensando la ciudad de América Latina*, de 1988,⁴¹ que contém um texto de ambos sobre o trânsito de idéias urbanísticas entre Europa e América; e a figura de Patricio Randle, cuja *Evolución urbanística*, de 1972, se alinha às propostas de Patrick Geddes e Lewis Mumford conjugando história da cidade e do urbanismo de maneira mais “*intuitiva e organicista.*”⁴² Para Almandoz, Mumford foi uma exceção, na medida em que a historiografia latino-americana nesse tema se apoiou mais nas contribuições francesas – desde Marcel Poëte, Pierre Lavedan e Gaston Bardet, mas culminando com a obra de Françoise Choay – e italianas, com destaque para Leonardo Benevolo. A contribuição anglo-saxônica, desde Anthony Sutcliffe e Peter Hall, passou pela identificação do urbanismo moderno como um ideário inserido em movimentos reformistas de alcance internacional que mobilizaram profissionais, eventos, planos, concursos, publicações e cursos, desde o século XIX mas ganhando força no início do século XX, e pelo traçado dos percursos que tal ideário percorreu a partir dos centros difusores identificados inicialmente na Europa e nos Estados Unidos.

Entre os poucos autores que empreenderam uma visão panorâmica comparável no que se refere à Iberoamérica ou à América Latina, cita Ramón Gutiérrez com seu bastante conhecido

³⁹ Ibid., p. 20. (Tradução nossa.)

⁴⁰ ALMANDOZ, Arturo. “Revisão da historiografia urbana na América hispânica, 1960-2000.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras & PINHEIRO, Eloísa Petti (orgs.). Op. cit., p 131.

⁴¹ HARDOY, Jorge Enrique & MORSE, Richard. M. (orgs.). **Repensando la ciudad de América Latina**. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1988. Republicado em inglês como **Rethinking Latin American city**. Washington: Woodrow Wilson Center, 1992.

⁴² ALMANDOZ, Arturo. Op. cit., p. 123.

Arquitectura y urbanismo em Iberoamérica (1984)⁴³ e Roberto Segre com o raro *Historia de la arquitectura y del urbanismo: América Latina y Cuba*. (1986). Contudo, segundo Almandoz escrevia em 2002, o tema da “*transferência e difusão de modelos urbanísticos de contextos metropolitanos a colônias ou países culturalmente dependentes não esteve presente nos estudos sobre importação urbanística em estudos de caso latino-americanos.*”⁴⁴

O próprio Almandoz procurou sanar essa lacuna em seu outro texto de 2002, que será enfocado adiante; e retornou ao tema da historiografia no final de seu capítulo do livro organizado por Marco Aurélio Filgueiras Gomes **Urbanismo na América do Sul**,⁴⁵ que também abordaremos em detalhe mais à frente. E a historiografia da cidade e do urbanismo será o assunto, no caso do Brasil, do último capítulo do livro, a cargo de Ricardo Hernán Medrano.⁴⁶ Este monta seu texto a partir da identificação de uma tradição historiográfica inaugurada por Sergio Buarque de Hollanda em seu célebre capítulo “O semeador e o ladrilhador” de **Raízes do Brasil** (1936),⁴⁷ e contestada por Nestor Goulart Reis Filho em sua tese de livre-docência na FAU / USP em 1964 (com Dr. Sergio na banca), depois transformada no livro **Notas sobre a evolução urbana no Brasil, 1500-1720**.⁴⁸ Medrano recorre inclusive às anotações de Sergio Buarque usadas naquela ocasião. Destaca a contribuição anterior dos geógrafos Pierre Mombeig, Pierre Deffontaines, Aroldo de Azevedo; as figuras já citadas acima de Jorge Hardoy, José Luis Romero, Angel Rama e Richard M. Morse, que merecem mais atenção, e as contribuições mais recentes de Ramón Gutiérrez, Arturo Almandoz e Adrián Gorelik, este último de particular interesse por procurar estabelecer nexos entre a história urbana e do urbanismo, de um lado, e a história cultural, de outro.

⁴³ GUTIÉRREZ, Ramón. **Arquitectura e urbanismo en Iberoamerica**. Madrid: Cátedra, 1997.

⁴⁴ ALMANDOZ, Arturo. Op. cit., p. 131.

⁴⁵ GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). **Urbanismo na América do Sul: Circulação de idéias e constituição do campo, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2009.

⁴⁶ MEDRANO, Ricardo Hernán. “Notas sobre a América do Sul na historiografia urbana brasileira.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). **Urbanismo na América do Sul: Circulação de idéias e constituição do campo, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 261-293.

⁴⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O semeador e o ladrilhador.” In: **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (1ª edição: Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.)

⁴⁸ REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil: 1500-1720**. São Paulo: Pioneira, 1968; com edição revista e ampliada: **Evolução urbana do Brasil 1500-1720**. São Paulo: Pini, 2001.

Outro texto recente mapeando nosso campo de estudos é o de Roberto Segre, “Notas sobre a historiografia da arquitetura na América hispânica”,⁴⁹ o qual, embora iniciando pela história da arquitetura, também destaca questões relevantes para o campo do urbanismo, entre elas os debates que contrapunham nacionalismo e cosmopolitismo na primeira metade do século XX, o movimento em prol do neocolonial, culminando no IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos no Rio de Janeiro em 1930 e na Exposição Iberoamericana de Sevilha em 1929, a partir da qual encetaram-se esforços de documentação e compilação do acervo colonial no continente, e fundaram-se vários institutos dedicados à investigação da arte e arquitetura locais, em Buenos Aires (o IAA), México, Bogotá, Montevidéu, Havana, Puerto Rico, chegando a um centro de alcance latino-americano como o argentino CEDODAL liderado por Ramón Gutiérrez. No campo do urbanismo, salienta novamente o papel de Jorge Hardoy e suas colaborações com Richard Morse, além da obra de Angel Rama. Para Segre, entretanto, o exemplo maior foi dado por José Luís Romero em seu já citado *Latinoamérica: Las ciudades y las ideas.*, de 1976, a partir do qual puderam ser estruturados os estudos de caso de Almandoz sobre Caracas, de Adrián Gorelik sobre Buenos Aires, de Mariano Arana sobre Montevidéu, e do próprio Segre, e Mario Coyula sobre Havana. Salienta relações mestre-discípulo como as entre Manfredo Tafuri e Jorge Francisco Liernur, entre Giulio Carlo Argan e o próprio Segre. Lembra também a importância de Marina Waisman na reação à proposta do regionalismo crítico de Kenneth Frampton, buscando um regionalismo crítico ou de resistência. Finalmente, destaca os Seminários de Arquitetura Latino-americana criados em Buenos Aires em 1985, e que balizariam os debates sobre a arquitetura no continente ao longo dos anos 1980 e 1990, propondo uma “modernidade apropriada”, termo criado pelo chileno Christian Fernández Cox, como alternativa ao pós-modernismo e ao esgotamento do modernismo tão marcante na produção latino-americana.⁵⁰

Restava o desafio de se passar da história social urbana, da “evolução” morfológica da cidade, dos estudos sobre o processo de urbanização ou da história da arquitetura à do urbanismo. Desafio crescente na medida em que nos aproximamos do período contemporâneo, uma vez que o componente ideológico se torna mais presente, e os ideários urbanísticos se desligam mais visivelmente das conformações concretas assumidas pelo processo de urbanização. Na medida em que passava a empregar de forma menos mecânica o conceito de ideologia, e a incorporar os

⁴⁹ SEGRE, Roberto. “Notas sobre a historiografia da arquitetura na América Hispânica” In: LASSANCE, Guilermo; ROCHA-PEIXOTO, Gustavo; BRONSTEIN, Laís & OLIVEIRA, Beatriz Santos de. **Leituras em teopria da arquitetura: 2 – Textos**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010, pp. 74-93.

⁵⁰ Ibid., ibidem.

campos institucional, científico, técnico enquanto objetos de investigação sociológica, a ponte com os aportes da história e da sociologia revelou-se mais promissora, em termos do reconhecimento do urbanismo enquanto objeto autônomo de estudo histórico, do que as derivações dos campos da geografia, ou mesmo da arquitetura.

6. O URBANISMO NA AGENDA DO REFORMISMO SOCIAL

A princípio, a história do urbanismo enquanto campo disciplinar, conjunto de ideários e de instrumentais de intervenção, ramo profissional, e, por que não, ciência com veleidades de autonomia, não se encaixava propriamente nos esquema de análise da sociologia urbana tradicional (como a da Escola de Chicago) ou nos da história urbana; tanto aqueles vinculados ao conceito de urbanização enquanto processo (na linha de Leicester); como aqueles derivados de uma história cultural sendo cada vez mais marcada pela visão micro-histórica ou das mentalidades, mais preocupadas com os elementos do cotidiano e as expressões dos estratos populares. Tampouco cabia na maior parte das apreciações sociológica dos movimentos sociais urbanos, nas quais o protagonismo dos estratos sociais dominados também roubava a cena.

A identificação de movimentos sociais reformistas que reuniam representantes da burguesia progressista, dos meios técnico-profissionais e das lideranças trabalhistas, e seu papel decisivo nas transformações sociais, econômicas e urbanas ocorridas na virada do século XIX para o XX, tanto na Europa como nos Estados Unidos; antes objeto de algumas narrativas “heróicas” mais descoladas da teoria social, ganhou corpo apenas nos anos 1970. Citados brevemente acima, envolveram a transformação dos estudos de *urban history* na Inglaterra e nos Estados Unidos, de um enfoque sociológico centrado nas massas populares para uma abordagem dos movimentos reformistas manejados pelos grupos dominantes (associados, bem entendido, com lideranças operárias e de estratos médios), protagonizada por estudiosos como Anthony Sutcliffe e Peter Hall.⁵¹ Nesse momento, surgiu uma chave explicativa fundamental, na medida em que insere o urbanismo na agenda reformadora e modernizadora que setores “progressistas” da burguesia passaram a priorizar, como alternativa à luta de classes e às crises recorrentes do capitalismo liberal, já no rumo da construção do Estado do Bem-Estar e das alianças políticas social-democratas.

⁵¹ HALL, Peter. **Cities of tomorrow: An intellectual history of urban planning and design in the twentieth century.** Oxford: Blackwell, 1998; SUTCLIFFE, Anthony. **Towards the Planned city: Germany, England, the United States, and France, 1780-1914.** Oxford: Blackwell, 1981.

Os estudos que estabeleceram a real dimensão desse reformismo burguês e estatal “esclarecido”, somaram-se, de um lado, à redescoberta dos escritos de Antonio Gramsci sobre o papel dos intelectuais e o fordismo;⁵² e, de outro, à força das colocações de Michel Foucault a respeito do papel repressor e disciplinador das ciências e instituições, e à obra de Pierre Bourdieu analisando os mecanismos do poder institucional e disciplinar. A confluência dessas aberturas teóricas permitiu a Topalov tirar o debate em torno da “questão urbana” do limbo epistemológico em que se encontrava, renegada enquanto problema pela história urbana,⁵³ e desistoricizada pelos estudiosos da urbanização ou dos movimentos populares. O ideário urbanístico começou a ser identificado enquanto componente de um arsenal reformista e disciplinador que acompanhava a afirmação do modo de produção industrial em suas sucessivas etapas de acumulação. Situado na confluência de preocupações médico-sanitárias, morais e outras associadas à normatização do comportamento das indóceis massas urbanas; com a emergência de demandas pela funcionalização e racionalização dos processos industriais, administrativos e das condições da produção como um todo, que culminariam no taylorismo exacerbado do entre-guerras; o urbanismo deixava de ser um corpo estranho nas repartições do conhecimento, podendo ser visto de maneira crítica, sem que suas ambiciosas proposições fossem desdenhadas enquanto mero verniz ideológico.⁵⁴

Conexão importante, pois, de um lado, situa decisivamente as proposições urbanísticas do século XX no campo da modernidade, mesmo aquelas até então excluídas por não se vincularem ao Movimento Moderno. Assim, restabelece-se enquanto campo de conhecimento unificado, embora multifacetado, todo o arco de propostas e experiências que constitui, até 1950 pelo menos, o universo do urbanismo moderno, ainda que grande parte dele não partilhe a linguagem modernista. Sitte, Howard, Burnham, Unwin, Lewis, o *city planning movement* norte-americano dos anos 1910 e 1920 ainda tingido de *City Beautiful*, toda a produção francesa ligada à SFU – *Société Française des Urbanistes* - em relação à qual as trajetórias de Tony Garnier e Le Corbusier foram essencialmente marginais até o segundo pós-guerra - o princípio da cidade-jardim, em suas inúmeras variantes, a produção habitacional, a verticalização e o paisagismo ainda “passadistas”, ecléticos ou parcialmente modernizados do entre-guerras... Todo um vasto repertório, até então menosprezado em virtude da hegemonia modernista na historiografia, ganhou relevo e estatura

⁵² GRAMSCI, Antonio. “Americanismo e fordismo.” In: **Obras Escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978. (O aporte de Gramsci será detalhado em sub-item a seguir.)

⁵³ SILVA, Luís Octavio da. Op. cit., p. 160.

⁵⁴ Alguns anos antes de Itamonte, Topalov já havia adiantado essa perspectiva em seu artigo “Os saberes sobre a cidade: Tempos de crise?” *Espaço & Debates* n° 34 (ano XI), 1991, pp. 28-38.

enquanto objeto de estudo. É nele que se situam os protagonistas da história que então começava a ser construída: no Brasil, Prestes Maia, Anhaia Mello, Victor Freire, Saturnino de Brito, Barry Parker, Aarão Reis, Agache, Armando de Godoy, Lincoln Continentino, Macedo Vieira e tantos outros que seguem sendo redescobertos.

Abria-se um terreno de conhecimento que passava a poder ser compreendido em seus próprios termos; em vez de como antes, ser reduzido a uma série de “precedentes” ou “proto-modernismos”, ou então desqualificado como produção passadista e acadêmica. Tal abertura alavancou grande número de pesquisas esquadrinhando cada vez mais os primórdios e desenvolvimentos do urbanismo no Brasil, não apenas entre Rio de Janeiro e São Paulo, mas chegando a Belo Horizonte, Salvador, Recife, Porto Alegre, Vitória, Niterói, Goiânia e outras capitais submetidas a marcantes intervenções urbanísticas ao longo do século XX.

Parte considerável dessa produção foi organizada por meio da rede de pesquisadores em âmbito nacional coordenada por Maria Cristina da Silva Leme, que resultou em volume publicado em 1999, republicado em versão revista e ampliada em 2005, mais um CD-Rom e o site urbanismo.org, compilando informações sobre urbanistas, cidades, planos e publicações nesse campo.⁵⁵ A divisão inicial entre uma primeira parte dedicada a planos e projetos, dividida por tipos de intervenção (cidades novas, reformas de portos, planos de saneamento, remodelação de áreas centrais, bairros-jardim e outros, avenidas, planos de conjunto e planos modernistas; e uma segunda parte com biografias e bibliografias dos urbanistas atuantes no Brasil, separada entre três gerações, mais os estrangeiros, foi ampliada para dar conta de periódicos, livros, eventos e outros meios de divulgação do ideário urbanístico.

Outro momento importante na formação de um quadro de conhecimento sobre o urbanismo como disciplina e sua difusão no Brasil foi o seminário “Urbanismo em questão” promovido em 2001 pelo Prourb – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro; dando origem ao livro de mesmo nome, organizado por Margareth da Silva Pereira, Rachel Coutinho e Denise Pinheiro Machado, com contribuições de Jean-Louis Cohen, Arturo Almandoz, Maria Ruth Sampaio, Carlos Eduardo Dias Comas, Luiz Paulo Conde e outros.⁵⁶ Naquele momento podemos identificar a emergência de uma necessidade generalizada de se buscar orientações teóricas e metodológicas mais seguras para o campo da história do urbanismo. Tal consciência transformaria o VII SHCU, no ano seguinte, num balanço da historiografia já

⁵⁵ LEME, Maria Cristina da Silva (org.). **Urbanismo no Brasil, 1895-1965**. São Paulo: Studio Nobel / Fapesp, 2005 (1ª edição em 1999).

⁵⁶ MACHADO, Denise Barcellos Pinheiro; PEREIRA, Margareth da Silva & SILVA, Rachel Coutinho Marques da (orgs.). **Urbanismo em questão**. Rio de Janeiro: Editora do Prourb, 2003.

existente, fruto em grande parte de estudos cuja riqueza em termos de material empírico contrastava com a dificuldade de se apoiarem em terreno teórico mais sólido.

Quanto mais se acumulavam informações trazendo à luz a intensidade desse trânsito de idéias, a riqueza de propostas e a variedade de intervenções contempladas; mais patente ficava a disparidade entre a atualização do conhecimento veiculado e o alcance limitado das realizações concretas, em face dos modelos adotados. Bairros-jardim no lugar de cidades-jardim, remodelações urbanas restritas às áreas centrais, algumas avenidas privilegiadas no lugar de sistemas viários abrangentes, cidades e bairros planejados excepcionais, logo envolvidos por ocupações informais precárias, e assim por diante.

A visão do urbanismo como componente de uma agenda de reforma social contribui para explicar a defasagem entre a presença de informações, consultorias e profissionais, cuja competência e atualização em relação ao debate internacional vêm sendo evidenciadas; e o caráter parcial, excludente, elitista e essencialmente limitado das realizações concretas alcançadas na América Latina como um todo e no Brasil em particular, na medida em qual tal agenda não foi assumida plenamente pelos setores dominantes locais. Seus componentes mais avançados, socialmente integradores, espacialmente abrangentes e mais fortemente reguladores não cabiam nas agendas modernizadoras eventualmente bancadas por tais setores. O urbanismo tornava-se então um instrumento indispensável, mas potencialmente perigoso por suas implicações sociais e suas pretensões de regulação, chocando-se com o liberalismo e a desigualdade inerentes aos quadros de dominação existentes, e mais ainda com os interesses fundiários e imobiliários, cujo peso relativo entre as frações de capital permanecia muito alto, mesmo após a superação do modelo agroexportador.

Para dar conta dessa disparidade, inicialmente recorreu-se à concepção das “idéias fora do lugar”, lançada nos anos 1970 por Roberto Schwarz para explicar a distância entre o onipresente discurso liberal e a realidade escravocrata no Brasil oitocentista,⁵⁷ e citada por Ribeiro; ou fez-se uso do conceito marxista de ideologia em sua acepção mais ortodoxa, tendendo a reduzir nossas experiências em termos de urbanismo e de planejamento a meras estratégias de mascaramento e legitimação das condições e relações de dominação e exploração subjacentes à produção do espaço urbano.⁵⁸

⁵⁷ SCHWARZ, Roberto. “As idéias fora do lugar.” In: SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor, as batatas**. Editora 34 / Duas Cidades, 2000, pp. 9-31.

⁵⁸ Vide VILLAÇA, Flavio. “O quadro teórico.” Em “Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil.” In: DEÁK, Csaba & SCHIFFER, Sueli Ramos (orgs.). **O processo de urbanização no**

Finalmente, surgiu uma chave explicativa mais adequada, não só por não eclipsar o papel efetivo que, a despeito de tantas limitações, o urbanismo assumiu na criação e transformação de nossos espaços urbanos; mas, principalmente, por demonstrar que tal alcance parcial e excludente derivava de limites intransponíveis impostos de antemão, não por supostas deficiências técnicas, operacionais ou em termos dos recursos locais disponibilizados, mas pela lógica cruel da modernização periférica.

7. RAYMUNDO FAORO E A MODERNIZAÇÃO PERIFÉRICA

Para tanto o texto seminal foi lapidado pelo grande historiador dos grupos dominantes no Brasil, Raymundo Faoro, em sua conferência inaugural no IEA / USP - Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, em 1992; na qual distingue as linhas inconciliáveis da modernidade, entendida enquanto resultado de transformações estruturais profundas na sociedade – da Revolução Burguesa ao *Welfare State* e à social-democracia – e da modernização periférica, vista como uma sucessão de surtos transformadores localizados, atualizando aparatos técnicos, produtivos, infra-estruturais e administrativos, mas nunca atingindo as profundas divisões das sociedades ditas subdesenvolvidas.⁵⁹

Em vez de ser levada adiante por uma classe revolucionária portadora de um projeto de transformação integral da sociedade, que seria a burguesia industrial moderna, as iniciativas modernizadoras em países como o Brasil são lançadas e manejadas por frações mais atualizadas ou “aburguesadas” dos estamentos tradicionais; por conseguinte, são levadas adiante só até o ponto em que não ameacem os interesses e a posição dominante desses mesmos grupos. Limite estrito, que se torna ainda mais nítido no campo do urbanismo, cujas modernas prescrições de regulação e racionalização do espaço logo esbarram nos onipresentes interesses fundiários que conformam uma das principais bases de poder dos nossos estratos dominantes.

Nações periféricas por excelência, os países latino-americanos se inserem no mundo moderno, mas em posição dependente e secundária. O dilema da modernização periférica nos condena a sempre perseguir o moderno sem nunca atingir a modernidade – a qual pressupõe uma ruptura estrutural, não apenas em termos das hierarquias sociais internas, mas também no que se refere à própria estrutura que preside ao princípio modernizador, distinguindo centro e periferia, desenvolvimento e atraso. Expandindo-se sempre de um núcleo irradiante – nação “adiantada”,

Brasil. São Paulo: Edusp / Fupam, 1999, pp. 182-187; e ainda REZENDE, Vera. **Planejamento urbano e ideologia: Quatro planos urbanos para o Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

⁵⁹ FAORO, Raymundo: “A questão nacional: A modernização.” *Estudos Avançados* n° 14 (vol. VI), 1992.

elite “esclarecida”, técnica “científica” – e jogando na sombra os territórios do “atraso”, os movimentos modernizadores serão todos parciais por natureza.⁶⁰

É nesse sentido que Raymundo Faoro distingue a modernização da efetiva modernidade. Enquanto esta última “*compromete, no seu processo, toda a sociedade, ampliando o raio de expansão de todas as classes (...) a modernização, pelo seu toque voluntário, senão voluntarista, chega à sociedade por meio de um grupo condutor, que, privilegiando-se, privilegia os setores dominantes*”.⁶¹

Do ponto de vista dos estratos dominantes estabelecidos, portanto, esse caráter limitado da modernização será antes uma virtude que um obstáculo. Parte-se do princípio de que as vantagens do mundo moderno poderão ser incorporadas à situação local sem alterar suas estruturas sociais e de dominação. Mais do que isso: pretende-se fazer uso dos atributos da mudança como novas fontes de poder e prestígio para aqueles mesmos grupos, que tenderão a se fundir com os portadores das propostas modernizantes.

Nesse sentido, o urbanismo não cumpria aqui papel equivalente ao exercido nos centros adiantados, onde o imperativo subjacente à ciência urbanística moderna era a racionalização do espaço no interesse do capitalismo industrial. Procurando garantir a eficiência e qualidade das configurações espaciais e a reprodução ampliada da força de trabalho, o urbanismo moderno era indissociável do reformismo social, propondo a superação da luta de classes, ao mesmo tempo em que atacava os conflitos, incoerências e deseconomias do espaço urbano.

Assim, no que se refere à inserção das políticas urbanas no âmbito das relações de classe, Topalov aponta para a origem das preocupações urbanísticas no seio de setores reformistas da classe dominante, intimamente ligados, na Europa e nos Estados Unidos, à burguesia industrial. Não obstante, a implantação dessas políticas passava por mecanismos de negociação e interação com as organizações da classe trabalhadora. Nascendo na virada do século, o movimento de reforma social urbana desembocaria nas práticas do *Welfare State*, por parte do Estado, ecoadas pela integração fordista dos trabalhadores a novos padrões de consumo. O urbanismo moderno traria o instrumental necessário à transformação do espaço urbano de acordo com tais diretrizes.⁶²

⁶⁰ Retoma-se aqui o raciocínio desenvolvido por CAMPOS, Candido Malta na “Introdução” à sua tese de Doutorado na FAU / USP (1999), publicada com o mesmo título como **Os rumos da cidade: Urbanismo e modernização em São Paulo** São Paulo: Senac, 2002.

⁶¹ Ibid., p. 8.

⁶² TOPALOV, Christian. Op. Cit.

No início do século XX, a vocação primário-exportadora atribuída em bloco aos países latino-americanos contrastava radicalmente com o estágio de industrialização das nações difusoras do pensamento urbanístico. A indústria, com suas demandas em termos de abertura do território, racionalização e funcionalidade do espaço urbano e demais fatores infra-estruturais incidentes na produção, assalariamento, arregimentação, organização e produtividade do trabalho, e reprodução ampliada da mão-de-obra, por meio da provisão de habitação, equipamentos, redes e serviços urbanos, podia impor no bojo de seus interesses os avanços do urbanismo, cujo potencial regulador e disciplinador havia seduzido industriais progressistas desde o século XIX.

Além disso, os níveis históricos de urbanização, a capacidade e o instrumental de regulação à disposição dos poderes públicos, e a presença destacada das questões sociais na agenda reformista dos setores dominantes, ampararam a institucionalização (tampouco isenta de contradições, conflitos, idas e vindas e usurpações políticas) do urbanismo moderno na Europa e nos Estados Unidos, enquanto disciplina teórica, profissional e universitária; campo de debates junto aos meios técnicos e à opinião pública; assunto de periódicos, eventos científicos, entidades cívicas, etc.; corpo normativo e legislativo crescente, com estruturas cada vez mais sofisticadas de planificação e gestão montadas na esferas municipal, metropolitana, provincial e nacional, e assim por diante.

Transpostos para países que então se afirmavam, não pela industrialização, ainda que esta ocorresse à margem das políticas oficiais, mas pela inserção na divisão internacional do trabalho enquanto regiões agroexportadoras, os elementos do urbanismo moderno teriam aplicação limitada, muitas vezes circunscrita à criação de espaços de poder, de centros terciários elitizados e de áreas residenciais voltadas às camadas dominantes, além da provisão (muitas vezes na forma de lucrativas concessões abertas ao capital internacional) das infra-estruturas indispensáveis a tais pólos primário-exportadores, como ferrovias, portos, telégrafos, redes de transporte urbano sobre trilhos, algum sistema viário articulador das funções terciárias e residenciais priorizadas, telefonia, abastecimento de água e rede de esgotos nas áreas valorizadas, equipamentos educacionais voltados à formação dos quadros de comando e dos funcionários de nível médio para os setores público e privado, nas áreas úteis da engenharia (muitas vezes englobando a arquitetura), agronomia, medicina, veterinária, farmácia, saúde pública, contabilidade, odontologia... Algum espaço para as belas-artes, a música, o drama, a literatura e outros componentes da cultura dominante, sendo forjada enquanto base da identidade nacional, por acadêmicos, simbolistas, modernizados ou modernistas. Aí, novamente, tanto a tradição *Beaux-Arts*, como propostas nacionalistas em torno do neocolonial, e a eventual abertura para as vanguardas, abrirão oportunidades aos arquitetos e suas preocupações urbanísticas.

Podemos recordar a importância relativamente autônoma assumida pelas instâncias de divulgação, afirmação e institucionalização do pensamento urbanístico enquanto disciplina. Consultorias, congressos, manuais, periódicos, cursos, etc. eram mais facilmente reprodutíveis que os quadros sociais reformistas tão presentes no Hemisfério Norte e tão carentes de eco no nosso continente, marcado por sociedades e territórios profundamente desiguais, pelo conservadorismo social imposto pelos estratos dominantes, mesmo em suas frações mais modernizadoras, e pelo *laissez-faire* ligado ao modelo agroexportador. Como consequência, intervenções mais abrangentes e uma legislação reguladora mais contundente eram elementos propositalmente excluídos nessa passagem.

8. O PAPEL DO URBANISMO

Os aspectos que dizem respeito ao presente projeto de pesquisa concentram-se nos campos do pensamento, debate e intervenção sobre a cidade, envolvendo eventualmente algumas formulações arquitetônicas que acompanhavam esforços de (re)construção do quadro urbano; e ainda aspectos dos debates culturais e ideológicos mais amplos que balizavam as propostas de engenheiros, arquitetos e urbanistas, na medida em que estas surgiam associadas às diferentes vertentes da vontade modernizadora e seus “projetos nacionais”.

Programas, projetos e planos abrangem diferentes manifestações e instrumentos ideológicos: discursos expressos, divulgados e debatidos por meio de textos, manifestos, palavras de ordem, conferências, exposições, entrevistas e debates em congressos, seminários, encontros profissionais e outros; sua publicação em periódicos, revistas, jornais, boletins, separatas; sua compilação em livros, manuais, tratados, etc.; a fundação e atuação de órgãos estatais especializados nos setores de obras, urbanismo e planejamento; outras comissões e grupos de trabalho governamentais nas esferas local, regional e nacional; entidades profissionais reunindo engenheiros, arquitetos e/ou urbanistas propriamente; comissões mistas, entidades e grupos da sociedade civil, como associações cívicas, sociedades de amigos da cidade, de bairro, e assim por diante; instituições acadêmicas/universitárias, disciplinas, cursos, currículos e outros meios de divulgação e debate.

Programas de transformação podem se expressar por meio de teorias, princípios, propostas, projetos ou planos. Não há uma distinção nítida entre essas diversas formulações. “Programa de cidade” pode ser descrito como *“a instrumentalização da cidade, buscando sua transformação monopolizada*

*pelos interesses de determinado grupo.*⁶³ Propostas seriam conjuntos de idéias e imagens que desenhariam um futuro diverso do presente. Projetos podem ser entendidos como a tradução de tais propostas, por meio de instrumentais técnicos codificados, permitindo a concretização das intervenções em pauta. Final-mente, planos seriam instrumentos técnicos e ideológicos desenvolvidos, no âmbito do urbanismo, para orientar a configuração de aspectos estruturais e funcionais da cidade.⁶⁴ Podem envolver, afora suas implicações ideológicas, sua articulação em termos e linguagens técnicas que viabilizam uma intervenção efetiva sobre o espaço, expressa em leis e concretizada em obras urbanas – mesmo que, em cada uma dessas passagens, as proposições em jogo sejam revistas e recolocadas, muitas vezes alterando profundamente ou mesmo invertendo suas formulações originais.

9. GRAMSCI E BOURDIEU: DO PROBLEMA DA HEGEMONIA AO CONCEITO DE CAMPO

Segundo Gramsci, as formulações ideológicas dominantes abrangem “*até mesmo a arquitetura e o traçado e nomenclatura de ruas.*”⁶⁵ Mas tal caráter ideológico da arquitetura e do urbanismo não se resume a funções representativas, como a “nomenclatura”, mascarando e legitimando estruturas de dominação. Ele é indispensável à afirmação dessas estruturas, na medida em que permite articular intervenções sobre a realidade material, desenhando o “traçado” sobre o qual irão se processar as atividades econômicas e as relações sociais.

É apenas por meio desse duplo enfoque que podemos entender o papel do urbanismo. Se o espaço pode ser concebido como “*produto material de uma dada formação social*”, qual seria a função de discursos e instrumentais técnicos destinados a intervir sobre a configuração das cidades?⁶⁶ A vertente estruturalista da teoria do espaço desenvolvida por Manuel Castells leva à visão do quadro urbano como um subsistema amarrado às condicionantes do modo de produção e destinado a garantir o “consumo coletivo” indispensável à reprodução do sistema capitalista. Nesse sentido, o urbanismo surge como instrumento de gestão a serviço das necessidades da

⁶³ ANSAY, Pierre & SCHOONBRODT, René. **Penser la ville: Choix de textes philosophiques.** Bruxelles: Archives d'Architecture Moderne, 1989, p. 471. (Tradução nossa.)

⁶⁴ Vide SICA, Paolo. “La formación del urbanismo entre los siglos XIX e XX.” In: **Historia del urbanismo: El siglo XX.** Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1981, pp. 10-12; e GAUDIN, Jean-Pierre. **L'avenir en plan: Technique et politique dans la prévision urbaine, 1900-1930.** Paris: Champ Vallon, 1985.

⁶⁵ GRAMSCI, Antonio. “Cultural themes: Ideological material.” In: FORGACS, David & NOWELL-SMITH, Geoffrey: **Antonio Gramsci: Selections from cultural writings.** London: Lawrence and Wishart, 1985, p. 389. (Tradução nossa.)

⁶⁶ Trata-se da formulação marxista partilhada por Manuel Castells e Henri Lefebvre, e compilada por GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano.** Edusp, São Paulo, 1993, página 120.

infra-estrutura econômica, o qual, para impor tais interesses enquanto orientação predominante, deverá fazer uso de mecanismos ideológicos que ponham suas propostas sob a égide da racionalidade ou do “interesse comum”, como se fossem resultado de um consenso que beneficiasse toda a sociedade.

Intelectuais “orgânicos” por excelência, no sentido gramsciano – enquanto técnicos vinculados ao mundo da produção, no caso, a determinados aspectos da produção do espaço urbano no bojo da urbanização capitalista – os urbanistas devem atuar em dois níveis: na esfera técnica propriamente dita, como articuladores dessa produção, mas também, como os demais intelectuais ligados à burguesia emergente ou a grupos modernizadores em geral, fornecendo a esses setores a consciência de seu próprio papel transformador.⁶⁷

Para atender a essa dupla perspectiva, intervencionista e ideológica, o urbanismo se expressa tanto no universo da produção e veiculação de idéias – ensino, publicações, debate público, associações de classe; como no âmbito das ações do Estado, cuja atuação torna-se indispensável para garantir conformações urbanas apropriadas ao funcionamento do sistema como um todo, e dos demais agentes concorrentes na produção do espaço urbano. Qualquer categorização que pretenda dar conta dessa complexidade de agentes será bastante temerária. As frações de capital e formas de ganho presentes na cidade não são estanques, e os protagonistas desse jogo costumam apresentar interesses distribuídos por diversas atividades.

Portanto, o urbanismo, assim como o espaço da cidade, não seria um campo consensual para a definição de uma gestão urbana a serviço do capital (o qual se divide em n frações em constante disputa), nem uma ideologia coesa e unitária de dominação. Torna-se, em última instância, mais um campo de embates em que cada grupo de interesses tentará obter posições estratégicas e, eventualmente, alcançar certa hegemonia – mesmo que incompleta, ou provisória - sempre fazendo uso dos argumentos ideológicos da racionalidade e do interesse comum, e buscando um “consenso” que atenda a seus interesses. Mesmo em seu sentido gramsciano, a hegemonia pressupõe “*que se tenham em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida, que se forme um certo equilíbrio de compromisso*”.⁶⁸ Seu conceito de hegemonia “*permite*

⁶⁷ GRAMSCI, Antonio. “Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais.” In: **Cadernos do cárcere. Vol. 2: Os intelectuais. O princípio educativo. O jornalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 13-53; vide também GRUPPI, Luciano. “Os intelectuais.” In: **O conceito de hegemonia em Gramsci.** Rio de Janeiro: Graal, 2000, p. 80.

⁶⁸ GRAMSCI, Antonio. “Alguns aspectos teóricos e práticos do economicismo.” In: **Obras escolhidas.** São Paulo: Martins Fontes, 1978, p. 178.

*precisamente que se capte a complexidade dos planos superestruturais (...) explica a afirmação e difusão das ideologias como um processo, e como um processo guiado pela hegemonia.*⁶⁹

Nos casos brasileiro e latino-americano em geral, em que o urbanismo surge vinculado às problemáticas da modernização, e não como resposta aos requisitos específicos da cidade industrial, essa situação fica ainda mais clara.

Assim, a idéia do urbanismo como elemento articulador para intervenções concretas não pressupõe a existência de um plano ideal autônomo agindo sobre a realidade. Ao contrário, parte-se do princípio de que as transformações em questão derivam de demandas indissociáveis de processos econômicos e sociais mais amplos. Entretanto, para se impor, requerem a articulação e a instrumentalização desses requisitos, cuja realização passa assim a ser intermediada por uma dimensão de consciência onde convivem ciência e ideologia. Entram em jogo instrumentos indispensáveis à afirmação e estruturação das forças que se pretendem dominantes, não apenas em relação a quadros de dominação social, mas também no que se refere ao ambiente material, que preside à produção, à atividade econômica e ao desenrolar das relações sociais. Para Gramsci, *“as expressões de vontade, de ação e de iniciativa política e intelectual”* seriam *“uma emanção orgânica de necessidades econômicas e, mais ainda, a única expressão eficiente da economia”*.⁷⁰

Segundo Pierre Bourdieu, foi Durkheim quem reconheceu a função social dos sistemas simbólicos enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação que possibilitam um consenso indispensável à integração social. Nesse sentido, os instrumentos simbólicos podem ser compreendidos como instrumentos de conhecimento e construção do mundo objetivo, além de serem instrumentos de dominação em seu aspecto ideológico. Nesse sentido, seriam o que o autor denomina *“estruturas estruturantes”*.⁷¹

O urbanismo pode então ser compreendido como um *“campo”* no sentido em que Bourdieu emprega esse conceito, fundamental em sua teorização das disputas na esfera simbólica e seu papel crucial para a afirmação da dominação social, seja em áreas determinadas, seja de um modo mais geral.⁷² Embora seus principais exemplos se refiram aos campos literário, artístico, e do ensino em geral,⁷³ Bourdieu também analisou, numa conferência, o campo científico nesses

⁶⁹ GRUPPI, Luciano. *“Hegemonia e marxismo.”* In: Op. cit., p. 90.

⁷⁰ Ibid., ibidem.

⁷¹ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, pp. 8-15.

⁷² Ibid., pp. 64-73.

⁷³ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009, pp. 183-202; 212 e seguintes.

termos, ou seja, como um “*universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem*” determinada área de conhecimento.⁷⁴

Em vez da dicotomia entre a visão idealista da pura ciência e o mecanicismo de interpretações que atrelam toda produção de conhecimento a determinações sociais e econômicas, ressalta-se a presença desse “*mundo social*” relativamente autônomo, cuja lógica própria e estrutura interna condicionam decisivamente os processos de afirmação e legitimação das teorias, idéias e discursos, definidos como objetos relevantes e carregados de determinados significados pelos detentores de maior poder simbólico (ou “*capital científico*” (entendido tanto como derivado da posição institucional daquele indivíduo, como o que deriva do prestígio alcançado por este entre seus pares) no âmbito do campo científico em questão, sendo este “*objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade.*”⁷⁵

Ainda de acordo com Bourdieu, ao lado da “*eficácia propriamente simbólica da representação e da crença mobilizadora que ela suscita*” destaca-se o “*poder propriamente político de governo que, por muito dependente que seja das forças econômicas e sociais, pode garantir uma eficácia real sobre essas forças por meio da ação sobre os instrumentos de administração das coisas e das pessoas.*”⁷⁶ Tal eficácia passa a ser articulada por meio de discursos, planos, documentos, formulações instrumentais em geral. É nesse sentido que ganham importância os campos científico e técnico; inclusive no que se refere às questões da transformação do território e das intervenções sobre o ambiente construído. A transformação espacial não vem a reboque, mas como condição da transformação da estrutura produtiva e social; o espaço não é mero receptáculo das funções de produção e consumo, ou simples cenário de representação ideológica, mas elemento integrante das configurações sociais e das atividades econômicas.

O campo, na acepção de Pierre Bourdieu, assim como a hegemonia, na de Gramsci, nunca é objeto da imposição direta, absoluta ou homogênea de determinadas posições, mesmo por parte dos detentores de maior poder simbólico ou força ideológica: “*na luta pela produção e imposição de uma visão legítima do mundo social, os detentores de uma autoridade burocrática nunca obtêm um monopólio absoluto, mesmo quando aliam a autoridade da ciência (...) à autoridade burocrática.*”⁷⁷ Sempre haverá

⁷⁴ BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico.** (Conferência pronunciada no INRA em 11 de março de 1997.) São Paulo: Editora da Unesp, 2004, p. 20.

⁷⁵ Ibid., p. 29.

⁷⁶ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 174.

⁷⁷ BOURDIEU, Pierre. “Espaço social e poder simbólico.” In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 165.

disputas e grupos minoritários conquistando posições relativas, concessões parciais e soluções de compromisso.

Dessa maneira, o ideário urbanístico não deve ser reduzido a um “reflexo”, fiel ou invertido, das relações sociais de dominação e exploração concretizadas no espaço urbano, nem mesmo à reiteração dos mecanismos de controle ou legitimação exigidos pelas diferentes configurações e modos de produção. Conforma um campo de embates no qual a preponderância ideológica será arma de peso considerável no direcionamento das decisões. Assim, assume papel ativo, estruturado sobre uma lógica própria; que permite o acúmulo de capital simbólico, a constituição de hegemonias, a imposição de “consensos” e, finalmente, a articulação de intervenções concretas por parte dos agentes que concorrem na produção do espaço.

Como entender, a partir dessas considerações, a circulação do ideário urbanístico entre diferentes países, regiões ou cidades situados em estágios muito diversos do desenvolvimento capitalista, marcados por inúmeras alteridades de caráter geográfico, econômico, político e social, e submetidos a quadros de dominação e conflitos internos que lhes são particulares? E mais: como tal circulação acompanha as demais pretensões de dominação e conflitos de poder embutidas nas relações entre países centrais e periféricos, entre regiões mais ou menos “desenvolvidas” ou “atrasadas”, entre cidades mais ou menos bem situadas nas hierarquias internacionais, e, no nosso caso específico, entre capitais como Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo, que disputam a primazia em escala regional, nacional e continental?

Antes de entrar nesse mérito entendemos que valeria a pena conhecer melhor as passagens do urbanismo pelo continente, em âmbito latino-americano ou sul-americano. Para tanto foram selecionadas as obras de Arturo Almandoz e o volume organizado por Marco Aurélio Filgueiras Gomes, que deram seqüência à série de seminários internos do grupo de pesquisa.

10. ARTURO ALMANDOZ: *BELLA ÉPOCA* VERSUS MODERNISMO

Derivado de uma apresentação no XIV Congreso Internacional AHILA - Europa-América: Paralelismos en la distancia, na Universidad Jaime I de Castellón, Espanha, em 2005, o texto de Arturo Almandoz “Modernización urbanística en América Latina. Luminarias extranjeras y cambios disciplinares, 1900-1960.” foi publicado na revista *Iberoamericana*.⁷⁸ Resulta de esforços anteriores do autor no sentido de compilar a já extensa produção sobre a história do urbanismo

⁷⁸ ALMANDOZ, Arturo. “Modernización urbanística en América Latina. Luminarias extranjeras y cambios disciplinares, 1900-1960.” *Iberoamericana* n° 27 (vol. VII), 2007, pp. 59-78.

na América Latina ao longo do século XX, objeto de pesquisas iniciadas por Jorge Hardoy e outros nos anos 1950, mas que ganhou corpo a partir dos anos 1990 em países como Brasil, Argentina, México, Venezuela, Chile e Peru. Incorpora também dados básicos sobre o acelerado processo de urbanização no continente, e termina com uma discussão em torno do uso dos termos “urbanismo” e “planejamento”, enquanto troca ilustrativa da passagem identificada dos referenciais europeus aos norte-americanos.

Temos então uma panorâmica bastante completa, ainda que muito resumida, dos principais acontecimentos e personagens envolvidos na disseminação do ideário urbanístico e na elaboração de planos, projetos e outras proposições para as principais cidades do continente, na qual Almandoz destaca o papel dos consultores estrangeiros e, assim como Luiz César de Queiroz Ribeiro, das instâncias de divulgação e institucionalização do urbanismo: além das consultorias citadas, congressos, periódicos, manuais, órgãos especializados da administração estatal, cursos, pós-graduações, etc.

Trata-se de um mapeamento extremamente competente e, na medida do possível, completo, do complexo universo formado pelos urbanistas atuantes na América Latina entre 1900 e 1960, suas referências e realizações, suas entidades profissionais e acadêmicas, suas publicações mais divulgadas e seus contatos dentro e fora de cada país. Tomando como ponto de partida seu capítulo introdutório à importante coletânea sobre a história do urbanismo nas capitais latino-americanas que organizou em 2002,⁷⁹ o autor traça uma forte distinção entre dois períodos, aquele correspondente à primeira metade do século, da *Belle Époque* ao entreguerras, ou seja, até 1945 aproximadamente, e outro correspondente ao segundo pós-guerra, até 1960. O primeiro teria sido marcado pelo conservadorismo academicista de raiz francesa, e o segundo, pela afirmação dos princípios modernistas divulgados pelos CIAMs e demais protagonistas do Movimento Moderno.

Na europeizada “agenda da *Belle Époque*” (que, no caso de Caracas, foi objeto de sua tese de doutorado)⁸⁰ distingue três vertentes principais na modernização urbanística das capitais latino-americanas: reformas sanitárias, propostas de renovação urbana e bairros residenciais.⁸¹ Contudo,

⁷⁹ ALMANDOZ, Arturo. “Urbanization and urbanism in Latin America: From Haussmann to CIAM”. In: ALMANDOZ, Arturo (org.). **Planning Latin America’s capital cities, 1850-1950**. London/New York: Routledge, pp. 13-44.

⁸⁰ Defendida na Architectural Association de Londres e publicada como livro em 1998: ALMANDOZ MARTE, Arturo. **Urbanismo europeo em Caracas (1870-1940)**. Caracas: Equinoccio / Ediciones de la Universidad Simón Bolívar / Fundarte / Alcaldía de Caracas, 1998.

⁸¹ ALMANDOZ, Arturo. “Modernización urbanística en América Latina. Luminarias extranjeras y cambios disciplinares, 1900-1960.” *Iberoamericana* n° 27 (vol. VII), 2007, p. 62.

Almandoz não menciona as contribuições de urbanistas locais do início do século XX como Aarão Reis, Victor Freire e Saturnino de Brito, no Brasil; ou Victor Jaeschke e Emilio Chanourdie na Argentina, e tende a reduzir a participação de Bouvard nos acirrados debates paulistano e portenho entre 1907 e 1911 à transmissão de preceitos já defasados do urbanismo oitocentista francês. Para o autor, no “*momento de su invocación en las propuestas Bouvard no representaba el organicismo sitteano una modernidad secular para la expansiva metrópoli latinoamericana*”.⁸² Minimiza, portanto, a importância do questionamento do “modelo francês”, já então em pleno curso tanto em Buenos Aires como em São Paulo, e a atualização de Freire, Brito, Jaeschke, Chanourdie e outros em relação ao debate internacional; não apenas no que se refere à crítica dos padrões ditos haussmanianos pelos preceitos de Camillo Sitte, como também por seu conhecimento das experiências britânicas, alemãs e norte-americanas. Foi Bouvard quem, como consultor da Companhia City, abriu caminho à contratação de Raymond Unwin e depois Barry Parker para projetar o Jardim América e outros bairros-jardim em São Paulo - realizações ressaltadas, não obstante, por Almandoz como as mais relevantes no que diz respeito à apropriação do modelo howardiano na América Latina.⁸³

11. OS CANAIS DE DIVULGAÇÃO: CONGRESSOS, PERIÓDICOS, MANUAIS, PLANOS, CONSULTORIAS, ÓRGÃOS ESTATAIS E CURSOS

Alguns episódios são salientados enquanto ocasiões para intercâmbios regionais, nacionais ou internacionais, como as Conferências Interamericanas de 1897 e 1902 na Cidade do México, quando foram discutidas pautas higienistas comuns e promoveu-se a adoção de acordos internacionais buscando prover os diferentes países participantes de códigos sanitários atualizados. Emblemática dessa preocupação é a publicação de livros como *La higiene aplicada a la construcción de las ciudades* (1909-1910), do chileno Ricardo Larraín Bravo.⁸⁴

Outros eventos importantes foram os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos iniciados em 1921 em Montevideu, que englobavam temas urbanísticos, como a questão da verticalização, a necessidade dos “planos gerais”, o ensino de urbanismo, etc. junto aos debates sobre linguagens arquitetônicas, habitação popular e associação e reconhecimento profissional. Os primeiros eventos mais especializados foram: o Congresso de Arquitetura e Urbanismo chileno (1934); o primeiro Congresso Internacional de Urbanismo, promovido em Buenos Aires (1935); a Semana

⁸² Ibid., p. 63.

⁸³ Ibid. p. 64.

⁸⁴ Ibid. p. 63.

de Urbanismo em Salvador, Brasil, no mesmo ano; e o primeiro Congresso Interamericano de Municipalidades, em Havana (1938). (O autor não menciona o Congresso Brasileiro de Urbanismo ocorrido em 1941 no Rio de Janeiro.) A temática habitacional suscitou outra série de eventos, como o pioneiro Congresso de Habitação em São Paulo (1931), e o primeiro Congresso Pan-Americano de Habitação Popular de Buenos Aires (1939); o 16º Congresso Internacional de Planejamento e Habitação foi realizado na Cidade do México (1938). Lembra ainda o 15º Congresso Internacional de Arquitetos ocorrido em Washington (1939).⁸⁵

Para Almandoz, ao contrário do Hemisfério Norte, onde a nova disciplina se afirmou por meio de legislações abrangentes como o *Town Planning Act* inglês (1909), o *zoning* de Nova York (1916) ou a *Loi Cornudet* (1919) francesa, os marcos inaugurais da institucionalização do urbanismo na América Latina foram principalmente os “planos gerais” elaborados para as grandes cidades do continente entre os anos 1920 e 1930: como o plano da *Comisión de Estética Edilicia* para Buenos Aires (1925),⁸⁶ com consultoria de Jean-Claude-Nicolas Forestier; o *Plan para el Embellecimiento y el Ensanche de La Habana*, também assessorado por Forestier (1924); o Plano Agache para o Rio de Janeiro (1930), o Plano de Avenidas de Prestes Maia para São Paulo (1930), os planos de Karl Brunner para Santiago do Chile (1930) e Bogotá (1938), o *Plan Rotival* para Caracas (1939), etc.

Nos órgãos administrativos – seções, diretorias, departamentos ou secretarias de obras e/ou urbanismo – e nas inúmeras comissões criadas para enfrentar problemas urbanos, reunindo técnicos das administrações local, estadual ou provincial, federal e representantes da sociedade civil em alguns casos, os profissionais locais construíram espaços para a elaboração e discussão desses planos e de uma infinidade de outras proposições urbanísticas, envolvendo profissionais do gabarito de Carlos Contreras na Cidade do México, Mauricio Cravotto em Montevideu, Carlos Maria della Paolera em Buenos Aires, Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia Mello e Francisco Prestes Maia em São Paulo, Pedro Martínez Inclán em Havana, e Leopoldo Martínez Olavarría em Caracas.⁸⁷

Os primeiros cursos de urbanismo teriam surgido no México, como “Planificación de Ciudades y Arte Cívico” na Escuela Nacional de Bellas Artes (1926) a cargo de José Luis Cuevas Pietrasanta e Carlos Contreras, fundador da revista *Planificación*; em 1928, Cuevas introduziu a cátedra de urbanismo na Universidad Autónoma; e no Chile, na Escuela de Arquitectura da Facultad de Ciencias Económicas y Matemáticas de la Universidad de Chile, em 1928, cátedra posteriormente

⁸⁵ Ibid. p. 65.

⁸⁶ INTENDENCIA MUNICIPAL / COMISIÓN DE ESTÉTICA EDILÍCIA. **Proyecto orgánico para la urbanización del municipio**. Buenos Aires: Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires, 1925.

⁸⁷ ALMANDOZ, Arturo. Op. cit., p. 66.

assumida por Karl Brunner; no ano seguinte surgiu um programa equivalente na Universidad Católica. A primeira cátedra argentina foi criada em 1929 na Universidad del Litoral, em Rosario, por Carlos Maria Della Paolera, que ocuparia a partir de 1933 a mesma cátedra na Universidad de Buenos Aires. Em nível de pós-graduação destaca-se o curso de Planificación y Urbanismo do Instituto Politécnico Nacional do México (1939) e, no Brasil, o da Universidade do Distrito Federal (1936-1938), no qual estudou Carmen Portinho.⁸⁸

No que se refere aos periódicos especializados, seja de teor mais técnico, seja de caráter mais divulgativo, Almandoz cita *La Ciudad*, editada desde 1929 em Buenos Aires; *Planificación* (1927), *Casas* (1935) e *Arquitectura y Decoración* no México; *Ciudad y Campo* em Lima; *Zig-zag* e *Urbanismo y Arquitectura* (1939) no Chile; e a *Revista Municipal del Distrito Federal* (1939) em Caracas. (Faltou enumerar as brasileiras *Arquitetura e Urbanismo* (1936), *Revista da Directoria de Engenharia* (PDF) (1937), *Urbanismo e Viação* (1939), todas cariocas, e a paulistana *Engenharia Municipal* (1955), além das inúmeras revistas de arquitetura e/ou engenharia que concediam espaço considerável a questões urbanísticas, como as paulistas *Boletim do Instituto de Engenharia* (1917), depois apenas *Engenharia* (1942), *Revista Politécnica* (1905), *Revista de Engenharia Mackenzie*, *Acrópole* (1937) e *Habitat* (1950), e a portenha *Revista de Arquitectura* ou simplesmente *Arquitectura*, uma das mais ricas nesse sentido.)

Quanto a livros, a obra de Camillo Sitte foi traduzida em espanhol em 1926 como *Construcción de ciudades según principios artísticos*; as obras de Marcel Poëte, Pierre Lavedan, Raymond Unwin e outras circulavam nas suas versões originais.⁸⁹ Importante foi a publicação, em 1939, do *Manual de Urbanismo* de Karl Brunner, primeiro volume a tratar de maneira abrangente questões e soluções urbanísticas de um ponto de vista latino-americano, com exemplos locais.⁹⁰

Em termos da circulação de periódicos internacionais, lembra ainda, citando Ramón Gutiérrez,⁹¹ o caso do francês *La vie urbaine*, órgão da *Société Française des Urbanistes*. Essa importante agremiação de urbanistas franceses, de proposta nitidamente moderna, conquanto não modernista segundo os cânones dos CIAMs, e seu curso de pós-graduação no *Institut d'Urbanisme*, (onde estudaram Atílio Corrêa Lima e Carlos Maria Della Paolera), reunindo muitos dos profissionais que teriam papel crucial como consultores na América Latina – Jean-Claude-Nicolas Forestier, Léon Jaussely, Donat-Alfred Agache, Henri Prost, Maurice Rotival, Marcel Poëte,

⁸⁸ Ibid., p. 65 e 69.

⁸⁹ Ibid., p. 65.

⁹⁰ BRUNNER, Karl H. **Manual de Urbanismo (2 vols.)**. Bogotá: Imprenta Municipal, 1939-1940.

⁹¹ GUTIÉRREZ, Ramón. “Modelos e imaginarios europeos en el urbanismo americano 1900-1950.” *Revista de Arquitectura* n° 8, 1995, pp. 2-3.

Gaston Bardet, entre outros - são considerados por Almandoz como representantes de um academicismo *Beaux-Arts* ultrapassado. Afirmção que se pode aplicar, com certa cautela, a Forestier; mas não aos demais, levando-se em conta os importantes avanços metodológicos e normativos presentes no Plano Agache para o Rio de Janeiro;⁹² no papel de Henri Prost, enquanto orientador de Atílio Corrêa Lima, e de Marcel Poëte, como orientador de Carlos Maria Della Paolera; na consultoria de Henri Prost e seus colaboradores Jacques Lambert e Maurice Rotival para o plano de Caracas (1937) e particularmente na contribuição mais assumidamente modernista que Rotival iria oferecer à capital venezuelana no segundo pós-guerra.⁹³

Além, evidentemente, da figura de Le Corbusier, já presente em São Paulo, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires em 1929, e da passagem de Werner Hegemann pela capital argentina em 1931 (e esquecendo a visita de Frank Lloyd Wright ao Rio no mesmo ano) Almandoz prefere a atuação do austríaco Karl Brunner em Bogotá e principalmente Santiago,⁹⁴ como manifestação supostamente mais avançada; mesmo tendo em vista que a linguagem e o instrumental utilizados por Brunner em seu plano de 1930 para a capital chilena eram muito similares àqueles manejados por Prestes Maia no Plano de Avenidas elaborado para São Paulo naquele mesmo momento, sem partilhar de suas inovações metodológicas, como o esquema teórico hébrardiano e a estrutura viária radial-perimetral.⁹⁵

A monumentalidade simétrica de sua versão para o Barrio Cívico de Santiago nada deve aos exercícios análogos de Maia em São Paulo, ou ao projeto de Carlos Maria Della Paolera para a Plaza del Congreso em Buenos Aires. Por sua vez, a “Avenida Central”, *percée* retilínea valorizadora proposta por Brunner para Bogotá em 1938, nada trazia de inovador, sendo antes um eco tardio das avenidas de Mayo em Buenos Aires e Rio Branco no Rio de Janeiro. Polivalente, pragmático como Maia, partilhando seu imenso repertório, Brunner foi também um arquiteto e planejador habitacional; um acadêmico de peso; e um paisagista renovador de traçados, como Bouvard ou Parker, buscando superar a onipresente quadrícula das cidades hispano-americanas, a partir dos exemplos das cidades-jardim européias ou inglesas, donde seu

⁹² AGACHE, Donat-Alfred. **Cidade do Rio de Janeiro: Extensão, remodelação, embelezamento.** Paris: Foyer Brésilien, 1930.

⁹³ VALLMITJANA, Marta et al. **El Plan Rotival: La Caracas que no fue, 1939-1989.** Caracas: Ediciones Instituto de Urbanismo / Facultad de Arquitectura y Urbanismo / Universidad Central de Venezuela, 1991.

⁹⁴ ALMANDOZ, Arturo. Op. cit., p. 67.

⁹⁵ MAIA, Francisco Prestes. **Introdução ao estudo de um plano de avenidas para a cidade de São Paulo.** São Paulo: Melhoramentos, 1930.

interessante projeto para a *Ciudad Satélite* em Bogotá, da qual só se realizou uma *parkway* de conexão com o centro.⁹⁶

12. MODERNISMO E PLANEJAMENTO URBANO

Finalmente Almandoz chega ao segundo período de sua análise, quando, após a II Guerra, os referenciais europeus teriam sido rapidamente substituídos por modelos de planejamento urbano de extração fortemente norte-americana, e o academicismo afrancesado do início do século, superado definitivamente pelos preceitos modernistas. Relaciona essa passagem ao incremento da industrialização no continente, muito embora a América Latina experimentasse um processo de urbanização muito mais intenso do que aquele que poderia ser motivado ou sustentado pelo seu ainda incipiente avanço industrial. Tal inchaço, alimentado por migrações internas, multiplicou padrões precários de urbanização por todas as grandes cidades; e, embora tenha contribuído para colocar questões sociais e habitacionais no centro do debate urbanístico, aumentou o descolamento entre a esfera das proposições e as realidades enfrentadas no cotidiano urbano.

Entre os anos 1940 e 1960, os luminares do Movimento Moderno circulam pela América Latina: depois do pioneiro Hannes Meyer, instalado no México desde antes da guerra, Le Corbusier, Walter Gropius, Richard Neutra, Josef Albers... Imigrado para os Estados Unidos assim como estes últimos, destaca-se José Luis Sert, que com Paul Lester Wiener funda um escritório, o *TPA – Town Planning Associates*, que será encarregado de inúmeros projetos pelo mundo, entre eles um plano para a Havana dos anos 1950; no Brasil, desenham a Cidade dos Motores na área metropolitana do Rio de Janeiro, projeto apoiado pela política de boa vizinhança que associava ajuda financeira, assessoria técnica e reservas de mercado para as empresas estadunidenses.

Episódio emblemático foi a primeira publicação da Carta de Atenas ter ocorrido em Buenos Aires; assim como o destaque obtido pela arquitetura latino-americana nas exposições *Brazil Builds* (1943) e *Modern Architecture in Latin America since 1945* (1955), ambas organizadas pelo Museu de Arte Moderna de Nova York. Contudo, além dos festejados modernistas também passavam pelo continente figuras que não se encaixam tão bem no esquema de Almandoz: representantes da mesma SFU, como Marcel Poëte e Gaston Bardet (1949), convidados por Carlos Maria Della Paolera para dar cursos em Buenos Aires (Bardet também ajudou a inaugurar o curso de urbanismo da Faculdade de Arquitetura de Minas Gerais); o californiano Francis Violich, a quem foi encomendado um *survey* geral das grandes cidades latino-americanas durante a

⁹⁶ HOFER, Andreas. **Karl Brunner y el urbanismo europeo en América Latina**. Bogotá: El Áncora Editores/Corporación La Candelaria, 2003, pp. 105-149.

guerra (1944), quando identificou exemplos de intervenções tão ambiciosas (como as de Prestes Maia em São Paulo) que poderiam servir de referência para os próprios norte-americanos;⁹⁷ não obstante, o czar do urbanismo nova-iorquino Robert Moses, então no auge de seu prestígio, foi contratado por meio da IBEC, empresa de Nelson Rockefeller, para coordenar consultorias, ainda não atreladas aos modelos do planejamento urbano integrado, em Caracas (1948) e São Paulo (1950-1951).⁹⁸ E a importantíssima atuação do Padre Le Bret e seu movimento Economia e Humanismo, independente tanto dos ditames modernistas dos CIAMs como do planejamento tecnocrático, multisetorial e totalizante que começava a emergir no Hemisfério Norte, é mencionada apenas *en passant* pelo texto.

Almandoz encerra seu artigo com a polêmica entre os termos “urbanismo” e “planejamento”, a qual, resulta, no fim das contas, uma oposição artificial entre palavras de diferentes origens que, mais do que uma diferença conceitual, expõe uma mudança de paradigma: do desenho urbano aos índices de ocupação, do plano de melhoramentos ao *master plan* hiper-abrangente, da matriz cultural européia à dominação cultural norte-americana.

Assim, a despeito dessa dicotomia algo exagerada entre academicismo afrancesado e modernismo americanizado na definição de seus períodos de análise, Almandoz organiza um amplo manancial de informações, fornecendo indicações preciosas e uma infinidade de temas e episódios que poderão ser explorados em mais detalhe por outros pesquisadores; se já o foram, como é muitas vezes o caso, as inter-relações, os paralelismos, os cruzamentos, os intercâmbios assinalados fornecem um terreno rico para investigações sobre as passagens do urbanismo pela nossa América.

13. URBANISMO NA AMÉRICA DO SUL

O mote lançado por Arturo Almandoz em seu artigo de 2002 foi retomado no Brasil por Marco Aurélio Filgueiras Gomes, que identificou a lacuna existente em relação ao estudo dos intercâmbios continentais do pensamento urbanístico; em contraposição aos fluxos mais usualmente identificados, ligando a América do Sul ou América Latina aos centros difusores do urbanismo moderno localizados na Europa ou nos Estados Unidos. Começando com uma

⁹⁷ VIOLICH, Francis. **Cities of Latin America: Housing and planning to the South**. New York: Reinhold Publishing Corporation, 1944.

⁹⁸ INTERNATIONAL BASIC ECONOMY CORPORATION. **Programa de melhoramentos públicos para a cidade de São Paulo**. New York: IBEC, 1950.

comunicação apresentada no X SHCU em Recife (2008), a investigação acabou reunindo um seleto time de pesquisadores brasileiros, além do peruano José Carlos Huapaya Espinoza, de Roberto Segre e do próprio Almandoz, articulados em projeto de pesquisa financiado pelo CNPq, e por meio de uma Sessão Livre realizada por ocasião do XIII Encontro Nacional da ANPUR em Florianópolis (2009). A iniciativa resultou na publicação de um livro com nove capítulos no ano seguinte. Após breve apresentação, o volume se inicia com um capítulo de caráter geral, derivando do trabalho do X SHCU, assinado por Gomes e seu orientando peruano José Carlos Huapaya Espinoza, aprimorando o mapeamento de Almandoz em âmbito sul-americano a partir de um levantamento em periódicos especializados da época (a italiana *Domus*, a inglesa *The Architectural Review*, a americana *Architectural Forum*, a francesa *L'Architecture d'Aujourd'hui* (todas com edições especiais e muitos artigos dedicadas aos países latino-americanos), sua versão argentina *La Arquitectura de Hoy*, a peruana *El Arquitecto Peruano*, as argentinas *Nuestra Arquitectura* e seu encarte *Austral*, a colombiana *Proa*, e a brasileira *Revista da Diretoria de Engenharia (PDF)*, das quais as quatro últimas foram selecionadas para análise detalhada.⁹⁹ Os demais capítulos abordam outros episódios considerados relevantes e ilustrativos desse intercâmbio.

Os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos, já destacados no capítulo anterior por conta das extensas publicações que suscitou nas revistas pesquisadas, são estudados por Fernando Atique, a partir de trabalhos apresentados no SHCU e no XI ENANPUR (Salvador, 2005) e de levantamento realizado no arquivo da Universidade da Pensilvânia. Destaca que, a partir das primeiras iniciativas pan-americanistas acolhidas no Brasil, como a conferência de 1906 no Rio de Janeiro; após as posições críticas do governo imperial antes de 1889, ecoadas por Eduardo Prado e Oliveira Lima, contrastando com a adesão entusiasmada de Joaquim Nabuco, a mobilização pan-americanista ganhou fôlego no Brasil e fomentou intensa participação de profissionais nos congressos de arquitetos. Estes concentraram sedes e participantes do Cone Sul e mantiveram relações ambíguas com os Estados Unidos, vistos como modelo por sua poderosa associação profissional (o *ALA*) e por suas célebres escolas superiores, com destaque para a da Universidade da Pensilvânia, onde estudou Christiano das Neves e cujo diretor, Warren Powers Laird,

⁹⁹ GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras & ESPINOZA, José Carlos Huapaya. “Olhares cruzados: Visões do urbanismo moderno na América do Sul, 1930-1960.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). **Urbanismo na América do Sul: Circulação de idéias e constituição do campo, 1920-1960.** Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 13-39.

participou do congresso de 1927 em Buenos Aires; mas com pouca presença efetiva de arquitetos estadunidenses nesses encontros.¹⁰⁰

Podemos deprender do texto que tais eventos foram marcados pela preponderância de arquitetos argentinos, uruguaios, chilenos e brasileiros, visível na própria seqüência de sedes: Montevidéu (1920), Santiago (1923), Buenos Aires (1927), Rio de Janeiro (1930) e de novo Montevidéu (1940). Sabemos que os brasileiros Christiano das Neves e Ramos de Azevedo foram premiados em Buenos Aires (1927) e que os planos Agache e de Avenidas foram apresentados no IV Congresso, no Rio de Janeiro (1930). (Os temas ligados à habitação e ao urbanismo iam ganhando espaço nos sucessivos eventos.) Conseqüentemente, trata-se naquele momento de uma instância de intercâmbios mais regional que continental, na qual avultam os contatos entre o Brasil e o Prata, circunstância que merece ser melhor apurada no âmbito do presente projeto de pesquisa. Para tanto iniciou-se um levantamento do material relativo aos congressos, publicado em periódicos brasileiros e argentinos; contudo, a desistência da aluna encarregada desse subtema comprometeu a continuidade dos trabalhos, que poderão, em tese, constituir assunto para um projeto de pesquisa específico abrangendo os cinco primeiros encontros que incluem, além das cidades abordadas aqui, mais duas capitais iberoamericanas, Montevidéu e Santiago.

Roberto Segre foca seu capítulo nos casos portenho e *habanero*, destacando a questão dos discípulos vinculados a diferentes “tutores” atuantes em Buenos Aires, como Carlos Maria della Paolera (aluno de Marcel Poete e admirador de Werner Hegemann e Patrick Geddes), os corbusianos Wladimiro Acosta, Antonio Bonet, Jorge Ferrari Hardoy e Juan Kurchan, colaboradores de Le Corbusier em seu plano para a capital argentina (1938); e Havana, como Pedro Martínez Inclán, ligado inicialmente ao grupo francês da *SFU*, passando no segundo pós-guerra a divulgar os princípios da Carta de Atenas, abrindo caminho aos modernistas da *TPA*. Muito interessante é a identificação de um tráfego de mão dupla, na medida em que Segre mostra como Forestier encampou, entre outras, as propostas de Benito Carrasco para a Costanera, e como Bonet, mais realista que o rei, propôs por abaixo o bairro de San Telmo para dar lugar a uma *ville radiense*, trinta anos após a concepção inicial desta.¹⁰¹

No capítulo seguinte Eloísa Petti Pinheiro estuda quatro planos elaborados para as capitais do Cone Sul entre 1920 e 1940: o Plano Agache para o Rio de Janeiro (1930), o “Plan Noel” para

¹⁰⁰ ATIQUE, Fernando. “Articulações profissionais: Os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos e o amadurecimento de uma profissão no Brasil, 1920-1940..” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). Op. cit., pp. 41-91.

¹⁰¹ SEGRE, Roberto. “Mestres e discípulos no urbanismo latino-americano (1920-1960): Buenos Aires e Havana, duas cidades paradigmáticas.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). Op. cit., pp. 93-118.

Buenos Aires (1925), os projetos e o plano de Juan P. Fabini para Montevideu (1928), e o plano de Karl Brunner para Santiago do Chile (1930). (Ficou faltando o Plano de Avenidas montado por Prestes Maia para São Paulo, que faz parte da mesma leva de “planos gerais”.) Termina com uma menção à geração seguinte, de propostas modernistas como as de Le Corbusier para o Rio de Janeiro (1929-1930-1936) e para Buenos Aires (1938), a de Antonio Bonet, já mencionada; a de Mauricio Cravotto para Montevideu (1930); e a frustrada intenção de Le Corbusier incursionar pelo Chile, barrada pelos discípulos de Karl Brunner.¹⁰²

Embora o “brunnerismo” identificado em Santiago por Eloísa Pinheiro se revele bem menos “moderno” do que Arturo Almandoz queria fazer crer, de um modo geral a análise do capítulo é caracterizada pela mesma dicotomia evidente em Almandoz; entre um “academicismo” ultrapassado que predominaria nas capitais sul-americanas naquele momento, e o modernismo, visto como conjunto mais avançado de propostas que, infelizmente, ainda não haviam logrado suficiente apoio local. A nosso ver tal visão dualista é reducionista e não ajuda na compreensão das passagens do urbanismo pelas cidades do continente. A linguagem mais ou menos “acadêmica” empregada pela Comisión de Estética Edilícia, por Forestier, Maia, Agache ou Brunner não esgota de maneira alguma o teor de suas propostas e planos; que, pelo contrário, mostram-se extremamente atualizados em relação ao debate internacional, particularmente nos casos de Agache, Brunner e Maia. Modernos em muitos sentidos, apegam-se, em suas imagens ilustrativas, a um monumentalismo que, como se veria no momento da concretização parcial dos planos, não era um elemento indispensável, podendo ser trocado por linguagens mais modernizadas.

O capítulo seguinte reúne novamente o organizador e seu orientando peruano, desta vez enfocando a atuação do arquiteto catalão Josep Luis Sert, fundador do GATEPAC na Espanha, exilado em Nova York desde 1939, e seu escritório de planejamento em sociedade com o norte-americano Paul Lester Wiener, o *TPA – Town Planning Associates*, nas décadas de 1940 e 1950. Um dos principais teóricos do urbanismo modernista, Sert já protagonizava a passagem das prescrições estritas da Carta de Atenas a um planejamento urbano mais sofisticado, “humanizado”, preocupado com a vitalidade das áreas centrais, a paisagem urbana, a monumentalidade espacial e arquitetônica, a riqueza funcional, as especificidades do clima árido, subtropical ou equatorial, e outros temas então emergentes. Avanços que transparecem nos projetos para a Cidade dos Motores, no Brasil (1943); para Chimbote, no Peru (1948); para Tumaco, na Colômbia, também em 1948 (que incorporou também uma linguagem regionalista na

¹⁰² PINHEIRO, Eloísa Petti. “Circulação de ideias e academicismo: Os projetos urbanos para as capitais do Cone Sul, entre 1920 e 1940.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). Op. cit., pp. 119-148.

arquitetura); para Medellín, no mesmo ano, proposta diferenciada por destinar-se a uma grande cidade existente, marcada pela proposta de novas tipologias e tecidos urbanos; e para Pomona e Puerto Ordaz, na Venezuela (1950-1951), combinando aportes das proposições anteriores.¹⁰³

Trata-se de uma rápida panorâmica sobre um assunto riquíssimo e que merece estudos mais detidos, recuperando toda a variedade e inovação presente nos desenhos da TPA, e também registrando o destino efetivo que tiveram essas propostas, em que medida foram realizadas (sempre parcialmente, de maneira adaptada; por vezes de forma irreconhecível) e quais as interações que podem ser traçadas entre Sert, Wiener, os encomendantes empresariais e/ou governamentais, seus colaboradores nova-iorquinos e os técnicos locais envolvidos no desenvolvimento e implementação dos projetos. Além, evidentemente, da inserção dessas iniciativas na “política de boa vizinhança” estadunidense do segundo pós-guerra, associadas a ações de assistência técnica e/ou financeira, assim como à venda de materiais e equipamentos norte-americanos. Incluindo também o principal trabalho do escritório: o plano diretor para Havana (1957), excluído por conta do recorte espacial da pesquisa (preocupação que não limitou o trabalho de Roberto Segre, que vai a Cuba sem culpa).

No capítulo seguinte temos uma interessante notícia sobre o papel do urbanista uruguaio Mauricio Cravotto, com extensas passagens pela Europa, onde se aproxima do grupo da *SFU*, particularmente de Marcel Poëte e Léon Jaussely; seu curso e Instituto de Urbanismo na universidade (1923-1952); seu projeto para a Prefeitura de Montevideu (1936); seu Plan Regulador de 1930 para a capital uruguaia, que permaneceu como referência pelas décadas seguintes; seu plano para Mendoza na Argentina, elaborado em conjunto com Fermín Beterebide; e seu papel na formação de técnicos gaúchos. Na esteira da passagem de Agache por Porto Alegre, o papel de maior relevo no debate urbanístico local foi assumido por seu colaborador Arnaldo Gladosch, o qual sugeriu o envio dos engenheiros Edvaldo Pereira Paiva e Luiz Arthur Ubatuba de Faria para estudar no Instituto de Urbanismo uruguaio. A partir dessa passagem derivaram subsídios técnicos que iriam alimentar a institucionalização de um setor de urbanismo na administração municipal e a correlata elaboração de um plano diretor, que seria aprovado, contudo, bem mais tarde.¹⁰⁴

¹⁰³ GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras & ESPINOZA, José Carlos Huapaya. “Diálogos modernistas com a paisagem: Sert e o Town Planning associates na América do Sul, 1943-1951.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). Op. cit., pp. 149-173.

¹⁰⁴ SOUZA, Célia Feraz de & ALMEIDA, Maria Soares de. “Fronteiras intercambiáveis: O urbanismo que veio do Uruguai.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). Op. cit., pp. 175-202.

Espinoza se encarrega do capítulo seguinte, sobre Lima, caso interessantíssimo por incluir as obras do governo do presidente Augusto Leguia, e seu patrocínio decidido da linguagem neocolonial, empregada na reconstrução dos espaços de maior peso simbólico da capital colonial (Plaza Mayor); por citar o arquiteto Emilio Harth-Terré, que merece ser lembrado ao lado de Anhaia Mello, Prestes Maia, Victor Freire, Saturnino de Brito, Mauricio Cravotto, Victor Jaeshcke e Carlos Maria della Paolera como um dos maiores autores e teóricos do urbanismo sul-americano até 1960; por lembrar que o Peru foi pioneiro na institucionalização da disciplina com o Conselho Nacional de Urbanismo (1938; proposição congênere no Brasil, à mesma época, não foi adiante), o Instituto de Urbanismo do Peru, instituição de ensino calcada, assim como suas correspondentes argentina e uruguaia, no *Institut d'Urbanisme* de Paris, só que com tom mais modernista; e a ONPU – Oficina Nacional de Planeamiento y Urbanismo, que se encarregou do plano de Chimbote ao lado da TPA, e do também assumidamente modernista Plano Piloto para Lima (1949).¹⁰⁵

Em seu capítulo, Arturo Almandoz retoma os temas da segunda parte do artigo já citado acima, ou seja, a afirmação do modernismo e do urbanismo dos CIAM no segundo pós-guerra, particularmente no México (com a cidade Universitária da UNAM); na Venezuela (com as grandes intervenções viárias e habitacionais no centro de Caracas); e no Brasil (com o Ministério da educação e Saúde, a Cidade dos Motores e Brasília). Volta a frisar a presença continuada de Karl Brunner, Agache e Maurice Rotival no continente, acrescentando, para sanar a lacuna do texto anterior, as visitas de Louis-Joseph Lebreton e a importância do movimento Economia e Humanismo e da SAGMACS, escritório criado em São Paulo para implementar o planejamento lebretoniano. Volta a insistir na discussão entre os termos “urbanismo” e “planejamento urbano”, mostrando desta vez como os sinais semânticos podem se inverter; como no caso mexicano, onde a presença dos *IHTPC – International Housing and Town Planning Congresses* havia consagrado o uso da expressão “planejamento”, que ficou vinculada a essa vertente mais “conservadora”, enquanto “urbanismo” foi um termo divulgado pelos CIAM.¹⁰⁶

14. AJUSTES CONCEITUAIS

Retornando ao estudo da historiografia da cidade latino-americana proposto por Almandoz em 2002, este ganha interesse, por focar a crescente importância dos estudos daquela que poderia

¹⁰⁵ ESPINOZA, José Carlos Huapaya. “A construção do Peru pelos peruanos: A experiência urbanística em Lima, 1919-1963.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). Op. cit., pp. 203-230.

¹⁰⁶ ALMANDOZ, Arturo. “Mudanças político-institucionais para o planejamento latino-americano do segundo pós-guerra.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). Op. cit., pp. 231-259.

ser denominada micro-história cultural urbana, desenvolvendo-se em paralelo à história do urbanismo (e mesmo ganhando espaço próprio nos Seminários brasileiros de História da Cidade e do Urbanismo). Assinala como a disciplina urbanística é, desde seus primórdios, “indisciplinada” em termos teóricos e metodológicos, dada sua origem periférica em relação às demais áreas científicas, seu caráter multidisciplinar e sua capacidade de absorver, manejar e encaixar uma miríade de métodos, teorias, modelos, preceitos e exemplos não necessariamente coerentes nem compatíveis.

Nesse sentido, a história do urbanismo tende a ganhar no momento em que a micro-história traz para o campo de estudos objetos antes considerados de menor monta: literaturas populares, festas, ritos, diários, imagens efêmeras, e assim por diante. Tais materiais poderão enriquecer a compreensão do urbanismo (e dos anti-urbanismos que o acompanharam) enquanto ideário inserido num universo mais amplo de práticas e representações – o qual é, evidentemente, o objeto da história cultural. Então os conceitos hoje sendo colocados para balizar esta poderão contribuir para a análise das propostas e intervenções urbanísticas, numa postura que o autor designa como “*rumo à história cultural urbana.*”¹⁰⁷ Os melhores exemplos são os mesmos destacados por Carlos Guilherme Mota e Ricardo Medrano: José Luis Romero, Richard M. Morse, Angel Rama... Mas também podemos mencionar que conceitos derivados da história e da sociologia da cultura poderão ser úteis para nossa análise da circulação de ideários pelas maiores cidades da América do Sul, para o que está sendo realizada a segunda rodada de seminários internos de embasamento teórico, mencionados no item 7 da primeira parte deste relatório.

Também serão incluídos autores como Roger Chartier, cuja obra luminosa desvenda os campos da produção literária e intelectual com aportes úteis para o entendimento dos processos de formação de públicos que acompanham a afirmação das novas modalidades de textos – ecoando uma preocupação recorrente de nossos urbanistas do século XX: como atingir o público, tanto o geral como os públicos específicos dos dirigentes políticos e/ou empresariais, e como criar uma base de opinião favorável à nova disciplina. “*Disciplina e invenção, mas também distinção e divulgação. Esse segundo par de noções solidárias (...) [propõe] uma circulação dos objetos e dos modelos culturais que não a reduz a uma simples difusão, geralmente pensada como descendo de cima para baixo.*”¹⁰⁸ Assinala a importância do instrumental envolvido na transmissão das palavras e sua capacidade de fixar ou

¹⁰⁷ ALMANDOZ, Arturo. “Revisão da historiografia urbana na América hispânica, 1960-2000.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras & PINHEIRO, Eloísa Petti (orgs.). Op. cit., p 131.

¹⁰⁸ CHARTIER, Roger. “Introdução.” In: **Leituras e leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: Editora da Unesp, 2004, p. 17

apagar textos cuja perenidade e integridade sempre foram extremamente problemáticas.¹⁰⁹ E estabelece uma base firme para se entender um sistema de proposições e intervenções por meio dos conceitos de prática e de representação: “*A cultura não está acima ou ao lado das relações econômicas e sociais, e não existe prática que não se articule sobre as representações (...) Não se podem, portanto, restringir apenas à sua finalidade material ou a seus efeitos sociais as práticas que organizam as atividades econômicas e tecem os vínculos entre os indivíduos (...) Portanto, toda história (...) exige o estudo dos sistemas de representação e dos atos que eles geram. Por isso, ele é cultural.*”¹¹⁰

De extremo interesse para nossos esforços de referenciamento teórico é ainda a colocação inicial de Almandoz em seu artigo de 2002, questionando a validade dos objetos de investigação, consultorias, eventos, conferências, artigos, livros enquanto “unidades de discurso” coerentes em si mesmas, a partir das quais podem ser traçadas relações epistemológicas e profissionais. “*Estou consciente das objeções colocadas por Foucault*¹¹¹ (...), por exemplo, com respeito ao questionável uso das unités de discours, tais como as noções de continuidade (tradição, desenvolvimento, influência, evolução, mentalidade, espírito), a vaga entidade atribuída a livros e obras, assim como as supostas separações entre disciplinas, entre outros estratagemas epistemológicos sobre os quais têm sido estabelecidas as “regularidades discursivas”.¹¹² Para Almandoz esse *corpus* de unidades discursivas exprime um complexo de relações com diferentes contextos sociais e de transformações disciplinares, que configurariam um “sistema de dispersão” epistemológica; ou seja, um processo marcado por múltiplas interfaces, cruzamentos, idas e vindas dos elementos do conhecimento urbanístico, sendo estes difundidos em várias direções, reinterpretados e reescritos a cada momento.

Caberia aqui lembrar uma instigante colocação de Pierre Bourdieu, por ocasião de uma entrevista de 1985: “*A teoria do campo realmente faz com que se recuse tanto o estabelecimento de uma relação direta entre a biografia individual e a obra (ou entre a ‘classe social’ de origem e a obra) como a análise interna de uma obra em particular ou mesmo a análise intertextual, isto é, o relacionamento de um conjunto de obras. Porque é preciso fazer tudo isso ao mesmo tempo.*”¹¹³ E mais: tais análises, além de indissociáveis, podem se iluminar

¹⁰⁹ CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar**. São Paulo: Editora da Unesp, 2007.

¹¹⁰ CHARTIER, Roger. “Introdução.” In: **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora da Unesp, 2004, p. 18.

¹¹¹ Vide FOUCAULT, Michel. “Les unités du discours.” In: **L’archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 2010, pp. 33-46.

¹¹² ALMANDOZ, Arturo. “Modernización urbanística en América Latina. Luminarias extranjeras y cambios disciplinares, 1900-1960.” *Iberoamericana* n° 27 (vol. VII), 2007, p. 60 (tradução nossa).

¹¹³ BOURDIEU, Pierre. “O campo intelectual: Um mundo à parte.” In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 177.

mutuamente em virtude do que Bourdieu denomina de princípio da homologia: *“Postulo que existe uma correspondência bastante rigorosa, uma homologia, entre o espaço das obras consideradas nas suas diferenças, nos seus desvios (à maneira da intertextualidade) e o espaço dos produtores e das instituições de produção.”*¹¹⁴

Protagonistas e componentes da nova ciência do urbanismo teriam seus conteúdos selecionados e remanejados para responder às demandas específicas dos países e cidades que passavam a recorrer a seu arsenal de teorias, modelos, esquemas, exemplos e propostas. Processo de descontextualização e recontextualização no qual, segundo Pierre Bourdieu, em sua conferência na Alemanha sobre a circulação internacional de idéias, avulta o *“efeito de prisma deformante exercido, tanto sobre a produção como sobre a recepção, pelos campos intelectuais nacionais e as categorias de percepção e de pensamento que eles inculcam e impõem.”*¹¹⁵

Nesse sentido, os elementos do ideário urbanístico precisavam ser traduzidos e retraduzidos, adaptados e readaptados, decompostos e recombinaados, devido ao contínuo reposicionamento dos interesses locais, não apenas em relação às demandas e conflitos inerentes a cada situação, mas também em face das alianças ou concorrências que permeavam a rede urbana e que transcendiam fronteiras. Conseqüentemente, às referências importadas do Hemisfério Norte passaram a se somar os exemplos mais próximos, úteis enquanto lição, precedente ou argumento, seja no sentido de emular, seja no de superar ou renegar as realizações dos vizinhos.

Ricocheteando entre os centros urbanos sul-americanos, o ideário urbanístico foi trazendo uma gama de proposições que podiam ser aproveitadas, tanto na montagem de um arsenal ideológico convincente para impor, em cada caso, o programa mais conveniente às camadas dominantes; como na articulação propriamente técnica de intervenções, obras e legislação reguladora capaz de concretizar, até certo ponto – que não ameaçasse, bem entendido, as estruturas sociais vigentes – a transformação do espaço urbano de acordo com as necessidades impostas pelos modos de produção, regimes de trocas e relações sociais correspondentes. E a disputa pela primazia regional, nacional ou continental, ou seja, pela “capitalidade” (no sentido salientado por Margareth da Silva Pereira em nosso primeiro encontro de pesquisa; vide item 4. Encontro de pesquisa, na primeira parte deste relatório) favoreceu, paradoxalmente, os intercâmbios nesse campo, na medida em que cada capital procurou se apoiar em certos padrões de intervenção urbanística para se destacar em face de suas rivais, mesmo que fosse por meio da reinterpretação de exemplos, princípios e diretrizes de atuação similares.

¹¹⁴ Ibid. ibidem.

¹¹⁵ BOURDIEU, P. “Les conditions sociales de la circulation internationale des idées.” *Cahiers d’Histoire des Littératures Romanes* n° 1-2 (vol. XIV), pp. 1-10.

Seguindo os pontos lançados por Alicia Novick, buscamos compreender os mecanismos de “tradução” envolvidos na transferência de modelos; as lógicas de “importação/exportação” trazidas e levadas pelos urbanistas viajantes; e os processos ambíguos subjacentes à circulação e disseminação de idéias.¹¹⁶ (Compare-se com a superada noção de influência e com os termos já citados de “transferências” ou “empréstimos”; e a tipologia criada por Stephen Ward, que distingue três modalidades de “empréstimos” e três de “imposições”.)¹¹⁷

Mais especificamente, pretendemos contribuir para desvendar os processos ora análogos, ora diferenciados, de recepção e apropriação de ideários. Recepção no sentido que lhe confere Stuart Hall, enquanto processo reativo envolvendo ora aceitação, ora oposição, ora negociação entre os receptores e os conteúdos transmitidos. Importante também é sua definição de conjuntura enquanto *“articulação específica de momentos, que é particular e peculiar a um momento histórico específico, ao modo dentro do qual o balanço particular das forças entre diferentes elementos sociais sempre define um terreno de movimento e prática em qualquer tempo particular”*¹¹⁸. Apropriação, no sentido empregado na história cultural, desse pensamento urbanístico, configurando uma pauta comum às diversas cidades engajadas nas disputas pela capitalidade, que se sucedem, em âmbito regional, nacional e continental, desde os tempos coloniais. Disputas acirradas em décadas recentes pelas demandas da globalização, que recolocaram em primeiro plano a competitividade entre centros urbanos, ou cidades-região globais,¹¹⁹ cada vez mais sujeitos às injunções da conjuntura internacional.

¹¹⁶ NOVICK, Alicia. “La ciudad, el urbanismo y los intercambios internacionales. Notas para la discusión.” II Seminário de História Urbana, Campinas, 2009.

¹¹⁷ WARD, Stephen. “Re-examining the international diffusion of planning.” In: FREESTONE, Robert (org.). **Urban planning in a changing world. The twentieth century experience.** London: E & FN Spon, 2000, pp. 40-60.

¹¹⁸ HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

¹¹⁹ SCOTT, Allen J. “Global city regions: Planning and policy dilemmas in a neo-liberal world.” In: FREESTONE, Robert (org.). **Urban planning in a changing world: The twentieth century experience.** London: E & F Spon, 2000, pp. 249-268.

15. A INTENSIFICAÇÃO DAS TROCAS NAS DUAS VIRADAS DE SÉCULO¹²⁰

No decorrer da pesquisa verificou-se que tal circulação de idéias e de seus portadores – muitas vezes consultores europeus contratados sucessivamente por diversas municipalidades brasileiras e/ou argentinas – ganhou maior relevo em dois contextos históricos: o início do século XX e o momento contemporâneo. Ambos são momentos de intensificação das trocas internacionais, de liberalização comercial e abertura de mercados; de disseminação de novas tecnologias de comunicação e transporte; de enfraquecimento do nacionalismo ou latino-americanismo radical; e da imposição em escala planetária de um consenso ideológico de fundo liberal, mas que transcende o mero *laissez-faire* ou livre-cambismo oitocentista ao incorporar sagazmente demandas e setores emergentes nas esferas global e local, como aqueles ligados ao cientificismo e positivismo de um século atrás, ou às questões ambientais atuais; e ao privilegiar parceiros locais, sejam as enriquecidas oligarquias que se urbanizavam em 1900, seja a classe transnacional ligada ao setor financeiro hoje dominante.

Propostas e realizações diversas envolvem muitas vezes temáticas comuns - derivadas de modelos impostos desde fora; seja por conta de demandas relacionadas à reinserção dessas cidades na rede global e à atração de investimentos na articulação dos fluxos de produção e escoamento de mercadorias, nos diferentes itens da infra-estrutura indispensável a tal funcionamento, e nas oportunidades imobiliárias abertas pelo crescimento urbano e pela concentração de inversões, atividades urbanas e riqueza; os quais, porém, são incorporados de maneira singular em cada caso, sendo apropriados e retrabalhados pelos interesses, circunstâncias e demandas locais. Gerando resultados díspares, tanto no âmbito de cada projeto, como nas realizações que podem ser apreendidos em escala urbana, regional ou internacional.

Assim, os ideários urbanísticos em jogo, embora amparando planos, propostas e projetos bastante variados, exprimem agendas muitas vezes similares, derivadas da inserção até certo ponto análoga dessas cidades nos circuitos econômicos regionais e no sistema internacional de trocas. As exposições quase coincidentes de 1908 no Rio de Janeiro (centenário da abertura dos portos) e de 1910 em Buenos Aires (Exposición del Gran Centenario) ilustram como o imaginário arquitetônico e urbanístico da virada do século, impregnado de referências européias,

¹²⁰ A partir deste ponto o texto do relatório irá incorporar alguns trechos do trabalho apresentado ao 1º Congresso Latinoamericano de Estudios Urbanos: CAMPOS, Candido Malta; ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi; EIGENHEER, Daniela Maria; SOMEKH, Nadia & ZYLBERSZTAJN, Breno Eitel. “Projetos urbanos nas grandes metrópoles sul-americanas: Visões do reaproveitamento de áreas subutilizadas em Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo.” Anais do I Congresso Latinoamericano de Estudios Urbanos, Buenos Aires, 24 a 26 de agosto de 2011. Buenos Aires: Instituto del Conurbano – Universidad Nacional General Sarmiento / Instituto de Investigaciones Sociales – Universidad Nacional Autónoma de México / Universidad Nacional de Quilmas / Lincoln Institute of Land Policy, pp. 1-25.

assumiu a função explícita de celebrar a prosperidade da economia agroexportadora, tanto no Brasil, onde as políticas de valorização do café começavam a render seus frutos, como em Buenos Aires, acometida pela euforia de uma prosperidade sem precedentes.¹²¹

Desde a segunda metade do século XIX, pelo menos, Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo passaram a exercer e reivindicar crescente importância enquanto nexos cruciais naquele que poderíamos chamar de sistema agrário-exportador, interligando a produção das respectivas hinterlândias com os mercados consumidores e fornecedores de industrializados do Hemisfério Norte.

Mais que simples entrepostos, essas “capitais agroexportadoras” assumiram papel decisivo no controle local, regional e/ou nacional dos mecanismos constituintes desse sistema, seja na esfera econômica, social ou política, controle que implicava não apenas o financiamento e apoio à produção agrícola ou pecuária e a implantação e operação das infra-estruturas de transporte, com ferrovias, armazéns, silos, portos, etc.; mas também o sedimento dos poderes locais; das crescentemente complexas funções terciárias, comerciais e administrativas; dos grupos sociais dominantes, com dupla residência entre sobrado e fazenda, casa urbana e estância; dos estratos médios implicados no setor terciário; das demais camadas subalternas, herdeiras, no caso brasileiro, de uma tardia abolição da escravatura; e ainda do operariado e da incipiente indústria que, à margem do sistema de trocas dominante, adquiria rapidamente importância no suprimento de um mercado interno em constante expansão.

Logo se tornou evidente que a estrutura urbana herdada do período colonial, assim como as intervenções modestas que haviam se proposto a ajustar esse perfil às demandas colocadas pela independência e pelas lutas políticas internas que se seguiram, jamais dariam conta do papel que caberia às capitais agroexportadoras.¹²² Epidemias e inquietações sociais surgiam como a face mais visível de uma grave inadequação urbanística, para a qual se fazia urgente uma série de intervenções drásticas, seja no campo da saúde pública, da regulação edilícia e da moradia;¹²³ seja no provimento das grandes infra-estruturas necessárias na esfera interurbana – ferrovias, estradas,

¹²¹ GUTMAN, Margarita & REESE, Thomas (orgs.). **Buenos Aires 1910: El imaginario para una gran capital**. Buenos Aires: Eudeba, 1999.

¹²² Período estudado no caso brasileiro por Nestor Goulart Reis; vide “Urbanização e modernidade: Entre o passado e o futuro, 1808-1945.” In. MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem incompleta: A experiência brasileira, 1500-2000. Vol. II: A grande transação**. São Paulo: Senac, 2000.

¹²³ Vide ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel / Fapesp, 1997 e LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **A República ensina a morar (melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1990.

portos, telégrafo¹²⁴ – e infra-urbana – sistema viário, transporte público, abastecimento de água, rede de esgotos, drenagem, canalização de rios e córregos, controle de enchentes, energia elétrica, telefonia e assim por diante; seja na construção dos logradouros e edifícios que abrigariam novas e ampliadas instituições e poderes – os governos federal, estadual ou provincial e municipal, as escolas superiores, as entidades profissionais, a imprensa, os bancos, as empresas exportadoras e importadoras, o comércio de luxo, etc.; seja na criação de soluções residenciais para uma população em vertiginoso crescimento, dos bairros elegantes pontuados por mansões e jardins aos primeiros edifícios de apartamentos, dos loteamentos de perfil mediano ou popular às vilas e conjuntos de casinhas alugados à população de menor renda, dos cortiços ou *conventillos* às bairradas e favelas toleradas nos espaços intersticiais desvalorizados.¹²⁵

Enquanto instrumento-chave, inserido nesses movimentos de dominação em sua dimensão urbanística, os grandes projetos urbanos que têm protagonizado o debate urbanístico em nossas cidades são herdeiros legítimos da modernização autocrática e excludente que marcou as intervenções constituintes das capitais agroexportadoras. Trata-se de criar os espaços de conexão, subordinação internacional e controle local, que amparam seu papel enquanto pólos regionais, e de alimentar as projeções ideológicas que legitimam tal situação, por meio de realizações de impacto, com grande visibilidade e ares de modernidade. Ao mesmo tempo, são elementos de segregação e dominação no meio urbano, e oportunidades para a obtenção de importantes mais-valias, seja nas operações imobiliárias propriamente ditas, seja por meio das concessões de serviços, da venda de tecnologias e das caras obras em si.

16. BOUVARD ENTRE BUENOS AIRES E SÃO PAULO

Há cem anos, o consultor francês Joseph-Antoine Bouvard (1840-1920),¹²⁶ chamado a Buenos Aires em 1907 para opinar, na qualidade de arquiteto das Exposições Universais de Paris, sobre a exposição que se pretendia montar para as celebrações do Centenário da Independência em

¹²⁴ REIS FILHO, Nestor Goulart. **São Paulo e outras cidades**. São Paulo: Hucitec, 1983; REIS FILHO, Nestor Goulart. **Memória do transporte rodoviário**. São Paulo: CPA, 1997; REIS, Nestor Goulart. **Dois séculos de obras no Estado de São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. Consultar também diversos verbetes (*puerto, avenida, barrio, barriada, centro, bairro, centro, loteamento, rua, avenida, favela, cortiço, conventillo*) tanto em LIERNUR, Francisco & ALIATA, Fernando (orgs.). **Diccionario de arquitectura en la Argentina**. Buenos Aires: AGEA, 2004; como em TOPALOV, Christian et al. (orgs.). **L'aventure des mots de la ville**. Paris: Robert Laffont, 2010.

¹²⁵ BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

¹²⁶ D'ELBOUX, Roseli M. "Joseph-Antoine Bouvard in São Paulo, 1911: Antecedent events and repercussions." Proceedings of the 14th IPHS Conference, Istanbul, 2010, s.n.p.

1910,¹²⁷ acabaria encarregado de um plano cujo elemento principal era a proposta das avenidas diagonais que emergia como grande intervenção valorizadora da área central, uma vez concluída a *perce* ortogonal da Avenida de Mayo. Nesse sentido Bouvard, assim como faria em São Paulo, foi instrumental para a superação do modelo portenho “afrancesado” de uma quadrícula pontuada por avenidas ortogonais e retilíneas. Após a elaboração e apresentação de seu plano para a capital argentina (1907-1909), que propunha um sem-número de novas ligações diagonais articulando o tecido urbano, muitas delas projetadas sobre áreas ainda não ocupadas,¹²⁸ foi também contratado pela Prefeitura de São Paulo. Desta vez, com o objetivo de mediar uma disputa local entre os adeptos do urbanismo haussmaniano, proprietários e capitalistas obcecados pelo lucrativo desafio de criar bulevares parisienses na difícil topografia do centro paulistano, e o Diretor de Obras municipais Victor Freire, versado na ciência urbanística pós-haussmaniana, mais especificamente nos princípios sitteanos de composição urbana.¹²⁹ Tratava-se de superar o modelo haussmaniano imposto via Rio de Janeiro, não apenas por sua inadequação à topografia paulistana, mas como um recurso para a afirmação da autonomia paulista nesse campo; e nada melhor que um consultor francês para facilitar essa passagem. “*Se há um modelo a seguir, vamos buscal-o em Buenos Aires*”, clamava o vereador Alcântara Macahado em 1910.¹³⁰

Em São Paulo a demanda por uma transformação urbana de grande impacto ganhava força na medida em que a cidade, enriquecida subitamente graças ao café e, logo, à indústria, não cabia mais nas estreitas, acidentadas ruas de seu núcleo antigo, onde o casario colonial passou a ser impiedosamente substituído por edifícios comerciais ou institucionais e fachadas ecléticas. Os debates que culminaram no convite a Bouvard já agitavam os setores dominantes e os meios técnicos: em 1909, um grupo de potentados, fazendeiros e capitalistas, propôs ao Governo do Estado um plano de remodelação do bairro de Santa Efigênia, região empobrecida logo a Noroeste do centro histórico, baseado em ambiciosos padrões e instrumentos de intervenção: pretendiam obter o direito de desapropriar, à sua custa, toda essa região e transformá-la em bairro elegante à parisiense, com hotéis, apartamentos, comércio de luxo, lojas de departamentos...

¹²⁷ GUTMAN, Margarita & REESE, Thomas (orgs.). **Buenos Aires 1910: El imaginario para una gran capital**. Buenos Aires: Eudeba, 1999.

¹²⁸ Gorelik, Adrián. **La grilla y el parque. Espacio público y cultura urbana em Buenos Aires, 1887-1936**. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, pp. 256-260.

¹²⁹ SIMÕES JUNIOR, José Geraldo. **Anhangabaú: História e urbanismo**. São Paulo: Senac, 2005.

¹³⁰ OLIVEIRA, José de Alcântara Machado de: “Exposição de motivos do projeto de lei nº 20, de 17 de março de 1911.” In: **Annaes da Camara Municipal de São Paulo: 1911**. Apud SIMÕES JR., Op. cit., pp. 124-125.

O jovem arquiteto Alexandre de Albuquerque, recém-chegado da Europa, traçou o novo bairro com base em três grandes *perées*, bulevares retilíneos que se cruzariam numa praça rotatória, versão reduzida da Place de l'Étoile...¹³¹ Porém essa proposta exigiria um grau de intervencionismo impensável no ambiente eminentemente liberal da economia cafeeira. O sagrado direito de propriedade não poderia ser atropelado pelos interesses de determinado grupo, por mais poderoso, mesmo para construir o perfil urbano que celebraria o próprio modelo agroexportador. Passados cem anos, a questão do reaproveitamento desses quarteirões empobrecidos permanece: o mesmo bairro de Santa Ifigênia, objeto de outros projetos frustrados ao longo do século, continua na mira de interesses imobiliários que pretendem reverter a desvalorização de um trecho tão central, ganhando localização estratégica na cidade. E o direito de desapropriar e revender a área, reivindicado sem sucesso pelos poderosos de 1909, foi concedido à iniciativa privada exatamente cem anos depois, pela Lei da Concessão Urbanística de 2009: abrindo caminho para o projeto urbano Nova Luz, pelo qual os empreendedores serão licitados e deverão seguir diretrizes definidas pela municipalidade, incluindo, desta vez, além dos edifícios de escritórios, comércio, hotéis, etc., habitações de padrão médio e de interesse social. Iniciativa polêmica assumida no âmbito de intenções valorizadoras projetadas para toda a área central paulistana, pretendendo reverter o processo de popularização da região que já dura várias décadas.

Ao contrário do programa Ação Centro, da administração esquerdista anterior, que procurava conciliar o reaproveitamento do potencial subutilizado do centro – prédios comerciais esvaziados, parques destruídos por viadutos, áreas congeladas pelo zoneamento, grandes edifícios institucionais, patrimônio arquitetônico eclético – por diferentes grupos sociais, combinando investimento privado e uso coletivo, com uma variada pauta de intervenções; o projeto Nova Luz tende a ceder mais uma vez a iniciativa ao setor imobiliário.

Bouvard preferiu se abster de intervir nesse trecho e se concentrou nos espaços então vazios adjacentes ao centro. O Plano Bouvard para São Paulo (1911) incluiu soluções que conciliavam os grandes interesses imobiliários em jogo com uma estética urbana e paisagística mais atualizada e adaptada ao pitoresco do sítio, colocadas para duas grandes áreas subutilizadas que ladeavam a colina central: o Vale do Anhangabaú, a Oeste, e a Várzea do Carmo, a Leste.¹³² O primeiro foi

¹³¹ s.n.a. “Os melhoramentos de São Paulo: Projecto Alexandre de Albuquerque.” *Revista de Engenharia* nº 2 (vol. I), julho de 1911, pp. 37-38.

¹³² BOUVARD, Joseph-Antoine. “Relatorio apresentado ao Sr. Prefeito Raymundo Duprat.” In: s.n.a.: “Os melhoramentos de São Paulo: O relatorio do Sr. Bouvard.” *Revista de Engenharia* nº 2 (vol. I), julho de 1911, p. 42.; s.n.a. (1911). “Melhoramentos de São Paulo: A primeira secção do plano Bouvard. Os ‘blocos’ do Valle Anhangabahú.” *Revista de Engenharia* nº 4 (vol. I), setembro de 1911, p. 97.

transformado em pequeno parque bucólico, pontuado pelos novos edifícios mais prestigiosos da “capital do café”, em cuidadoso arranjo obtido mediante um acordo de cavalheiros que, infelizmente, não sobreviveu ao final do regime oligárquico em 1930.

A segunda foi objeto de uma verdadeira operação urbana *avant la lettre*, que cedeu a uma companhia privada parte dos terrenos municipais ao longo do Rio Tamanduateí, na zona do novo mercado, em troca da realização, no restante da área, de um amplo parque, com equipamentos esportivos, culturais e de lazer – a maior parte nunca realizada.¹³³

17. O EXEMPLO DA AVENIDA CENTRAL

Os arranjos intermediados ou legitimados por Bouvard (que também foi consultor de capitais ingleses que pretendiam investir no crescimento paulista, a quem recomendou adquirir vastas glebas a Oeste e Sudoeste da cidade, iniciativa que resultou na criação da Companhia City of São Paulo Improvements, que lotearia essas áreas nas décadas seguintes, conformando os quadrantes residenciais mais valorizados de São Paulo); todavia, não tinham apenas repercussões estéticas ou fundiárias. Tratava-se, também, de afirmar a posição de São Paulo enquanto centro emergente no cenário nacional, de maneira mais independente e autônoma.

Nesse sentido, o urbanismo paulista não se rendia facilmente ao modelo haussmaniano assumido em tantos outros lugares,¹³⁴ e procurava recorrer às concepções pós-haussmanianas, seja de caráter sitteano, como nas propostas de Bouvard e Victor Freire para a área central, e de seu correligionário Saturnino de Brito para a cidade portuária de Santos; seja na esteira do movimento pelas cidades-jardim, cujas contribuições foram logo incorporadas pela Companhia City em seus loteamentos de alto padrão, para os quais encomendou projetos aos próprios Raymond Unwin e Barry Parker (este último passaria dois anos em São Paulo, de 1917 a 1919, criando bairros de traçado sinuoso e elegante).¹³⁵

Tratava-se de superar os exemplos do urbanismo mais convencional, tão celebrados no continente: a realização de Belo Horizonte, nova capital do estado de Minas Gerais - projeto

¹³³ CAMPOS, Candido Malta & ACKEL, Luiz Gonzaga Montans. “Freire e Bouvard: A cidade européia.” In SOMEKH, Nadia & CAMPOS, Candido Malta (orgs.). **A cidade que não pode parar: Planos urbanísticos de São Paulo no século XX**. São Paulo: Mackpesquisa, 2008, pp. 33-52

¹³⁴ O “modelo haussmaniano” foi definido em detalhes por Marcel Roncayolo em sua seção “La production de la ville.” In: DUBY, Georges (org.). **Histoire de la France urbaine. Vol. 4: La ville de l’âge industriel**. (Volume dirigido por Maurice Agulhon.) Paris: Seuil, 1983, pp. 77-117.

¹³⁵ ANDRADE, Carlos Roberto Martins de. “Barry Parker: Um arquiteto inglês na cidade de São Paulo,” Tese de Doutorado, FAU / USP, São Paulo, 1998.

encampado pelo governo republicano após 1892, calcado no exemplo de La Plata, a nova capital da província de Buenos Aires (1882); trazendo a mesma combinação de traçado quadriculado cortado por vias diagonais e pontuado por praças (que funcionou bem melhor na planura dos pampas que no mar de morros de Minas).¹³⁶

Outro precedente incontornável era o da Avenida Central, aberta no coração do Rio de Janeiro entre 1903 e 1906, bulevar exemplar tanto por seu papel saneador e segregador, simbolizando o combate às epidemias que assolavam a cidade e a expulsão da população pobre do centro; como por seu perfil plano e retilíneo, emoldurado por uma profusão de fachadas ornamentadas segundo as mais vistosas possibilidades arquitetônicas que o cardápio dos estilos históricos, ao sabor do ecletismo vigente, permitia justapor; no afã de se criar, em tempo recorde, o cenário de modernidade que até então faltava aos cariocas.¹³⁷ Sucesso imediato, inspirou uma série de propostas pretendendo abrir uma ou mais avenidas congêneres no coração de São Paulo, estreita colina apinhada e íngreme... Não apenas as Grandes Avenidas de Alexandre de Albuquerque, mas propostas para o prolongamento da Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, para o alargamento da Rua Líbero Badaró, e, finalmente, para o alargamento da Rua de São João, ecoavam no planalto paulista a admiradíssima Avenida Central.

A Avenida Central (hoje Rio Branco), por sua vez, não deixava de ser uma resposta às capitais platinas que haviam saído na frente nessa corrida modernizadora: Buenos Aires, evidentemente, já ostentava desde o final do século XIX a vistosa, a europeizada, a exemplar Avenida de Mayo;¹³⁸ e Montevideú já avançava nas intervenções embelezadoras que, em menor escala, também a colocavam um patamar acima das insalubres e mal-ajambradas cidades portuárias brasileiras.¹³⁹

Ora, as obras de remodelação do Rio na primeira década do século XX, protagonizadas pelo enérgico prefeito Pereira Passos; pela Comissão da Avenida Central, encabeçada por Paulo de Frontin; e pelo Ministro da Viação e Obras Públicas, Lauro Muller; foram tão bem-sucedidas em seu propósito de inverter a imagem da cidade, desde então alcunhada “maravilhosa”,¹⁴⁰ que se

¹³⁶ FREIRE, Victor da Silva. “A planta de Bello Horizonte (a propósito da ‘Cidade Salubre’). *Revista Polytechnica* n° 52 (vol. IX), 1916, pp. 159-173.

¹³⁷ BENCHIMOL, Jayme Larry. **Pereira Passos: Um Haussmann tropical**. Rio de Janeiro: PCRJ, 1992.

¹³⁸ Levantamento completo da via e seus edifícios foi montado por Julio Solsona e Carlos Hunter em **La Avenida de Mayo: Un proyecto inconcluso**. Buenos Aires: FADU, 1990.

¹³⁹ DEL BRENNNA, Giovanna Rosso del (org.). **O Rio de Janeiro de Pereira Passos**. Rio de Janeiro: Index, 1985.

¹⁴⁰ Trabalhos recentes têm esmiuçado com mais cuidado a já mítica reforma Passos, como ANDREATTA, Verena. **Cidades quadradas, paraísos circulares: Os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006; e RABHA, Nina Maria de Carvalho Elias (coord.). **Planos**

tornaram referência obrigatória em todo o país - inspirando inúmeras intervenções similares Brasil afora, igualmente atreladas à miragem do bulevar parisiense, a exemplo da remodelação do centro do Recife em padrões nitidamente haussmanianos, por volta de 1915; e das “avenidas centrais” rasgadas em tantas cidades brasileiras até meados do século – a Rua Chile e a Avenida Sete de Setembro em Salvador; a Avenida Borges de Medeiros em Porto Alegre; a Avenida Getúlio Vargas em Belém; a Avenida Campos Salles em Campinas...¹⁴¹ Até em São Paulo, a despeito da resistência de Victor Freire, encaixou-se na área central um bulevar retilíneo e quase plano: a Avenida São João, dando as costas ao pitoresco, original e belo Parque Anhangabaú de Bouvard, de tão curta vida (1918-1940).¹⁴²

A Avenida Central, assim como as demais obras da chamada reforma Passos, fizeram época não apenas no Brasil, mas também em Buenos Aires; onde já em 1906 a *Revista de Arquitectura* mostrava as realizações cariocas como um exemplo a seguir. Tratava-se de conferência do urbanista Enrique Chanourdie, na qual o autor embasa a proposta de um novo plano para a cidade nos casos de Paris, Roma, Nova York e Rio de Janeiro, sendo este mais a propósito, já que “*nos toca más de cerca*”.¹⁴³ Na dupla de urbanistas atuantes nessa Buenos Aires de 1910, ambos críticos das iniciativas oficiais e do convite a Bouvard, Victor Jaeschke¹⁴⁴ mostrava-se bem mais agudo nos ataques às caríssimas e inúteis avenidas diagonais, enquanto Enrique Chanourdie adotava postura mais conciliatória. Ambos, porém, concordavam em que o custo dessas

urbanos: Rio de Janeiro – O século XIX. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / secretaria Municipal de Urbanismo / Instituto Pereira Passos, 2008.

¹⁴¹ PINHEIRO, Eloísa Petti. “A ‘haussmanização’ e sua difusão como modelo urbano no Brasil.” Anais do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Campinas, 1998. Vide também seu livro, PINHEIRO, Eloísa Petti. **Europa, França e Bahia: Difusão e adaptação de modelos urbanos.** Salvador: EDUFBA, 2002. O urbanismo francês oitocentista, alavancado pelo exemplo das realizações de Haussmann, também presidiu à concepção de Belo Horizonte, segundo Heliana Angotti Salgueiro. “O pensamento francês na fundação de Belo Horizonte: Das representações às práticas.” In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). **Cidades capitais no século XX.** São Paulo: Edusp, 2001, pp. 135-181.

¹⁴² CAMPOS, Candido Malta. “Eixo da ambigüidade: A região da Avenida São João nas inversões do tempo.” In ARTIGAS, Rosa; CASTRO, Ana Claudia & MELLO, Joana (orgs.). **Caminhos do elevado.** Imprensa Oficial, São Paulo, 2008.

¹⁴³ CHANOURDIE, Enrique. “Transformación edilícia de Buenos Aires.” *Arquitectura* n° 39 (Vol. III), pp. 57-87.

¹⁴⁴ JAECHKE, Victor Julio. “Ensanche económico de calles centrales.” *Arquitectura* n° 29 (vol. XI), Buenos Aires, agosto de 1905, pp. 57-61; JAECHKE, Victor Julio. “Avenidas diagonales o paralelas?” *Arquitectura* n° 29, Buenos Aires, septiembre de 1905, pp. 77-80; JAECHKE, Victor Julio. “Para un futuro Intendente Municipal: Transformación de Buenos Aires.” *Revista de Arquitectura* n° (vol. VIII), Buenos Aires, marzo de 1922, pp. 36-39; JAECHKE, Victor Julio. “Problemas de urbanismo: Inutil ensanche de la ciudad de Buenos Aires.” *Revista de Arquitectura* n° (vol. X)0, Buenos Aires, agosto de 1924, pp. 269-271; JAECHKE, Victor Julio. “Urbanismo: Edificación de la Diagonal Pte. R. Sáenz Peña - Con desprecio de la higiene y de la estética.” *Revista de Arquitectura* n° (vol. XIII), Buenos Aires, diciembre de 1926, pp. 21-24. Vide também o verbete sobre Victor Jaeschke em LIERNUR, Francisco & ALIATA, Fernando (orgs.). **Diccionario de arquitectura en la Argentina.** Buenos Aires: AGEA, 2004, vol. I-N, p. 28.

intervenções centrais não se justificava, tendo em vista as vastas extensões vazias dos subúrbios.¹⁴⁵ Contudo, às vésperas das comemorações do Centenário, em 1910,¹⁴⁶ para a capital argentina, em sua expansão notável e seu inaudito enriquecimento, já não bastava o esbelto perfil da Avenida de Mayo; era preciso encontrar propostas mais ambiciosas, configurando outro patamar de intervenção, que desse conta das demandas ampliadas que os anos fastos da primeira metade do século XX exigiam:¹⁴⁷ uma cidade pensada não enquanto imitação da Europa, mas como sua superação. Onde os elementos urbanísticos – a largura das vias, dos passeios, a arquitetura, os materiais das fachadas, as dimensões e estatuária das praças, o horizonte dos parques – seriam marcados por padrões ímpares de grandeza e opulência,¹⁴⁸ conquanto ainda calcados, nas formas prestigiosas legitimadas pelo Velho Continente, avalizadas pelos arquitetos, urbanistas e paisagistas, quase sempre franceses: Carlos Thays,¹⁴⁹ Bouvard, Forestier, Jaussely, até chegar à visão radicalizante de Le Corbusier...¹⁵⁰

18. OS “PLANOS GERAIS” DOS ANOS 1920 E 1930

Foi no momento em que se colocava uma outra grande demanda comum às três cidades – a do “plano geral” – que o paralelo tão nítido do começo do século ressurgiu. Pois nos anos 1920 Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo se empenharam, quase que simultaneamente, na elaboração de seus “planos gerais” que deveriam superar as coletâneas de propostas parciais bem ou mal costuradas que até então haviam caracterizado os “planos de melhoramentos”. Nesse

¹⁴⁵ CHANOURDIE, Enrique. “Avenidas diagonales o paralelas?” *Arquitectura* n° 29 (vol. XI), Buenos Aires, agosto de 1905, pp. 98-99; CHANOURDIE, Enrique. “La transformación edilicia de Buenos Aires.” *Arquitectura* n° 39 (vol. XII), Buenos Aires, julio-agosto de 1906, pp. 57-87; n° 40 (vol. XII), Buenos Aires, septiembre-octubre de 1906, pp.95-103; n° 43 (vol. XIII), Buenos Aires, febrero-marzo de 1907, pp. 186-188; e n° 44 (vol. XIII), Buenos Aires, abril-mayo de 1907, pp. 27-30; CHANOURDIE, Enrique. “Las avenidas.” *Revista de Arquitectura* n° 77 (vol. XVIII), Buenos Aires, junio de 1912, pp. 137-142.

¹⁴⁶ CHRISTOPHERSEN, Alejandro. “Conmemoración del Gran Centenario.” *Arquitectura* n° 39 (vol. XII), Buenos Aires, julio-agosto de 1906, pp. 87-90.

¹⁴⁷ NOVICK, Alicia. “La ciudad y los grandes proyectos.” In KULLOCK, D. & NOVICK, A. (orgs.). **Debates sobre ciudad y territorio**. Buenos Aires: Nobuko, 2010, pp.41-67.

¹⁴⁸ CANTON, Eliseo & Luro, Pedro O. “(Opiniones de los Diputados Dres.). Cincuenta millones en nuevas obras públicas.” *Arquitectura* n° 29 (vol. XI), Buenos Aires, agosto de 1905, pp. 80-82.

¹⁴⁹ O papel dos paisagistas franceses na transformação de Buenos Aires foi estudado por Sonia Berjman. Vide BERJMAN, Sonia. **Plazas y parques de Buenos Aires: La obra de los paisagistas franceses**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1998; BERJMAN, Sonia. **El parque 3 de febrero**. Buenos Aires: Edhasa, 2010; e BERJMAN, Sonia. **Carlos Thays**. Buenos Aires: Embajada de Francia, 2009.

¹⁵⁰ NOVICK, Alicia. “Foreign hires: French experts and the urbanism of Buenos Aires.” In: NARS, J. & VOLAIT, M. (orgs.). **Urbanism: imported or exported? Native aspirations and foreign plans**. S.l.p.: s.c.p, 2003.

sentido, é interessante recordar como cada capital articulou o papel dos consultores externos e do emergente meio técnico local na autoria desses importantes documentos.

A intenção de difundir o urbanismo moderno foi marcante no período entre guerras, demandando novos patamares de funcionalidade e monumentalidade, para promover as capitais agroexportadoras a metrópoles eficientes. Essa mudança se basearia nos “planos gerais” ou “planos de conjunto”, para ampliar o escopo das intervenções urbanas. Na década de 1920, foi intensificado o debate urbanístico nas principais cidades da América Latina, tendo como principal reivindicação a necessidade de um “plano geral” abrangente para orientar a transformação urbana.¹⁵¹

No caso portenho, a Comissão de Estética Edilícia criada pelo prefeito Carlos Noel (na qual se destacavam René Karman, representando a municipalidade, Carlos Morra, pela *Sociedad Central de Arquitectos*, e Martín Noel, presidente da Comissão Nacional de Belas Artes) representando um ambiente em que ganhava força a arquitetura argentina, inclusive pelo viés da linguagem neocolonial; foi obrigada a conciliar seus esforços com a indefectível contratação de um consultor francês de prestígio: o paisagista Jean-Claude-Nicolas Forestier, celebrizado por trabalhos na França e Espanha, como o parque da Exposição Internacional de Sevilha. Para Buenos Aires desenhou parques e praças que a comissão, obsequiosamente, encaixou em sua concepção geral, ainda marcada pela preocupação monumental e pelo recurso às diagonais como contraponto obrigatório da onipresente quadrícula.¹⁵²

Contudo, a Buenos Aires de Bouvard, de Forestier, da Diagonal Norte, do Plan Noel, da Avenida Nove de Julio, de Carlos Maria Della Paolera, da Avenida del Libertador, da Costanera Norte, continuou sendo uma referência importante pelo menos até os anos 1950, tanto em São Paulo – argumentando, por exemplo, a favor das intervenções de grande porte previstas pelo Plano de Avenidas de Francisco Prestes Maia (1930) – como no Rio de Janeiro, onde Getúlio Vargas, após assistir à inauguração do obelisco da Avenida Nove de Julio em 1936, promoveu uma *super-perçee* em moldes similares, eliminando quadras inteiras, para criar a Avenida Presidente Vargas nos anos 1940. Mais modestamente, São Paulo aplicou esse modelo na abertura da Avenida Rio Branco, cortando o já decadente antigo bairro aristocrático dos Campos Elíseos.

Nesse ínterim, à margem do debate urbanístico tradicional, a presença de Le Corbusier se fez sentir desde 1929 nas três cidades, e ainda em Montevideú. Mas foi no Rio, cuja natureza tanto o

¹⁵¹ Campos, Candido Malta. Op. cit., p.376-377.

¹⁵² BERJMAN, Sonia. “En la ciudad de Buenos Aires.” In LECLERC, Bénédicte (org.). **Jean-Claude-Nicolas Forestier: Du jardin au paysage urbain**. Paris: Picard, 1994, pp. 207-219.

encantou, e em Buenos Aires, que lhe deu a lisonjeira encomenda de um plano urbanístico completo, que sua obra encontrou repercussões mais incisivas: a participação no projeto inicial para o Ministério da Educação e Saúde, subvertendo o esquema que Agache havia imposto para o novo bairro de negócios, implantado onde antes se erguia o Morro do Castelo, com a aplicação inaugural dos princípios corbusianos num edifício institucional daquele porte, importância e visibilidade; o projeto frustrado para a Cidade Universitária; e a visionária proposta dos edifícios-fita em contraponto à paisagem exuberante e vertiginosa dos morros e da orla – concretizada parcialmente nas realizações de Affonso Eduardo Reidy nos conjuntos habitacionais de Pedregulho e da Gávea, e, talvez involuntariamente, na aplicação, pela legislação urbanística vigente dos anos 1930 a 1960, de gabaritos uniformes às orlas do Flamengo, Copacabana, Ipanema e Lagoa.

Para Buenos Aires Le Corbusier se permitiu ser ainda mais ambicioso. Uma total reformulação da frente ribeirinha da cidade, criando o emblemático centro de negócios com as cinco imensas torres em ilha artificial refletindo-se no Prata – para além de um Puerto Madero desativado, demolido e transformado em área de lazer e esportes. Um elevador liberando o piso da Avenida Nove de Julio para imenso parque linear margeado por comércio. O mesmo princípio aplicado à Praça do Congresso, ainda com torres, lâminas terraplenos...¹⁵³ E o corbusianismo assumido pela municipalidade em projetos gigantescos como o de Bajo Belgrano; na equivocada idéia de Antonio Bonet de criar um novo centro do tipo *ville radiense* no lugar do bairro histórico de San Telmo; em suma, na presença incontornável do mestre na arquitetura argentina do período, assim como na chamada “escola carioca”, vertente mais conhecida da Arquitetura Moderna Brasileira... Mas são Corbusiers diferentes os que vicejaram em cada situação: o racionalismo totalizante com que se identificavam os argentinos se distancia do Le Corbusier mais telúrico, caminhando para o brutalismo, que pautava os arquitetos brasileiros.

19. O SEGUNDO PÓS-GUERRA

Enquanto isso, em São Paulo os técnicos do Departamento de Urbanismo municipal correspondiam-se, de um lado, com Carlos Maria Della Paolera, implantando o dia e a bandeira do urbanismo – depois transmutada no símbolo da FAU / USP – e interessavam-se por realizações como a Avenida General Paz, pretendendo aplicar alguns elementos de *parkway* às

¹⁵³ LIERNUR, Jorge Francisco & PSICHEPIURCA, Pablo. **La red austral: Obras y proyectos de Le Corbusier y sus discípulos en la Argentina (1924-1965)**. Buenos Aires: Prometeo, 2008.

avenidas marginais dos rios Tietê e Pinheiros e às avenidas 23 de Maio e Rubem Berta, de ligação com o aeroporto.

Contudo, a “cidade que mais cresce no mundo”, típico lema paulistano da época, tornando-se o maior pólo industrial da América do Sul, e ultrapassando o Rio em população no início dos anos 1950, já buscava referências que iam muito além de suas vizinhas no continente. Pois quando o grande construtor da Nova York moderna, Robert Moses, empreendeu seu primeiro tour pela América do Sul, em 1949, embora o roteiro tenha incluído, como não poderia deixar de ser, Rio e Buenos Aires, foi em São Paulo que engatou uma consultoria junto à Prefeitura, para a qual, no ano seguinte, voltou com toda uma equipe de especialistas em tráfego, metrô, saneamento, parques...

E levou a Nova York quatro engenheiros municipais paulistanos, para aprender *in loco* a *Moses way*, a combinação de tecnocracia e autonomia operativa e financeira que possibilitou ao czar do urbanismo nova-iorquino acumular um infundável rol de realizações tanto em termos de sistema viário, vias expressas, túneis, pontes, *parkways*, e assim por diante, como no que se refere a equipamentos de lazer, parques, praias, *playgrounds*; inúmeros conjuntos habitacionais; as feiras internacionais de 1939-1940 e de 1964; empreendimentos de prestígio como o Lincoln Center, e outros.

A São Paulo do segundo pós-guerra também se libertava da referência antes obrigatória à vida cultural carioca ou portenha. Trazendo para a cidade, onde sobrava dinheiro mas faltava *savoir-faire*, os melhores profissionais que fugiam de uma Europa empobrecida e devastada, colecionou arquitetos, artistas, designers, curadores, diretores de cinema e teatro, jornalistas e editores, além do seleto time de professores que já haviam vindo por conta da criação da USP nos anos 1930.

Entretanto, não havia, em meio a toda essa efervescência cultural, artística e intelectual, a presença de um modelo urbanístico moderno que superasse as concepções de Prestes Maia, revistas por Moses, mas ainda remetendo ao esquema radial-perimetral, rodoviarista e expansionista de seu Plano de Avenidas de 1930. Ao longo dos anos 1950 propostas para um plano diretor em moldes atualizados, para uma legislação de zoneamento abrangente e eficaz, e para um sistema de transporte de massa sobre trilhos – componentes indispensáveis da metrópole moderna - ficaram sempre no papel.

Apenas nos anos 1960 e 1970, sob o regime autoritário, o modelo do planejamento multisetorial integrado, abarcando plano diretor, zoneamento, habitação e transporte, entre outros serviços e equipamentos urbanos, seria assumido pelo poder público nas esferas federal (com a criação do Banco Nacional da Habitação, e o financiamento federal dos planos diretores municipais via

SERFHAU); estadual (com o planejamento metropolitano, a proteção aos mananciais e o controle de poluentes no caso paulista); e municipal (com maior autonomia financeira, e apoiada na criação de órgãos especializados: COGEP, depois Sempla, Emurb, Sehab, COHAB, etc.). Criou-se uma complexa estrutura técnico-institucional em torno do planejamento urbano e regional, associada ao planejamento econômico, ambiental, habitacional e de transportes. Os planos em si ganharam uma complexidade e uma dimensão que ultrapassava a capacidade dos engenheiros municipais, e passaram a ser encomendados a empresas de consultoria, tanto nacionais como estrangeiras, muitas vezes combinadas em consórcios. Era preciso aliar o conhecimento técnico mais atualizado, os grandes modelos quantitativos do planejamento integrado, dominados principalmente pelos norte-americanos, com a contribuição insubstituível da experiência local, e dos minuciosos levantamentos conformando diagnósticos, que deveriam ser exaustivos e cobrir todas as áreas e setores.

20. PUERTO MADERO: PROJETO URBANO EMBLEMÁTICO

Não é por acaso que o mais ambicioso investimento urbano do século XIX na América do Sul, o imponente complexo portuário financiado por capitais ingleses em Buenos Aires nos anos 1880, após longa disputa com propostas concorrentes, e que ganhou o nome de seu principal defensor local, Eduardo Madero; tornou-se, um século depois, a base para o projeto urbano mais emblemático do continente. Puerto Madero,¹⁵⁴ com suas qualidades de desenho urbano, seu caráter assumidamente elitista e seu *cachet* internacional, é uma realização nitidamente... portenha; contudo, por seu pioneirismo, dimensão e inserção territorial privilegiada, e seu recurso aos aportes do urbanismo e da arquitetura contemporâneos,¹⁵⁵ passou a ser referência obrigatória para projetos subseqüentes do gênero em países vizinhos. No Brasil, a inspiração mais assumida esteja na Estação das Docas, Belém do Pará, mas há ecos em outros projetos e intervenções em áreas portuárias ou congêneres: Porto Alegre, Recife, Salvador...

No Rio de Janeiro, particularmente, há duas décadas a região do porto tem sido objeto de planos e propostas que partilham com Puerto Madero a ambição, a visibilidade e o recurso a consultores catalães e arquitetos do *star system* internacional. Na sua última encarnação, enquanto operação urbana Porto Maravilha, incluindo o recente concurso para a área do Porto Olímpico – incluindo hotéis e torres residenciais - incorpora também instrumentos já consagrados em São Paulo, como

¹⁵⁴ NOVICK, Alicia. “La ciudad y los grandes proyectos.” In: KULLOCK, David & NOVICK, Alicia (orgs.). **Debates sobre ciudad y territorio**. Buenos Aires: Nobuko, 2010, pp. 41-67.

¹⁵⁵ NOVICK, Alicia. “Vistas desde el rio: La experiencia de Puerto Madero.” *Archivos de Arquitectura Antillana* n° 36.

as operações urbanas consorciadas (alavancadas a partir da Operação Urbana Faria Lima nos anos 1990 e da Operação Urbana Água Espreada na década seguinte) e a venda de potencial construtivo por meio de papéis negociáveis no mercado financeiro, os CEPACs.

A relativa facilidade com que tais mecanismos financeiros foram adotados em São Paulo contrasta com a dificuldade paulistana no que se refere à concretização de intervenções urbanísticas mais incisivas, que superem os esquemas recorrentes do setor imobiliário local, preso a soluções mercadológicas que relegam qualidades arquitetônicas e urbanísticas, refugam inovações tipológicas e minimizam a regulação edilícia em prol da lucratividade imediata.

Nos anos 1990, a passagem dos consultores catalães que disseminavam o novo paradigma do planejamento estratégico e dos projetos urbanos por toda a América Latina foi inaugurada com sua participação na primeira concepção de um projeto de reconversão para Puerto Madero. Em seguida, chamados pelo então Secretário de Urbanismo da Prefeitura carioca, Luiz Paulo Conde, assessoraram a montagem do Plano Estratégico do Rio de Janeiro, e propostas para as regiões central e portuária.¹⁵⁶

Naquele momento a administração municipal, em São Paulo, estava nas mãos de políticos interesseiros; mas um prefeito da Região Metropolitana, eleito pelo Partido dos Trabalhadores, Celso Daniel, vislumbrou a oportunidade de realizar um projeto urbano de largo alcance no município de Santo André - cortado por larga faixa de terrenos vagos e antigas indústrias, ao longo da ferrovia que margeia o Rio Tamanduateí. Com participação de consultores catalães e arquitetos e urbanistas europeus e locais, o Projeto Eixo Tamanduatehy pretendia aproveitar os vastos espaços disponíveis com novos usos que potencializariam esse antigo município industrial da Grande São Paulo enquanto pólo alternativo de atração na escala metropolitana. Todavia, o poder de negociação da municipalidade nas operações e parcerias que permitiriam tal transformação era muito pequeno. Não era proprietária dos terrenos – divididos entre empresas privadas e estatais – e não assumiu uma política reguladora mais restritiva em âmbito municipal, que lhe daria maior força de barganha para negociar as contrapartidas dos investidores privados, em troca da liberalização das restrições construtivas e de uso impostas pelo zoneamento. A agência criada para gerir o projeto nunca ganhou autonomia e foi posteriormente reabsorvida pela estrutura administrativa convencional. O resultado foi o enorme contraste entre as

¹⁵⁶ As críticas dos especialistas acadêmicos ao planejamento estratégico no Rio são particularmente agudas, tanto em ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos B. & MARICATO, Erminia **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2000; e em COMPANS, Rose. “Um projeto para o Rio: Que Barcelona seja aqui!” In: **Empreendedorismo urbano**. São Paulo: Editora da UNESP / ANPUR, 2005.

ambiciosas intenções do projeto e as parcas melhorias obtidas, em termos de espaços públicos e de soluções diferenciadas, embora vários empreendimentos tenham sido atraídos pela oportunidade.¹⁵⁷

Assim, o exemplo de Puerto Madero permanece como parâmetro em face de situações que demonstram seu caráter isolado e, em muitos sentidos, irrepetível. Ali a conjunção de vontade política, autonomia administrativa, participação do meio técnico local e internacional e, principalmente, poder de negociação em face dos interesses privados, foi uma circunstância única que já se desfez no próprio desenrolar da intervenção. A crise econômica que exigiu e justificou tal intervencionismo já foi debelada; e, ao retomar o trilho da prosperidade, Buenos Aires possivelmente poderá prescindir de outras realizações de alto impacto, amparada nas qualidades urbanísticas acumuladas ao longo do século passado, que lhe garantem uma dianteira inegável em face de suas concorrentes em geral e, particularmente, das cidades brasileiras.

21. DISPUTAS PELA CAPITALIDADE: RIO, BUENOS AIRES, SÃO PAULO

Neste momento o centro das atenções passa a ser o Rio de Janeiro, que, com a perspectiva de sediar a final da Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, tornou-se meca para arquitetos e urbanistas que acorrem de toda parte em busca de um naco dos inúmeros projetos, concursos, construções e restaurações, bancados pelo enorme cheque em branco que os governos federal, estadual e municipal e as empresas estatais estão oferecendo à antiga capital brasileira, tão prejudicada após a criação de Brasília em 1960 e a fusão do Estado da Guanabara em 1975. Após os esforços frustrados para manter o Rio como capital financeira, nos anos 1970, de criação de um pólo cinematográfico, na década seguinte, e de um pólo tecnológico, nos anos 1990; os grandes eventos esportivos acenam com um retorno da cidade ao primeiro plano na disputa pela capitalidade, revertendo uma série de perdas de primazia – demográfica, industrial, econômica, financeira, cultural – para a eterna emergente São Paulo.

Nesse processo de ascensão, regional, nacional e hoje continental, São Paulo buscou em vários momentos um precedente na também meteórica e voluntarista trajetória ascendente de Buenos Aires até meados do século XX. Pois assim como a capital paulista, a Grande Aldeia partiu de uma condição periférica no quadro colonial para ganhar enorme projeção com base na centralização de uma região agroexportadora. Se até 1880 a primazia continental residia

¹⁵⁷ JENNY, Ivana Karen Jollebeck. “Intervenções urbanas no Eixo Tamanduatehy.” Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004; MORO JUNIOR, Enio. “O alcance dos planos municipais de revitalização urbana: O caso do Projeto Eixo Tamanduatehy.” Tese de Doutorado, FAU / USP, São Paulo, 2005.

incontestavelmente no Rio de Janeiro, em poucos anos a economia de prato principal argentina deixou para trás a “economia de sobremesa” do Brasil açucareiro e cafeeiro.¹⁵⁸ E em que medida a ambição paulista, que transformou uma sonolenta capital provinciana (apenas a sexta cidade do Brasil em população em 1870) na “cidade que não pode parar”, se espelhou na à época tão celebrada prosperidade argentina? E a importação de modelos europeus, antes sempre intermediada pelo Rio de Janeiro, teria passado a contar com outra porta de entrada, a que melhor soube incorporar os ares parisienses a que todos aspiravam?

Entretanto, o rápido espraiamento da grelha de ruas em quadrícula definido como padrão para a expansão de Buenos Aires a partir de 1904¹⁵⁹ deixava pouco espaço em termos de áreas subutilizadas nas regiões centrais e no valorizado Barrio Norte. Ao contrário de São Paulo, onde a profusão de amplas várzeas ao longo dos rios Tamanduateí, Tietê e Pinheiros, canalizados gradativamente ao longo do século, se interpunha em trechos cada vez mais centrais da cidade, e impunha a busca por soluções para seu aproveitamento. Após a Várzea do Carmo ser resolvida de acordo com as diretrizes de Bouvard, embora não com seu projeto; a retificação do Tietê, a partir dos anos 1920, e do Pinheiros, a partir dos anos 1940, tornaram-se as grandes oportunidades para criação de novas áreas urbanizadas, industriais, comerciais, institucionais, de lazer e, no caso do Rio Pinheiros, residenciais. Para tanto armou-se gigantesco e encoberto esquema de privatização dos terrenos públicos das várzeas.¹⁶⁰

A imensa área inundável do Tietê, que contava com projetos interessantes, de Saturnino de Brito, Ulhôa Cintra e Prestes Maia, incluindo parques náuticos, bacias de contenção das cheias, vias férreas e *parkways*, foi loteada sem critério; o rio, encerrado entre vias marginais; os terrenos, grilados, cedidos a clubes, entidades de classe ou outros usos usurpadores.

De modo que, quando parte da várzea foi incluída no perímetro da Operação Urbana Água Branca, em 1995, não havia mais áreas de propriedade do poder público que pudessem sediar e financiar uma transformação efetiva da região em termos de arruamento, padrões de ocupação e

¹⁵⁸ Vide CONDE, Roberto Cortés. “O crescimento da economia argentina, c. 1870-1914.” e GALLO, Ezequiel. “A Argentina: Sociedade e política, 1880-1916.” In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: De 1870 a 1930**. São Paulo: Edusp, 2008, pp. 475-507 e 509-541.

¹⁵⁹ Vide GORELIK, Adrián. **La grilla y el parque: Espacio público y cultura urbana en Buenos Aires, 1887-1936**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2004.

¹⁶⁰ SEABRA, Odette C. de Lima. “Os meandros dos rios nos meandros do poder: O processo de valorização dos rios e das várzeas do Tietê e do Pinheiros na cidade de São Paulo.” Tese de Doutorado, Departamento de Geografia, FFLCH / USP, São Paulo, 1987.

modelos urbanos.¹⁶¹ Sobre algumas glebas de propriedade semi-estatal, ou cedidas a clubes, lançou-se um concurso de projetos para um novo arruamento e urbanização, o chamado Bairro Novo (2002). O projeto vencedor, inspirado em moldes europeus – particularmente no *ensanche* de Cerdà para Barcelona – propunha quadras compactas, abertas no centro, com edifícios uniformes de sete pavimentos, residenciais com comércio no térreo. Essa amostra de cidade européia encravada em São Paulo não convenceu os empreendedores imobiliários, que seguem fazendo se paliteiro de torres residenciais, às vezes reunidas em condomínios-clubes.

A várzea do Rio Pinheiros, por sua vez, foi cedida pelo governo estadual à empresa concessionária de energia elétrica, São Paulo Tramway, Light & Power Co., em troca da canalização do rio, que teve seu curso invertido para alimentar represas que supriam as turbinas da Usina Henry Borden, na Serra do Mar. Grande parte do vale já estava loteada pela Companhia City e empreendimentos congêneres; contudo, restaram núcleos de ocupação mais precária ou popular, favelas e outras “intrusões” neste quadrante, considerado o mais nobre de São Paulo.

A partir dos anos 1980-1990 teve início uma série de intervenções públicas e privadas procurando equipar a região com o melhor padrão de acessibilidade automóvel (ampliação e prolongamento das vias marginais, novas pontes, viadutos e túneis sob o Rio Pinheiros), eliminar as ocupações “indesejáveis”, e requalificar o vale do Pinheiros como nova centralidade da “cidade global”, reunindo edifícios terciários e residenciais de alto padrão, shoppings luxuosos, hotéis cinco estrelas, teatros e outros usos de prestígio. Tais intervenções se deram não apenas no bojo da Operação Urbana Faria Lima, a partir de 1995 – cujo rendimento em termos de venda de potencial construtivo, bastante expressivo, não ressarcia os enormes custos do prolongamento da avenida, e acabaram financiando túneis pouco eficientes sob a mesma; e da Operação Urbana Água Espraiada, a partir de 2000 – que exigiu a erradicação de grandes favelas, com expulsão dos moradores, e financiou a desajeitada Ponte Estaiada, novo símbolo da São Paulo global, desigual e segregada; mas envolveram consideráveis investimentos e participações do setor privado: empreiteiras, construtoras, incorporadoras e investidores do setor imobiliário, que chegaram a constituir um movimento de bairro, a Associação Colméia, para articular melhorias urbanísticas indispensáveis nos bairros da Vila Olímpia e Vila Funchal, cuja precariedade, com ruas estreitas e descontínuas destoava dos caros edifícios “inteligentes” erguidos no local e abrigando as mais poderosas empresas nacionais e multinacionais.

¹⁶¹ CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de. “Operações urbanas em São Paulo: Interesse público ou construção especulativa do lugar.” Tese de Doutorado, FAU / USP, São Paulo, 2007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa maneira, não é apenas em tempos recentes que os ideários urbanísticos – hoje pautados pelos temas lançados pelas questões da reestruturação produtiva, das intervenções estratégicas, do desenvolvimento local e da necessidade de reaproveitar antigas áreas portuárias, ferroviárias e/ou industriais esvaziadas, por meio de projetos de reconversão ou requalificação urbana - circulam entre esses três pólos regionais. Há mais de cem anos São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires recorrem a modelos mais ou menos similares na corrida pela primazia regional, nacional e continental; embora com resultados muito diversos, as pautas comuns estabelecem instâncias de intercâmbio, referências partilhadas e olhares cruzados no campo do urbanismo.

Ricocheteando entre os centros urbanos sul-americanos, o ideário urbanístico foi trazendo uma gama de proposições que podiam ser aproveitadas, tanto na montagem de um arsenal ideológico convincente para impor, em cada caso, o programa mais conveniente às camadas dominantes; como na articulação propriamente técnica de intervenções, obras e legislação reguladora capaz de concretizar, até certo ponto – que não ameaçasse, bem entendido, as estruturas sociais vigentes – a transformação do espaço urbano de acordo com as necessidades impostas pelos modos de produção, regimes de trocas e relações sociais correspondentes. E a disputa pela primazia regional, nacional ou continental, ou seja, pela “capitalidade” favoreceu, paradoxalmente, os intercâmbios nesse campo, na medida em que cada capital procurou se apoiar em certos padrões de intervenção urbanística para se destacar em face de suas rivais, mesmo que fosse por meio da reinterpretação de exemplos, princípios e diretrizes de atuação similares.

Circulação acentuada em dois momentos identificados no desenrolar da pesquisa: o início do século XX, apogeu do modelo agroexportador, que exigia a reinserção destacada de cada capital das regiões primário-exportadoras enquanto pólo local controlando os fluxos de exportação e importação e articulando sua hinterlândia com os centros dominantes do sistema internacional de trocas; disputa na qual as cidades sul-americanas competiam entre si pela primazia nessa rede de contatos e de poder; e as décadas recentes, particularmente após 1990, quando as demandas ligadas ao processo de globalização, reestruturação econômica, financeirização e terciarização das economias urbanas, passaram a exigir novamente uma postura competitiva e políticas mais incisivas em termos da afirmação da atratividade e visibilidade de cada “cidade global” nos panoramas nacional, continental e global, para a qual concorrem, entre outros elementos, intervenções urbanísticas e arquitetônicas pontuais inseridas em planos estratégicos priorizando a requalificação urbana.

Quando chegamos aos dilemas da metrópole contemporânea, em que o legado da modernidade inacabada convive com persistências pré-industriais e com demandas derivadas da chamada condição pós-moderna, imposta em nível global, as referências regionais, paradoxalmente, se fortalecem. Tal como há cem anos, centros como Buenos Aires e Rio de Janeiro tornam-se portas de entrada onde são testadas e legitimadas soluções posteriormente adaptadas a outras cidades. Ao mesmo tempo, São Paulo emerge como grande pólo de atração, concentrador de investimentos e de impulso econômico, embora carente de intervenções urbanísticas incisivas.

Nesse intrincado jogo de disputas e aproximações, propostas e realizações tão diversas como Puerto Madero, em Buenos Aires; o projeto Eixo Tamanduatehy, as operações urbanas Faria Lima, Água Branca e Água Espreiada, o programa Ação Centro, o concurso do Bairro Novo e a concessão urbanística da Nova Luz, em São Paulo; e os diferentes projetos lançados para a recuperação da área portuária e da frente marítima no Rio de Janeiro, desde o Plano Estratégico de 1992 até o recente Porto Olímpico; envolvem temas comuns - derivados de modelos impostos desde fora do campo urbanístico; por demandas relacionadas à reinserção dessas cidades na rede global e à atração de investimentos imobiliários e outros – os quais, porém, são incorporados de maneira singular em cada caso, sendo apropriados e retrabalhados pelos interesses, circunstâncias e demandas locais. Gerando resultados díspares, tanto no âmbito de cada projeto, como nos resultados apreendidos em escala urbana, regional ou internacional.

No mapeamento das relações entre os casos paulistano, carioca e portenho, há terreno fértil para a localização de intercâmbios, interfaces, cruzamentos e trocas; no qual a presença da questão urbana e do ideário urbanístico deve ganhar destaque proporcional à importância do processo de urbanização ocorrido nessas cidades, e dos planos, projetos e intervenções que o acompanharam.

BIBLIOGRAFIA

ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi. “A recuperação de Bilbao como processo dinâmico e polifônico.” Tese de doutoramento, São Paulo, FAU/USP, 2004.

ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi. “São Paulo e Cidade do México: Espaço e transformações econômico-sociais, um enfoque comparativo.” *Arquitextos* n° 74, http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq074/arq074_02.asp, 2006.

ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IplanRio / Zahar, 1997.

ACSELRAD, Henri (org.). **A duração das cidades: Sustentabilidade e risco nas políticas urbanas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

AGACHE, Donat-Alfred. “Comment on fait un plan de ville.” In: **Où on est l’urbanisme: En France et à l’étranger**. Congrès International de Strasbourg, 1923.

AGACHE, Donat-Alfred. “La remodelation d’une capitale.” *Revista Polytechnica* n° 106 (vol. XVIII) novembro a dezembro de 1932.

AGACHE, Donat-Alfred. **Cidade do Rio de Janeiro: Extensão, remodelação, embelezamento**. Paris: Foyer Brésilien, 1930.

ALMANDOZ MARTE, Arturo. **Urbanismo europeo em Caracas (1870-1940)**. Caracas: Equinoccio / Ediciones de la Universidad Simon Bolívar / Fundarte / Alcaldía de Caracas, 1998.

ALMANDOZ, Arturo. “Modernización urbanística en América Latina. Luminarias extranjeras y cambios disciplinares, 1900-1960.” *Iberoamericana* n° 27 (vol. VII), 2007, pp. 59-78.

ALMANDOZ, Arturo. “Mudanças político-institucionais para o planejamento latino-americano do segundo pós-guerra.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). **Urbanismo na América do Sul: Circulação de idéias e constituição do campo, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 231-259.

ALMANDOZ, Arturo. “Revisão da historiografia urbana na América hispânica, 1960-2000.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras & PINHEIRO, Eloísa Petti (orgs.). **A cidade como história: Os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo**. Salvador: EDUFBA / PPGAU / FAUFBA, 2005, p 131.

ALMANDOZ, Arturo. “Urbanization and urbanism in Latin America: From Haussmann to CIAM”. In: ALMANDOZ, Arturo (org.). **Planning Latin America’s capital cities, 1850-1950**. London/New York: Routledge, pp. 13-44.

ALMEIDA, Marco Antonio Ramos de et al. **Os centros das metrópoles: reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI**. São Paulo: Terceiro Nome; Viva o Centro; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

ALTAMIRANO, Carlos & SARLO, Beatriz. **Ensayos argentinos: De Sarmiento a la vanguardia**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983.

AMARAL, Aracy (org.). **Arquitectura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos**. Fondo de Cultura Económica / Memorial da América Latina, São Paulo, 1994.

ANAIS DO IV SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO. Sessão Temática 3 - Cidades de colonização espanhola e portuguesa: Particularidades, semelhanças e diferenças. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

ANAIS DO IX S SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO. São Paulo: FAU / USP; EESC / USP; UPM; Puccamp, 2006.

ANAIS DO V SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO. Campinas: Puccamp, 1998.

ANAIS DO VI SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO. Natal: UFRN, 2000.

ANAIS DO VII SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO. Salvador: PPGAU / UFBA, 2002.

ANAIS DO VIII SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO. Niterói: UFF, 2004.

ANAIS DO X SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO. Recife: UFPE, 2008.

ANDRADE, Carlos Roberto Martins de. “Barry Parker: Um arquiteto inglês na cidade de São Paulo,” Tese de Doutorado, FAU / USP, São Paulo, 1998.

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. “A peste e o plano: O urbanismo sanitarista de Saturnino de Brito.” Dissertação de Mestrado, FAU / USP, 1992.

ANDREATTA, Verena. **Atlas Andreatta - 1808-2008 - Mapas e planos urbanos da cidade do Rio de Janeiro - Cartografia e planografia na evolução urbana da Cidade.** Rio de Janeiro: Vivercidades, 2008.

ANDREATTA, Verena. **Cidades quadradas, paraísos circulares: Os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

ANSAY, Pierre & SCHOONBRODT, René. **Penser la ville: Choix de textes philosophiques.** Bruxelles: Archives d'Architecture Moderne, 1989.

ANTONUCCI, Denise. “Higienópolis: Formação e transformação.” In: Tese doutorado : “Morfologia urbana e legislação urbanística: Estudo de setores de bairros na cidade de São Paulo, no período de 1972/2002.” Tese de Doutorado, FAU / USP, 2006.

APPADURAI, Arjun. “Disjunção e diferença na economia cultural global.” In: FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura global: Nacionalismo, globalização e modernidade.** Petrópolis: Vozes, s.d.p.

ARANTES, Otilia. **Urbanismo em fim de linha.** São Paulo: Edusp, 2001.

ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos & MARICATO, Erminia. **A cidade do pensamento único: Desmanchando consensos.** Petrópolis: Vozes, 2000.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ATIQUE, Fernando. “Articulações profissionais: Os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos e o amadurecimento de uma profissão no Brasil, 1920-1940..” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). **Urbanismo na América do Sul: Circulação de idéias e constituição do campo, 1920-1960.** Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 41-91.

AZEVEDO, Aroldo de (org.). **A cidade de São Paulo: Estudos de geografia urbana.** (4 vols.) São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

AZEVEDO, Ricardo Marques de. **Metrópole: abstração.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

- BEIRED, José Luis Bendicho. “Autoritarismo e nacionalismo: O campo intelectual da nova direita no Brasil e na Argentina (1914-1945).” Tese de Doutorado, Departamento de História, FFLCH / USP, 1996.
- BENCHIMOL, Jayme Larry. **Pereira Passos: Um Haussmann tropical**. Rio de Janeiro: PCRJ, 1992.
- BENEVOLO, Leonardo. **As origens da urbanística moderna**. Presença, Lisboa, 1981.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. Perspectiva, São Paulo, 1980.
- BENFATTI, Dênio & SCHICCHI, Maria Cristina. **Urbanismo: Dossiê São Paulo – Rio de Janeiro**. Campinas / Rio de Janeiro: Puccamp / Proureb, 2004.
- BERDOULAY, Vincent. Modernismo e espaço público: o Plano Agache do Rio de Janeiro. *Revista Território*. Ano VII, n.11, 12 e 13, set./out., 2003. Rio de Janeiro: Labget-IGEO/ UFRJ. Disponível em: <http://www.laget.igeo.ufrj.br/territorio/pdf/N_11_12_13/modernismo.pdf>. Acesso em: 10 out. 2011.
- BERJMAN, Sonia (org.). **El tiempo de los parques**. Buenos Aires: IAA, 1992.
- BERJMAN, Sonia. **Carlos Thays**. Buenos Aires: Embajada de Francia, 2009.
- BERJMAN, Sonia. **El parque 3 de febrero**. Buenos Aires: Edhasa, 2010
- BERJMAN, Sonia. **Plazas y parques de Buenos Aires: La obra de los paisagistas franceses**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina**. (10 vols.) São Paulo: Edusp, 2004.
- BETTIN, Gianfranco. **Los sociólogos de la ciudad**. Gustavo Gili, Barcelona, 1990.
- BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- Borja, Jordi & CASTELLS, Manuel. **La gestión de las ciudades en la era de la información: Políticas urbanas en la globalización**. Madrid: Taurus Pensamiento, 2001.
- BORJA, Jordi. **La ciudad conquistada**. Madrid: Alianza Editorial, 2003.
- BOURDIEU, P. “Les conditions sociales de la circulation internationale des idées.” *Cahiers d’Histoire des Littératures Romanes* (14e année, 1-2, pp. 1-10).
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico**. (Conferência pronunciada no INRA em 11 de março de 1997.) São Paulo: Editora da Unesp, 2004.
- BOUVARD, Joseph-Antoine. “Relatório apresentado ao Sr. Prefeito Raymundo Duprat.” In: s.n.a.: “Os melhoramentos de São Paulo: O relatório do Sr. Bouvard.” *Revista de Engenharia* n° 2 (vol. I), julho de 1911, p. 42.
- BRUNNER, Karl H. **Manual de Urbanismo (2 vols.)**. Bogotá: Imprensa Municipal, 1939-1940.
- BRUNO, Ernani da Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**. (3 vols.) São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Unesp, 2000.

- BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/ Edusp, 2000.
- CAMPOS, Candido Malta. “Eixo da ambigüidade: A região da Avenida São João nas inversões do tempo.” In ARTIGAS, Rosa; CASTRO, Ana Claudia & MELLO, Joana (orgs.). **Caminhos do elevado**. Imprensa Oficial, São Paulo, 2008.
- CAMPOS, Candido Malta. **Os rumos da cidade: Urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: Senac, 2002.
- CAMPOS, Candido Malta; ABASCAL, Eunice Helena Sguizzardi; EIGENHEER, Daniela Maria; SOMEKH, Nadia & ZYLBERSZTAJN, Breno Eitel. “Projetos urbanos nas grandes metrópoles sul-americanas: Visões do reaproveitamento de áreas subutilizadas em Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo.” Anais do I Congresso Latinoamericano de Estudos Urbanos, Buenos Aires, 24 a 26 de agosto de 2011. Buenos Aires: Instituto del Conurbano – Universidad Nacional General Sarmiento / Instituto de Investigaciones Sociales – Universidad Nacional Autónoma de México / Universidad Nacional de Quilmas / Lincoln Institute of Land Policy, pp. 1-25.
- CAMPOS, Candido Malta; SACCHETTA, Vladimir & GAMA, Lúcia Helena (orgs.). **São Paulo: Metrópole em trânsito. Percursos urbanos e culturais**. São Paulo: Senac, 2004.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri & OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Geografias de São Paulo: A metrópole do século XXI**. São Paulo: Contexto, 2004.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARNOY, Martin. **Estado e teoria política**. Papirus, Campinas, 1986.
- CARRERAS, Carles & CARLOS, Ana Fani Alessandri. **São Paulo y Barcelona cara a cara: Procesos metropolitanos a la hora de la globalización**. Barcelona: Da Vinci, 2006.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: Economia, sociedade e cultura. Vol. I: A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: Economia, sociedade e cultura. Vol. 2: O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de. “Operações urbanas em São Paulo: Interesse público ou construção especulativa do lugar.” Tese de Doutorado, FAU / USP, São Paulo, 2007.
- CERDÁ, Ildefonso. **La théorie générale de l’urbanisation**. Seuil, Paris, 1979.
- CHANOURDIE, Enrique. “Transformación edilicia de Buenos Aires.” *Arquitectura* n° 39 (Vol. XII), julio-agosto de 1906, pp. 57-87.
- CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar**. São Paulo: Editora da Unesp, 2007.
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.
- CHECHINGER, Carlos Morales. “Invitando al debate sobre recuperación de plusvalías del suelo urbano” Tercer Seminario Recuperación de Plusvalías Del Suelo Urbano. México: UNAM / Programa Universitario de Estudios de la Ciudad / Lincoln Institute of Land Policy, 2003.
- CHOAY, Françoise. **L’urbanisme, utopies et réalités: Une anthologie**. Paris: Seuil, 1965.
- CHORNET, Alfonso Puncel (org.). **Las ciudades de América Latina: Problemas y oportunidades**. Valencia: Universidad de Valencia, 1994.

CICCOLELLA, Pablo & MIGNAQUI, Iliana. **Metrópolis latinoamericanas: fragilidad del Estado, proyecto hegemónico y demandas ciudadanas. Algunas reflexiones a partir del caso de Buenos Aires.** *Cuadernos del Cendes* n° 69 (vol. XXV), setembro-dezembro de 2008.

CICCOLELLA, Pablo. “Metrópolis latinoamericanas: ¿territorios subregulados, espacios del capital?” In: AGUILAR, Adrián G. (org.). **Las grandes aglomeraciones y su periferia regional. Experiencias en Latinoamérica y España.** México: CONACYT / HCD-IG / UNAM / Porrúa, 2006.

COARACY, Vivaldo. **Memórias da cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1965

COLLINS, George R. & COLLINS, Christine C. **Camillo Sitte y el nacimiento del urbanismo moderno.** Barcelona: Gustavo Gili, 1980.

COMPANS, Rose. **Empreendedorismo urbano.** São Paulo: Editora da UNESP / ANPUR, 2005.

CONDE, Roberto Cortés. “O crescimento da economia argentina, c. 1870-1914.” In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: De 1870 a 1930.** São Paulo: Edusp, 2008, pp. 475-507

COPE Consejo de Planeamiento Estratégico. **Plan estratégico Buenos Aires 2010.** Disponível em http://www.buenosaires.edu.ar/areas/plan2010/capitulo2_p83.php

CORPORACIÓN ANTIGUO PUERTO MADERO. Disponível em <http://www.puertomadero.com/historia6.cfm>, acessado em janeiro de 2011.

COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência.** São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

CUNHA FILHO, José Mariano Carneiro da. **À margem do problema arquitetônico nacional.** s.c.p., Rio de Janeiro, 1943.

CZAJKOWSKI, Jorge (org.). **Do cosmógrafo ao satélite: Mapas da cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000.

D’ELBOUX, Roseli M. “Joseph-Antoine Bouvard in São Paulo, 1911: Antecedent events and repercussions.” Proceedings of the 14th IPHS Conference, Istanbul, 2010, s.n.p.

DEL BRENNA, Giovanna Rosso del (org.). **O Rio de Janeiro de Pereira Passos.** Rio de Janeiro: Index, 1985.

DETHIER, Jean & GUILHEUX, Alain (orgs.). **La ville: Art et architecture en Europe 1870-1993.** Paris: Centre Georges Pompidou, 1994.

DIFRIERI, Horacio A. **Atlas de Buenos Aires.** Buenos Aires: Secretaría de Cultura, 1981.

Dossiê São Paulo – Rio de Janeiro. *Óculum*, Edição especial, Campinas: PROURB/UFRJ e PUC/Campinas.

ESPINOZA, José Carlos Huapaya. “A construção do Peru pelos peruanos: A experiência urbanística em Lima, 1919-1963.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). **Urbanismo na América do Sul: Circulação de idéias e constituição do campo, 1920-1960.** Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 203-230.

FABRIS, Annateresa Fabris (org.). **Ecletismo na arquitetura brasileira.** São Paulo: Nobel / EDUSP, 1987.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: Formação do patronato político brasileiro.** Rio de Janeiro: Globo, 2001. (1ª edição: Porto Alegre: Globo, 1958, 272 p.; edição ampliada: Porto Alegre: Globo, 1975, 750 p.)

- FAORO, Raymundo: “A questão nacional: A modernização.” *Estudos Avançados* n° 14 (vol. VI), 1992.
- FELDMAN, Sarah. “Planejamento e Zoneamento: São Paulo 1947-1962.” Tese de Doutorado, FAU / USP, 1996.
- FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: Ensaio de interpretação sociológica.** Rio de Janeiro: Globo, 2006. (1ª edição: Rio de Janeiro: Zahar, 1975.)
- FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil.** São Paulo: Difel, 1979.
- FERREIRA, João Sette Whitaker. **São Paulo: O mito da cidade global. O papel da ideologia na produção do espaço urbano.** São Paulo: Unesp / Vozes, 2007.
- FERREZ, Marc. **O album da Avenida Central.** (Introdução de Gilberto Ferrez e estudo de Paulo Santos) Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia / Ex-Libris, 1982.
- FICHER, Sylvia. **Os arquitetos da Poli: Ensino e profissão em São Paulo.** São Paulo: Edusp, 2005.
- FIGUEIREDO, Cláudio. **O porto e a cidade: O Rio de Janeiro entre 1565 e 1910.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- FIX, Mariana. **Parceiros da exclusão.** São Paulo: Boitempo, 2003.
- FIX, Mariana. **São Paulo cidade global: Fundamentos financeiros de uma miragem.** São Paulo: Boitempo / Fapesp, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **L'archéologie du savoir.** Paris: Gallimard, 2010.
- FRANÇA, Elisabete e BAYEUX, Gloria. “Favelas Upgrading: A cidade como integração dos bairros e espaço de habitação.” *Arquitextos* n° 27 (vol. III). <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.027/756>
- FREIRE, Victor da Silva. “A cidade salubre.” In: *Revista Polytechnica* n° 48 (vol. VIII) outubro a novembro de 1914.
- FREIRE, Victor da Silva. “A orientação do engenheiro nacional.” In: *Boletim do Instituto de Engenharia* n° 1 (vol. I) outubro de 1917.
- FREIRE, Victor da Silva. “A planta de Bello Horizonte (a propósito da ‘Cidade Salubre’).” *Revista Polytechnica* n° 52 (vol. IX), 1916, pp. 159-173.
- FREIRE, Victor da Silva. “A planta de Bello Horizonte (a propósito da ‘Cidade Salubre’).” *Revista Polytechnica* n° 52 (vol. IX), 1916, pp. 159-173.
- FREIRE, Victor da Silva. “Os melhoramentos de São Paulo.” (Conferência no Grêmio Polytechnico em 15 de fevereiro de 1911.) In: *Revista Polytechnica* n° 33 (vol. VI) fevereiro a março de 1911.
- FREIRE, Victor da Silva. “Um capítulo de urbanismo e economia nacional.” In: *Boletim do Instituto de Engenharia* n° 3 (vol. I) fevereiro de 1918.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala.** São Paulo: Global, 2003. (1ª edição: Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.)
- FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso.** São Paulo: Global, 2004. (1ª ed.: Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.)
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos.** São Paulo: Global, 2004.

- GALENDER, Fany Cutcher. “A idéia de Sistemas de Espaços Livres Públicos na ação de paisagistas pioneiros na América Latina.” *Paisagens em debate – Revista Eletrônica da Área de Paisagem e Ambiente*, FAU / USP, n° 3, novembro de 2005, pp. 5-6.
- GALLO, Ezequiel. “A Argentina: Sociedade e política, 1880-1916.” In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: De 1870 a 1930**. São Paulo: Edusp, 2008, pp. 509-541.
- GALLO, Ezequiel. “A Argentina: Sociedade e política, 1880-1916.” In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina: De 1870 a 1930**. São Paulo: Edusp, 2008, pp. 509-541.
- GAUDIN, Jean-Pierre. **L’avenir en plan: Technique et politique dans la prévision urbaine, 1900-1930**. Paris: Champ Vallon, 1985.
- GIRALDO, Manuel Lucena. **A los cuatro vientos: Las ciudades de la América Hispánica**. Madrid: Ambos Mundos, 2006.
- GITAHY, Maria Lúcia Caira (org.). **Desenhando a cidade do século XX**. São Paulo: Rima / Fapesp, 2005.
- GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras & ESPINOZA, José Carlos Huapaya. “Olhares cruzados: Visões do urbanismo moderno na América do Sul, 1930-1960.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). **Urbanismo na América do Sul: Circulação de idéias e constituição do campo, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 13-39.
- GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras & ESPINOZA, José Carlos Huapaya. “Diálogos modernistas com a paisagem: Sert e o Town Planning associates na América do Sul, 1943-1951.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). **Urbanismo na América do Sul: Circulação de idéias e constituição do campo, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 149-173.
- GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras & PINHEIRO, Eloísa Petti (orgs.). **A cidade como história: Os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo**. Salvador: EDUFBA / PPGAU / FAUFBA, 2005.
- GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). **Urbanismo na América do Sul: Circulação de idéias e constituição do campo, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2009
- GORELIK, Adrián & ZUVIRIA, Horacio Coppola Facundo de. **Buenos Aires**. Buenos Aires: Lariviere, 2006.
- GORELIK, Adrián. “Modelo para armar: Buenos Aires, da crise ao *boom*”. *Revista do IEB* n° 46, fevereiro de 2008, pp. 9-28..
- GORELIK, Adrián. **Buenos Aires en cuestión**. Buenos Aires: Centro para la Gestión Urbana, 1993.
- GORELIK, Adrián. **Das vanguardas a Brasília: Cultura urbana e arquitetura na América Latina**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- GORELIK, Adrián. **La grilla y el parque: Espacio público y cultura urbana en Buenos Aires, 1887-1936**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2004.
- GORELIK, Adrián. **Miradas sobre Buenos Aires**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.
- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1993.
- GRAMSCI, Antonio. “Alguns aspectos teóricos e práticos do economicismo.” In: **Obras escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- GRAMSCI, Antonio. “Americanismo e fordismo.” In: **Obras Escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

- GRAMSCI, Antonio. “Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais.” In: **Cadernos do cárcere. Vol. 2: Os intelectuais. O princípio educativo. O jornalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- GRAMSCI, Antonio. “Cultural themes: Ideological material.” In: FORGACS, David & NOWELL-SMITH, Geoffrey: **Antonio Gramsci: Selections from cultural writings.** London: Lawrence and Wishart, 1985.
- GROSTEIN, Marta Dora et al. “Os planos urbanísticos elaborados desde 1880 a 1980, inclusive diagnósticos setoriais globalizantes.” Relatório de pesquisa, Intraurbe, São Paulo, 1983.
- GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci.** Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- GUERRA, Max Welch (org.). **Buenos Aires a la deriva: Transformaciones urbanas recientes.** Buenos Aires: Biblos, 2005.
- GUTIÉRREZ, Ramón. **Arquitectura e urbanismo en Iberoamerica.** Madrid: Cátedra, 1997.
- GUTIÉRREZ, Ramón. “Modelos e imaginarios europeos en el urbanismo americano 1900-1950.” *Revista de Arquitectura* n° 8, 1995, pp. 2-3.
- GUTIÉRREZ, Ramón. “O princípio do urbanismo na Argentina - Parte 1 – O aporte francês.” *Arquitextos* n° 87 (vol. VIII), agosto de 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/216>>. Acesso em: 10 out. 2011.
- GUTIÉRREZ, Ramón. **Buenos Aires: Evolución histórica.** Buenos Aires: Escala, 1992.
- GUTMAN, Margarita & HARDOY, Jorge Enrique. **Buenos Aires 1536- 2006: Historia urbana del Area Metropolitana.** Buenos Aires: Infinito, 2006.
- GUTMAN, Margarita & REESE, Thomas (orgs.). **Buenos Aires 1910: El imaginario para una gran capital.** Buenos Aires: Eudeba, 1999.
- HALL, Peter. **Cities of tomorrow: An intellectual history of urban planning and design in the twentieth century.** Oxford: Blackwell, 1998.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: D, P & A, 2006.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- HARDOY, Jorge Enrique. **El proceso de urbanización en America Latina desde sus orígenes hasta nuestros días.** Buenos Aires: Instituto Torquato di Tella, 1969.
- HARDOY, Jorge Enrique. **La urbanización en America Latina.** Buenos Aires: Instituto Torquato di Tella, 1969.
- HARDOY, Jorge Enrique. **Políticas de urbanización y reforma urbana en America Latina.** Buenos Aires, Instituto Torquato di Tella, 1970.
- HARDOY, Jorge Enrique. **La reforma urbana en America Latina.** Buenos Aires: Instituto Torquato di Tella, 1972.
- HARDOY, Jorge Enrique. **Las ciudades en America Latina y sus areas de influencia atraves de la historia.** Buenos Aires: SIAP, 1975.
- HARDOY, Jorge Enrique & MORSE, Richard M. (orgs.). **Repensando la ciudad de América Latina.** Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1988.
- HARDOY, Jorge Enrique & MORSE, Richard. M. (orgs.). **Rethinking Latin American city.** Washington: Woodrow Wilson Center, 1992.

- HARDOY, Jorge Enrique & GUTMAN, Margarita. **Impactos de la urbanización en los centros históricos de Iberoamerica**. Colección Ciudades de Iberoamerica: Mapfre, 1992.
- HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier: Riscos brasileiros**. São Paulo: Nobel, 1987.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- HOFER, Andreas. **Karl Brunner y el urbanismo europeo en América Latina**. Bogotá: El Áncora Editores/Corporación La Candelaria, 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (1ª edição: Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.)
- HUERGO, Luis A. **Canal de navegacion de Córdoba al Rio Paraná: Informe de Luis A. Huergo**. . Buenos Aires: Publicación Oficial, 1890.
- INTENDENCIA MUNICIPAL / COMISIÓN DE ESTÉTICA EDILÍCIA. **Proyecto orgánico para la urbanización del municipio**. Buenos Aires: Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires, 1925.
- INTERNATIONAL BASIC ECONOMY CORPORATION. **Programa de melhoramentos públicos para a cidade de São Paulo**. New York: IBEC, 1950.
- JAMES, Preston E. “Rio de Janeiro and São Paulo.” *The Geographical Review* (vol. XXIII) abril de 1933.
- JENNY, Ivana Karen Jollembeck. “Intervenções urbanas no Eixo Tamanduatehy.” Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.
- KRUCHIN, Samuel. “A dimensão semântica do espaço urbano: São Paulo, século XX.” Dissertação de Mestrado, FAU / USP, 1991.
- LAGO, Luciana Correa do. “Estruturação urbana e mobilidade espacial: Uma análise das desigualdades sócio-espaciais na metrópole do Rio de Janeiro.” Tese de doutoramento, FAU / USP, São Paulo, 1998.
- LAMAS, José M. R. Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Gulbenkian, 2000.
- LAMPARELLI, Celso M. “O ideário do urbanismo em São Paulo em meados do século XX. Louis-Joseph Lebreton e a pesquisa urbano-regional no Brasil.” *Cadernos de Pesquisa do LAP* nº 5, São Paulo, 1995.
- LE CORBUSIER. **Urbanisme**. Flammarion, Paris, 1994.
- LEÃO, Mário Lopes. **O metropolitano em São Paulo**. São Paulo: PMSP, 1945.
- LECLERC, Bénédicte (org.). **Jean-Claude-Nicolas Forestier: Du jardin au paysage urbain**. Paris: Picard, 1994.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.
- LEFEBVRE, Henri. **O pensamento marxista e a cidade**. Lisboa: Ulisseia, 1972.
- LEME, Maria Cristina da Silva (org.). **Urbanismo no Brasil, 1895-1965**. São Paulo: Studio Nobel / Fapesp, 2005 (1ª edição em 1999).
- LEME, Maria Cristina da Silva. “Planejamento em São Paulo: 1930-1969.” Dissertação de Mestrado, FAU / USP, São Paulo, 1982.
- LEME, Maria Cristina da Silva. “ReVisão do Plano de Avenidas.” Tese de Doutorado, FAU / USP, São Paulo, 1991.

- LEME, Maria Cristina da Silva. “Revisão do Plano de Avenidas: Um estudo sobre planejamento urbano em São Paulo, 1930.” Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **A República ensina a morar (melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Alvenaria Burguesa**. São Paulo: Studio Nobel, 1987.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Casa Paulista**. São Paulo: Edusp, 2000.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo, Pini, 1993.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **São Paulo em três tempos**. São Paulo: s.c.p., 1980.
- LEVY, Evelyn. “Planejamento urbano, do populismo ao Estado autoritário: O caso de São Paulo.” Dissertação de Mestrado, EAESP / FGV, 1984.
- LIERNUR, Francisco & ALIATA, Fernando (orgs.). **Diccionario de arquitectura en la Argentina**. Buenos Aires: AGEA, 2004.
- LIERNUR, Francisco Jorge. “Buenos Aires y su río: del puerto de barro al barrio global”. *Arquitextos* n° 54 (vol. V), novembro de 2004.
- LIERNUR, Jorge Francisco & PSICHEPIURCA, Pablo. **La red austral: Obras y proyectos de Le Corbusier y sus discípulos en la Argentina (1924-1965)**. Buenos Aires: Prometeo, 2008.
- LOJKINE, Jean. **O Estado capitalista e a questão urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- LÓPEZ, Adriana & MOTA, Carlos Guilherme. **História do Brasil: Uma interpretação**. São Paulo: Senac, 2008.
- LOURENÇO, Maria Cecília França. **Operários da modernidade**. São Paulo: Hucitec / Edusp, 1995.
- MACHADO, Denise Barcellos Pinheiro; PEREIRA, Margareth da Silva & SILVA, Rachel Coutinho Marques da (orgs.). **Urbanismo em questão**. Rio de Janeiro: Editora do Prourb, 2003.
- MADERO, Eduardo. **Historia del puerto de Buenos Aires: Descubrimiento del Río de la Plata y de sus principales afluentes, y fundación de las más antiguas ciudades, en sus márgenes**. Buenos Aires: Ediciones Buenos Aires, 1939.
- MADERO, Guillermo. **História del puerto de Buenos Aires**. Buenos Aires, s/d.
- MADERO, Guillermo. **História del puerto de Buenos Aires**. Buenos Aires, s.c.p., 1955.
- MAGALHÃES, Sérgio. **A cidade na incerteza: Ruptura e contigüidade em urbanismo**. Rio de Janeiro: Prourb / Viana e Mosley, 2006.
- MAIA, Francisco Prestes & CINTRA, João Florence de Ulhôa. “Um problema actual: Os grandes melhoramentos de São Paulo.” *Boletim do Instituto de Engenharia* n° 26/27 (vol. VI) outubro de 1924 a março de 1925; n° 28 (vol. VI) março a junho de 1925; n° 29 (vol. VI) julho a outubro de 1925; e n° 31 (vol. VI) março a junho de 1926.
- MAIA, Francisco Prestes. **Apontamentos para o projeto de um metropolitano em São Paulo**. São Paulo:, s.c.p., 1956.
- MAIA, Francisco Prestes. **Introdução ao estudo de um plano de avenidas para a cidade de São Paulo**. São Paulo: Melhoramentos, 1930.
- MAIA, Francisco Prestes. **O zoneamento urbano**. São Paulo: Sociedade “Amigos da Cidade”, 1936.
- MAIA, Francisco Prestes. **Os melhoramentos de São Paulo**. São Paulo: PMSP, 1945.

- MARICATO, Erminia. **Metrópole na periferia do capitalismo: Ilegalidade, desigualdade e violência.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- MARQUES, Eduardo & TORRES, Haroldo (orgs). **São Paulo: Segregação, pobreza e desigualdades sociais.** São Paulo: Senac, 2005.
- MARX, Murillo. **Cidade no Brasil: Terra de quem?** São Paulo: Studio Nobel, 1988.
- MARX, Murillo. **Nosso chão: Do sagrado ao profano.** São Paulo: Edusp, 1990.
- MEDRANO, Ricardo Hernán. “São Paulo e Buenos Aires: Urbanismo e Arquitetura (1870-1915).” Tese de Doutorado, FAU / USP, São Paulo, 2003.
- MEDRANO, Ricardo Hernán. “Notas sobre a América do Sul na historiografia urbana brasileira.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). **Urbanismo na América do Sul: Circulação de idéias e constituição do campo, 1920-1960.** Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 261-293.
- MELLO, Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia. “Um plano regulador para o município: Elementos constitutivos do plano.” *Engenharia* n° 41 (vol. IV), janeiro de 1946.
- MELLO, Luiz Ignacio Romeiro de Anhaia. “Urbanismo e democracia.” *Engenharia* n° 37 (vol. IV) setembro de 1945.
- MELLO, Luiz Ignacio Romeiro de Anhaia. “Urbanismo e política financeira.” *Engenharia* n° 37 (vol. IV) setembro de 1945.
- MELLO, Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia. **Plano Regional de São Paulo.** São Paulo: s.c.p, 1954.
- MELLO, Luiz Ignacio Romeiro de Anhaia. **Problemas de urbanismo: Bases para a resolução do problema técnico.** Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1929.
- MELLO, Luiz Ignacio Romeiro de Anhaia. **Problemas de urbanismo: O problema econômico dos serviços de utilidade pública.** Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1930.
- MEYER, Regina Maria Prosperi. “São Paulo anos 50: Metrôpole e urbanismo.” Tese de Doutorado, FAU / USP, São Paulo, 1991.
- MEYER, Regina Maria Prosperi; GROSTEIN, Marta Dora & BIDERMAN, Ciro. **São Paulo metrôpole.** São Paulo: Edusp / Imprensa Oficial, 2004.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945).** Difel, Rio de Janeiro, 1979.
- MILNER, Andrew. “Estudos culturais.” In: WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave.** São Paulo: Boitempo, 2007, pp. 420-427.
- MOLINÉ, Roser Majoral (org.). **Planificación territorial en países de Latinoamérica y Europa: De la Academia a la práctica.** Barcelona: Universitat de Barcelona, 2004.
- MONTANER, Josep Maria. **La modernidad superada: Arquitectura, arte y pensamiento del siglo XX.** Barcelona: Gustavo Gili, 1997.
- MOREIRA, Fernando Diniz. “A formação do urbanismo moderno no Brasil: As concepções urbanísticas do engenheiro Saturnino de Brito.” In: *Espaço & Debates* n° 40 (vol. XVII) 1997.
- MOREIRA, Fernando Diniz. Urbanismo, modernidade e projeto nacional: reflexões em torno do Plano Agache. In: *Docomomo*. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Fernando%20Diniz%20Moreira.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.
- MORO JUNIOR, Enio. “O alcance dos planos municipais de revitalização urbana: O caso do Projeto Eixo Tamandatehy.” Tese de Doutorado, FAU / USP, São Paulo, 2005.

- MORSE, Richard M. **A volta de McLuhanaíma**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MORSE, Richard M. **Formação histórica de São Paulo**. São Paulo: Difel, 1970
- MORSE, Richard M. **O espelho de Próspero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- MORSE, Richard. M. **De comunidade a metrópole**. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954.
- MORSE, Richard. M. **From community to metropolis**. Miami: University of Gainesville, 1958.
- MOTA, Carlos Guilherme (org). **Viagem incompleta: A experiência brasileira (1500-2000). Vol. II: A grande transação**. São Paulo: Senac, 2000.
- MOTA, Carlos Guilherme. “Historiografía de la ciudad iberoamericana.” In: GÓMEZ, Julio Sánchez & PÉREZ, José Manuel Santos (orgs.). **De urbe indiana: Ensayos sobre ciudades y urbanismo en Brasil y en la América hispana**. Salamanca: Ediciones de la Universidad, 2010, pp. 13-46.
- MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira**. São Paulo: Editora 34, 2008.
- MOTA, Lourenço Dantas (org.). **Introdução ao Brasil 2: Um banquete no trópico**. São Paulo: Senac, 2001.
- MOTA, Lourenço Dantas (org.). **Introdução ao Brasil: Um banquete no trópico**. São Paulo: Senac, 1999.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1966.
- NEEDEL, Jeffrey D. **A tropical Belle Époque: Elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- NOVICK, Alicia. “Espaços públicos e projetos urbanos. Oposições, hegemonias e questões”. *Arquitextos* n° 54 (vol. V), novembro de 2004. (<http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.054/524/pt>).
- NOVICK, Alicia. “Foreign hires: French experts and the urbanism of Buenos Aires.” In: NARS, J. & VOLAIT, M. (orgs.). **Urbanism: imported or exported? Native aspirations and foreign plans**. S.l.p.: s.c.p, 2003.
- NOVICK, Alicia. “La ciudad y los grandes proyectos.” In: KULLOCK, David & NOVICK, Alicia (orgs.). **Debates sobre ciudad y territorio**. Buenos Aires: Nobuko, 2010, pp. 41-67.
- NOVICK, Alicia. “La ciudad, el urbanismo y los intercambios internacionales. Notas para la discusión.” II Seminário de História Urbana, Campinas, 2009.
- NOVICK, Alicia. “Los inicios del urbanismo desde el Museo Social Argentino: 1911-1922.” Trabalho apresentado no Seminário Origens das políticas urbanas modernas: Europa e América Latina, empréstimos e traduções. Itamonte, 1994.
- NOVICK, Alicia. “Vistas desde el río: La experiencia de Puerto Madero.” *Archivos de Arquitectura Antillana* n° 36.
- NOVICK, Alicia. “Planes realizados y proyectos inconclusos en la construcción de la ciudad moderna. Buenos Aires, 1900-1940.” Tesis de Doctorado en Historia, Universidad de San Andrés.
- OLIVEIRA, Francisco Baptista de. “Codigo Urbanistico Brasileiro.” *Urbanismo e Viação* n° 13 (vol. IV) março de 1941.
- OLIVEIRA, Francisco Baptista de. “Estrutura do Plano Nacional de Urbanismo.” *Urbanismo e Viação* n° 18 (vol. IV) dezembro de 1941.

OLIVEIRA, Francisco Baptista de. “Instituto Brasileiro da ‘Casa Popular.’” In: *Urbanismo e Viação* n° 13 (vol. IV) março de 1941.

OLIVEIRA, Márcio Piñon de. **Projeto Rio Cidade: intervenção urbanística, planejamento urbano e restrição à cidadania na cidade do Rio de Janeiro.** Anales del X Coloquio Internacional de Geocrítica – “Diez años de cambios en el mundo, en la geografía y en las ciencias sociales, 1999-2008.”, Universidad de Barcelona, 26-30 de maio de 1998.

OLIVEIRA, Sonia Maria Queiroz de. **Planos urbanos do Rio de Janeiro – Plano Agache.** Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2009.

OLLERTZ, Aline. “Projeto Corredor Cultural.” Resenha Vitruvius, 2008. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/07.076/3078>

OSELLO, Marcos A. “Planejamento Urbano em São Paulo (1899-1961).” Dissertação de Mestrado, EAESP / FGV, São Paulo, 1983.

OUTTES, Joel. “Les urbanistes sud-américains dans les congrès internationaux et les congrès internationaux pour la réforme urbaine en Amérique Latine (1909-1941).” Trabalho apresentado no Seminário “As origens das políticas urbanas na América Latina: 1900-1950.” Itamonte, agosto a setembro de 1994.

PADILHA, Nino (org.). **Cidade e urbanismo: História, teorias e práticas.** Salvador: MAU / FAUFBA, 1998.

PECHMAN, Robert (org.). **Olhares sobre a cidade.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

PEET, Richard. “Mapas do mundo no fim da história.” In SANTOS, Milton et al. (orgs.): **Fim de século e globalização.** Hucitec/ANPUR, São Paulo, 1993.

PINHEIRO, Eloísa Petti & GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. “Retraçando percursos: O papel dos Seminários de História da Cidade e do Urbanismo na constituição de um campo de estudos. In: PINHEIRO, Eloísa Petti & GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (orgs.). **A cidade como história: Os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo.** Salvador: EDUFBA / PPGAU / FAUFBA, 2005, pp. 19-42.

PINHEIRO, Eloísa Petti. “A ‘haussmanização’ e sua difusão como modelo urbano no Brasil.” Anais do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Campinas, 1998.

PINHEIRO, Eloísa Petti. “Circulação de ideias e academicismo: Os projetos urbanos para as capitais do Cone Sul, entre 1920 e 1940.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). **Urbanismo na América do Sul: Circulação de idéias e constituição do campo, 1920-1960.** Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 119-148.

PINHEIRO, Eloísa Petti. **Europa, França e Bahia: Difusão e adaptação de modelos urbanos.** Salvador: EDUFBA, 2002.

PORTA, Paula (org.). **História da cidade de São Paulo.** São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 2004.

PORTES, Alejandro; ROBERTS, Bryan R. & GRIMSON, A. (orgs.). **Ciudades latino-americanas: Un análisis comparativo en el umbral del nuevo siglo.** Buenos Aires: Prometeo, 2005.

PRADO JR., Caio. **O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo.** São Paulo: Brasiliense, 1975.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo.** São Paulo: FSP, 2000. (1ª edição: São Paulo: Martins, 1942.)

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (1ª ed.: São Paulo: Duprat, 1928.)

- RABHA, Nina Maria de Carvalho Elias (coord.). **Planos urbanos: Rio de Janeiro – O século XIX**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro / secretaria Municipal de Urbanismo / Instituto Pereira Passos, 2008.
- RAGON, Michel. **Histoire de l'architecture et de l'urbanisme modernes (3 vols.)**. Paris: Seuil, 1995.
- RAMA, Angel. **The lettered city**. Durham: Duke University Press, 1996.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. “Notas sobre o urbanismo no Brasil. Segunda parte: Séculos XIX e XX.” Cadernos do LAP. São Paulo, FAUUSP.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil: 1500-1720**. São Paulo: Pioneira, 1968.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução urbana do Brasil 1500-1720**. São Paulo: Pini, 2001.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Memória do transporte rodoviário**. São Paulo: CPA, 1997
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **São Paulo e outras cidades**. São Paulo: Hucitec, 1983.
- REIS, Nestor Goulart. “Algumas experiências urbanísticas no início da República: 1890-1920.” Cadernos do LAP n° 1, São Paulo, FAU/ USP, 1994.
- REIS, Nestor Goulart. “Urbanização e modernidade: Entre o passado e o futuro, 1808-1945.” In. MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem incompleta: A experiência brasileira, 1500-2000. Vol. II: A grande transação**. São Paulo: Senac, 2000.
- REIS, Nestor Goulart. **Dois séculos de obras no Estado de São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.
- REIS, Nestor Goulart. **São Paulo: Vila, cidade, metrópole**. São Paulo: PMSP, 2004.
- REZENDE, Vera. **Planejamento urbano e ideologia: Quatro planos urbanos para o Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & CARDOSO, Adauto Lucio. “Da cidade à nação: Gênese e evolução do urbanismo no Brasil.” In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & PECHMAN, Robert (orgs.). **Cidade, povo e nação. Gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, pp.53-78.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & CARDOSO, Adauto Lucio. “Da cidade à nação: Gênese e evolução do urbanismo no Brasil.” In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & PECHMAN, Robert (orgs.). **Cidade, povo e nação. Gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, pp.53-78.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & CARDOSO, Adauto Lucio. “Planejamento urbano no Brasil: Paradigmas e experiências.” *Espaço & Debates* n° 37 (ano XIV), pp. 77-89.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & PECHMAN, Robert (orgs.). **Cidade, povo e nação. Gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- RIBEIRO, Luiz César de Queiroz & SANTOS JR., Orlando A. dos. **Globalização, fragmentação e reforma urbana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. “Transferências, empréstimos e traduções na formação do urbanismo no Brasil.” In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & PECHMAN, Robert (orgs.). **Cidade, povo e nação. Gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, pp. 15-21.
- RIBEIRO, Luiz Cesar Queiroz. **O futuro das metrópoles: Desigualdade e governabilidade**. Rio de Janeiro: REVAN/FASE, 2000.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: Legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel / Fapesp, 1997.

ROMERO, José Luís & ROMERO, Luís Alberto (orgs.). **Buenos Aires: Historia de cuatro siglos**. Buenos Aires, Altamira, 2000.

ROMERO, José Luís. **Breve história de la Argentina**. 5 edição. Buenos Aires, 2004.

ROMERO, José Luís. **Latinoamerica: Las ciudades y las ideas**. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2001. (Edição brasileira: ROMERO, José Luís. **América Latina: As cidades e as idéias**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.)

ROMERO, Luís Alberto. **História contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

RONCAYOLO, Marcel. “La production de la ville. Le modèle haussmanien.” In: DUBY, Georges (org.). **Histoire de la France urbaine. Vol. 4: La ville de l’âge industriel**. (Volume dirigido por Maurice Agulhon.) Paris: Seuil, 1983, pp. 77-117.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

s.n.a. (1911). “Melhoramentos de São Paulo: A primeira secção do plano Bouvard. Os ‘blocos’ do Valle Anhangabahú.” *Revista de Engenharia* nº 4 (vol. I), setembro de 1911, p. 97.

s.n.a. (1911). “Melhoramentos de São Paulo: A primeira secção do plano Bouvard. Os ‘blocos’ do Valle Anhangabahú.” *Revista de Engenharia* nº 4 (vol. I), setembro de 1911, p. 97.

s.n.a. “El nuevo plan de la ciudad de Buenos Aires: Informe del arquitecto J. Bouvard.” Buenos Aires: Talleres Graficos de la Penitenciaría Nacional, 1910.

s.n.a. “Embelhecimento da capital federal.” *Arquitetura no Brasil* nº 26 (vol. III) dezembro de 1925 a janeiro de 1926.

s.n.a. “Excursão ao rio da Prata.” *Boletim do Instituto de Engenharia* nº 122 (vol. XXIII) março a abril de 1936.

s.n.a. “III Congresso Pan-Americano de Architectos.” *Revista de Engenharia Mackenzie* nº 44 (vol. XII) setembro de 1927.

s.n.a. “IV Congresso Pan-Americano de Architectos.” *Revista de Engenharia Mackenzie* nº 52/53 (vol. XV) junho de 1930.

s.n.a. “Noticiário – Segundo Congresso Pan-Americano de Architectos.” *Arquitetura no Brasil* nº 21 (vol. II) junho de 1923.

s.n.a. “O novo plano de urbanização da esplanada do Castello.” *Urbanismo e Viação* nº 5 (vol. II) setembro de 1939.

s.n.a. “Os melhoramentos de São Paulo: Projecto Alexandre de Albuquerque.” *Revista de Engenharia* nº 2 (vol. I), julho de 1911, pp. 37-38.

s.n.a. “Os melhoramentos de São Paulo: Projecto Alexandre de Albuquerque.” *Revista de Engenharia* nº 2 (vol. I), julho de 1911, pp. 37-38.

s.n.a. “Primeiro Congresso Brasileiro de Urbanismo.” *Urbanismo e Viação* nº 11 (vol. III) dezembro de 1940; e nº 13 (vol. IV) março de 1941.

s.n.a. “Rio de Janeiro.” *Arquitetura e Construções* nº 11 (vol. I) junho de 1930.

s.n.a. “Urbanização do Rio.” *Urbanismo e Viação* nº 11 (vol. III) dezembro de 1940.

s.n.a. *AU Arquitetura e Urbanismo* nº 197, (vol. XXV), agosto de 2010.

s.n.a. “Melhoramentos de São Paulo: A primeira secção do plano Bouvard. Os “blocos” do Valle Anhangabahú.” *Revista de Engenharia* nº 4 (vol. I), setembro de 1911.

s.na. “O relatório do Sr. Bouvard.” *Revista de Engenharia* nº 6., junho de 1911-maio de 1912, pp. 42-43.

SAGMACS. **A estrutura urbana da aglomeração paulistana.** São Paulo: Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais, 1958.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. “O pensamento francês na fundação de Belo Horizonte: Das representações às práticas.” In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). **Cidades capitais no século XX.** São Paulo: Edusp, 2001, pp. 135-181.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (org.). **A promoção privada da habitação econômica e a arquitetura moderna, 1930-1964.** São Paulo: RiMa / Fapesp, 2002.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (org.). **Habitação e cidade.** São Paulo: FAU / USP / Fapesp, 1998.

SANTIAGO, Silviano (org.). **Intérpretes do Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, 3 vols.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade.** São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos; PEREIRA, Margareth Campos da Silva; PEREIRA, Romão Veriano da Silva; e SILVA, Vasco Caldeira da. **Le Corbusier e o Brasil.** Tessela / Projeto, São Paulo, 1987.

SANTOS, Milton. **Ensaio sobre a urbanização latinoamericana.** São Paulo: Hucitec, 1982.

SANTOS, Paulo. **Quatro séculos de arquitetura.** Rio de Janeiro: IAB, 1984.

SARAIVA, Amadeu de Barros. “Recentes criações urbanas em São Paulo.” In: *Arquitetura no Brasil* nº 29 (vol. V) junho a julho de 1926.

SARLO, Beatriz. **Escenas de la vida posmoderna: Intelectuales, arte y videocultura en la Argentina.** Buenos Aires: Ariel, 1994.

SARLO, Beatriz. **Instantáneas.** Buenos Aires: Ariel, 1996.

SARLO, Beatriz. **La imaginación técnica.** Buenos Aires: Nueva Visión, 1997.

SARLO, Beatriz. **Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930.** Buenos Aires: Nueva Visión, 1988.

SCARLATO, Francisco Capuano; SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; ARROYO, Monica (orgs.). **Globalização e espaço latinoamericano.** São Paulo: Hucitec / ANPUR, 1997.

SCHWARZ, Roberto. “As idéias fora do lugar.” In: SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor, as batatas.** Editora 34 / Duas Cidades, 2000, pp. 9-31.

SCOBIE, James R. **Buenos Aires: Del centro a los barrios, 1870-1910.** Buenos Aires: Solar, 1977.

SCOBIE, James R. **Buenos Aires: Plaza to Suburb, 1870 - 1910.** New York: Oxford University Press, 1974.

SCOBIE, James R. **Buenos Aires: Plaza to suburb, 1870-1910.** Oxford: Oxford University Press, 1974.

SCOTT, Allen J. “Global city regions: Planning and policy dilemmas in a neo-liberal world.” In: FREESTONE, Robert (org.). **Urban planning in a changing world: The twentieth century experience.** London: E & F Spon, 2000, pp. 249-268.

- SEABRA, Odette C. de Lima. “Os meandros dos rios nos meandros do poder: O processo de valorização dos rios e das várzeas do Tietê e do Pinheiros na cidade de São Paulo.” Tese de Doutorado, Departamento de Geografia, FFLCH / USP, São Paulo, 1987.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil (1900-1990)**. Edusp, São Paulo, 1998.
- SEGAWA, Hugo. **Prelúdio da Metrópole. Arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- SEGRE, Roberto. “Introduzione storica all’architettura di Buenos Aires.” *Casabella* n° 285, Milano, 1964.
- SEGRE, Roberto. “Mestres e discípulos no urbanismo latino-americano (1920-1960): Buenos Aires e Havana, duas cidades paradigmáticas.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). **Urbanismo na América do Sul: Circulação de idéias e constituição do campo, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 93-118.
- SEGRE, Roberto. “Notas sobre a historiografia da arquitetura na América Hispânica” In: LASSANCE, Guilherme; ROCHA-PEIXOTO, Gustavo; BRONSTEIN, Laís & OLIVEIRA, Beatriz Santos de. **Leituras em teopria da arquitetura: 2 – Textos**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010, pp. 74-93.
- SEGRE, Roberto. **América Latina fim de milênio: Raízes e perspectivas de sua arquitetura**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- SEGRE, Roberto. **Arquitetura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2003.
- SEGRE, Roberto. **Arquitetura e urbanismo da Revolução Cubana**. São Paulo: Studio Nobel, 1990.
- SEGRE, Roberto; COYULA, Mario & SCARPACI, Joseph L. **Havana: Two faces of the Antillean metropolis**. Durham: North Carolina University Press, 2002.
- SENNET, Richard & THERNSTROM, S. (orgs.). **The nineteenth-century city: Essays in new urban history**. New Haven / London: Yale University Press, 1969.
- SENNET, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SENNET, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.
- SICA, Paolo. “La formación del urbanismo entre los siglos XIX e XX.” In: **Historia del urbanismo: El siglo XX**. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1981, pp. 10-12.
- SICA, Paolo. **Historia del urbanismo: El Siglo XIX (2º)**. Instituto de Estudios de Administración Local, Madrid, 1981.
- SICA, Paolo. **Historia del urbanismo: El siglo XX**. Instituto de Estudios de Administración Local, Madrid, 1981.
- SILVA, Luís Octavio da. “Cidade e história: Um olhar epistemológico.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras & PINHEIRO, Eloísa Petti (orgs.). **A cidade como história: Os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo**. Salvador: EDUFBA / PPGAU / FAUFBA, 2005, pp. 151-173.
- SIMÕES JR., José Geraldo (org.). **A cidade iberoamericana**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, CD-ROM, 2002.
- SIMÕES JR., José Geraldo. **Anhangabaú: História e urbanismo**. São Paulo: Senac, 2005.

- SOCIEDAD CENTRAL DE ARQUITECTOS. **Cien años de compromiso con el país: 1886-1986.** Buenos Aires: SCA, 1986.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de. **Territórios.** Barcelona: GG, 2003.
- SOLSONA, Julio & HUNTER, Carlo. **La Avenida de Mayo: Un proyecto inconcluso.** Buenos Aires: FADU, 1990.
- SOMEKH, Nadia & CAMPOS, Candido Malta (orgs.). **A cidade que não pode parar: Planos urbanísticos de São Paulo no século XX.** São Paulo: Mackpesquisa, 2008.
- SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador.** São Paulo: Studio Nobel: / Edusp, 1997.
- SOMEKH, Nádía. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador.** São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- SOUZA, Célia Feraz de & ALMEIDA, Maria Soares de. “Fronteiras intercambiáveis: O urbanismo que veio do Uruguai.” In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (org.). **Urbanismo na América do Sul: Circulação de idéias e constituição do campo, 1920-1960.** Salvador: EDUFBa, 2009, pp. 175-202.
- STUCKENBRUCK, Denise Cabral. **O Rio de Janeiro em questão: o Plano Agache e o ideário reformista do anos 20.** Rio de Janeiro: Observatório de Políticas Públicas / IPPUR / FASE, 1996.
- SUTCLIFFE, Anthony. **Towards the planned city: Germany, Britain, the United States and France, 1780-1914.** Oxford: Blackwell, 1981.
- TARANTINI, Jorge. “La polemica Bouvard-Jaeschke (Buenos Aires 1907-1911).” *Resistência* n° 30, 1991.
- TOLEDO, Benedito Lima de. **Anhangabahú.** São Paulo: FIESP, 1988.
- TOLEDO, Benedito Lima de. **Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo.** São Paulo: Cia. das Artes, 1996.
- TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: Três cidades em um século.** São Paulo: Duas Cidades, 1983 (nova edição em 2007).
- TOPALOV, Christian et al. (orgs.). **L’aventure des mots de la ville.** Paris: Robert Laffont, 2010.
- TOPALOV, Christian. “Da questão social aos problemas urbanos: Os reformadores e a população das metrópoles em princípios do século XX.” In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz & PECHMAN, Robert (orgs.). **Cidade, povo e nação. Gênese do urbanismo moderno.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, pp. 23-51.
- TOPALOV, Christian. “Os saberes sobre a cidade: Tempos de crise?” *Espaço & Debates* n° 34 (ano XI), 1991, pp. 28-38.
- TOPALOV, Christian. **La urbanización capitalista.** Edicol., Mexico, 1979.
- VALLMITJANA, Marta et al. **El Plan Rotival: La Caracas que no fue, 1939-1989.** Caracas: Ediciones Instituto de Urbanismo / Facultad de Arquitectura y Urbanismo / Universidad Central de Venezuela, 1991.
- VEDIA, Juan Molina y. **Mi Buenos Aires herido: Planes de desarrollo territorial y urbano (1535-2000).** Buenos Aires: Colihue, 1999.
- VILLAÇA, Flavio. “Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil.” In: DEÁK, Csaba & SCHIFFER, Sueli Ramos (orgs.). **O processo de urbanização no Brasil.** São Paulo: Edusp / Fupam, 1999, pp. 182-187.

- VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel / Fapesp, 2001.
- VILLARES, Henrique Dumont. **Urbanismo e problemas de São Paulo**. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1948.
- VIOLICH, Francis. **Cities of Latin America: Housing and planning to the South**. New York: Reinhold, 1944.
- WARD, Stephen. "Re-examining the international diffusion of planning." In: FREESTONE, Robert (org.). **Urban planning in a changing world. The twentieth century experience**. London: E & FN Spon, 2000, pp. 40-60.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- WILLIAMS, Raymond. **Política e modernismo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.
- ZARZA, Eugenio Garcia. **La ciudad en cuadrícula o hispanoamericana: Origen, evolución y situación actual**. Salamanca: IEIP, 1993.